



"QUEM NOS SEPARARÁ
DO AMOR DE CRISTO?"

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2013

"QUEM NOS SEPARARÁ
DO AMOR DE CRISTO?"

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2013

© 2013 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón

Tradução de Ana Maria Coimbra Gonçalves.

Na capa: Giotto, *Última ceia* (pormenor). Capela dos Scrovegni, Pádua (Itália).

Cidade do Vaticano, 16 de Abril de 2013

*Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

Reverendo Padre,

Por ocasião do curso anual de Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que terá lugar em Rimini sobre o tema «Quem nos separará do amor de Cristo?», no contexto do Ano da Fé, Sua Santidade o Papa Francisco deseja transmitir aos organizadores e aos numerosos participantes a sua cordial e auspiciosa saudação. Expressando satisfação pela próspera iniciativa pastoral, o Santo Padre faz votos de que ela suscite renovada adesão ao Divino Mestre e crescente consciência de que o Senhor está vivo e caminha connosco e, invocando abundantes graças celestiais, pede uma lembrança na oração e envia de coração, por intercessão da Virgem Maria, a implorada bênção apostólica, propiciadora de um sempre fecundo caminho eclesial.

Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade

Sexta-feira 19 de Abril, noite

À entrada e à saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra n. 23 em lá maior, K 488

Wilhelm Kempff, piano

Ferdinand Leitner – Bamberger Symphoniker

Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Não somos nós que construímos a Igreja, «a Igreja não começa com o “fazer nosso”»,¹ recordou-nos Bento XVI. Não é o nosso fazer que consegue redespertar a nossa vida. Por isso, assim como para os discípulos, também para nós, aqui reunidos para começar os nossos Exercícios Espirituais, a coisa mais adequada à nossa pobreza, à nossa incapacidade é pedir: pedir o Espírito para que seja Ele a redespertar-nos, a redespertar todo o nosso desejo, toda a nossa espera de Cristo.

Descei Espírito Santo

Saúdo cada um de vocês aqui presentes, todos os amigos que de vinte e um países estão ligados a nós por videoconferência e todos aqueles que vão participar nos Exercícios nas próximas semanas.

Começo por ler o telegrama do Santo Padre: “Por ocasião do curso anual de Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que terá lugar em Rimini com o tema: “Quem nos separará do amor de Cristo?”, no contexto do Ano da fé, Sua Santidade o Papa Francisco deseja dirigir aos organizadores e aos numerosos participantes a sua cordial e auspiciosa saudação. Expressando satisfação pela próspera iniciativa pastoral, o Santo Padre faz votos de que ela suscite renovada adesão ao Divino Mestre e crescente consciência de que o Senhor está vivo e caminha connosco e, invocando abundantes graças celestiais, pede uma lembrança na oração e envia de coração, por intercessão da Virgem Maria, a implorada bênção apostólica, propiciadora de um sempre fecundo caminho eclesial. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

¹ Bento XVI, *Meditação no decurso da primeira Congregação Geral da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 8 de Outubro de 2012.

“Mas o Filho do homem, quando voltar, encontrará fé sobre a terra?”²

Parece-me que esta frase exprime melhor do que qualquer outra a verdadeira questão perante a qual cada um de nós se encontra, em especial nestes tempos. E como já a ouvimos tantas vezes, o risco é suspendermos de imediato, considerando-a um pouco exagerada, uma frase de Jesus que, tudo somado, não nos diz respeito, como quem diz: “Mas o que é que tem propriamente a ver connosco? Poderá aplicar-se aos outros, aos que não acreditam ou aos agnósticos. Mas a nós?” E deste modo arquivamos a questão ainda antes de começar.

Mas duas chamadas de atenção indicam-nos que nos convém realizar uma iniciativa como esta. A primeira foi o gesto de Bento XVI de convocar o Ano da Fé: «Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até por ser negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, [...] hoje parece já não ser assim em grandes sectores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas».³ Esta crise está a provocar efeitos cada vez mais manifestos também em terras fecundas – dizia também Bento XVI aos bispos italianos – que correm assim o risco de se tornarem um «deserto inóspito».⁴

Para nós tudo isto devia ser familiar, porque o movimento nasceu exactamente para responder a este desafio lançado à fé, quando o deserto começava a mostrar os primeiros sinais. Quantos de nós chegámos aqui vindos do deserto e descobrimos novamente o valor do cristianismo, mesmo quando estávamos no nada!

Todavia isto não nos pode confundir, como se agora a questão tivesse ficado para trás. Esta carta testemunha-nos isso: «O trabalho que nos estás a propor nestes tempos provoca-me e leva-me a fazer uma pergunta que nunca pensei fazer a mim mesma após quase quarenta anos de movimento: mas eu creio ou não? Ah sim, se se tratasse de uma teoria para repetir ou de princípios a afirmar não seria necessário, bastava aprender o discurso de uma vez por todas e depois adaptá-lo às diversas situações, e muitas vezes é assim. Enquanto para o mundo de hoje a fé já não é um

² Lc 18,8.

³ Bento XVI, *Porta fidei*, Carta Apostólica de 11 de Outubro de 2011.

⁴ Bento XVI, *Discurso à Assembleia da Conferência Episcopal Italiana*, 24 de Maio de 2012.

pressuposto óbvio, para mim muitas vezes arrisca-se a ser apenas um pressuposto óbvio, já sabido, dado por adquirido. Para uma fé assim [reduzida a isto] a pergunta é: mas eu creio ou não? Esta pergunta contém muitas vezes um laivo de cepticismo ou de moralismo, que com o tempo se tornam insuportáveis. É como se, não bastando ou não tendo consciência daquilo que me aconteceu e continua a acontecer, o crer fosse o resultado de algo que tenho eu de acrescentar ou aplicar. É um cansaço que te consome».

Ou ainda esta outra carta: «Caro padre Carrón, durante o nosso grupinho de Escola de Comunidade alguns de nós contaram a sua experiência. Todos os intervenientes descreviam uma determinada atitude diante da vida: um falava de como está a tomar conta dos seus pais, outro de uma atitude diferente no trabalho que o fazia estar mais contente, outro dava um juízo sobre um certo tipo de experiência. Tudo coisas belas e interessantes, mas que também podiam ser fruto de um esforço intelectual ou moral. O que tem então a ver a experiência cristã? Nenhum de nós põe em dúvida a existência de Deus, mas onde está a diferença? Qualquer um tomaria conta dos seus pais, qualquer um pode ser bem sucedido no seu trabalho, todos têm o desejo e tentam tratar bem o seu namorado ou marido, ou os filhos. Parece-me que às vezes se salta logo para o após, para as consequências. Mas do fascínio do cristianismo, de que tantas vezes falamos, o que permanece? Do fascínio por Cristo o que fica? Nestes tempos senti-me tocada pelas leituras da Páscoa, que relatam o espanto dos apóstolos diante de Jesus ressuscitado e a frase que se repete continuamente: “Acreditaram n’Ele”. Então que diferença existe entre sermos boas pessoas e um cristianismo de carne e osso?».

Se a fé se torna somente um pressuposto óbvio ou é reduzida a consequências éticas, do fascínio por Cristo o que é que permanece?

Todos devíamos estar gratos a quem, como esta amiga, nos coloca tal pergunta, nos obriga a olhar esta pergunta, não se contenta com as consequências, mas atira-nos com esta pergunta.

A segunda chamada de atenção vem precisamente de *don* Giussani, que nunca deixou de nos solicitar a não dar a fé como óbvia. O motivo é simples: pode-se pertencer ao movimento – diz – sem ter uma fé real: «O verdadeiro problema de CL hoje é a verdade da sua experiência e, por conseguinte, a sua coerência com a origem. Existe entre nós uma atitude em virtude da qual a urgência principal é como correm as coisas, como vai a comunidade, ao passo que a urgência deve ser voltar a dar vida a uma sensibilidade pela verdade da experiência do movimento. É preciso que CL seja vida e não fique apenas como um esquema.

[...] Pode-se pertencer ao movimento, hoje, sem que isso implique uma fé real, sem que a vida das pessoas e das comunidades seja contestada, sem conversão».⁵

O Papa Francisco afirmou recentemente que, às vezes «por superficialidade, às vezes por indiferença, [estamos] ocupados com mil coisas que se consideram mais importantes que a fé».⁶ Mas isto não acontece sem consequências para a vida. E para facilitar a cada um de nós aperceber-se disto, *don* Giussani oferece-nos, como de costume, o indício mais clamoroso desta situação: «[O] sintoma [mais impressionante] da prevalência do esquema sobre a vida é o desânimo que colhe o adulto quando colocado diante dos problemas da vida. Como tom geral, o adulto evita o esforço de uma encarnação da fé na vida, e não se deixa pôr em crise [...] por ela; ou então na relação com a mulher, na educação dos filhos, no problema político ou no trabalho, actua dispensando aquilo que apregoa na vida da comunidade. No máximo, faz-se portador de iniciativas lançadas pela comunidade».⁷

O nosso desânimo, de adultos, diante dos problemas da vida está então, segundo *don* Giussani, estreitamente ligado ao esforço da encarnação da fé na vida. Se a fé não é um recurso para viver as dificuldades que somos obrigados a enfrentar, para que serve acreditar? O que é que quer dizer ter fé? *Don* Giussani tem um juízo preciso sobre a situação em que vivemos: «o grande problema do mundo de hoje já não é uma teorização interrogativa, mas uma pergunta existencial. Não é: “Quem tem razão?”, mas: “Como é que se consegue viver?”. O mundo de hoje é reconduzido ao nível da miséria evangélica; no tempo de Jesus, o problema era como conseguir viver e não quem tinha razão: esse era o problema dos escribas e dos fariseus. Esta observação altera também a estrutura da nossa preocupação: temos de passar de uma posição intelectualmente crítica à paixão por aquilo que caracteriza o homem hoje: a dúvida sobre a existência, o medo de existir, a fragilidade da vida, a inconsistência de si próprio, o terror da impossibilidade; o horror da desproporção entre si e o ideal. Este é o fundo da questão e daqui parte-se para uma cultura nova, para uma crítica nova».⁸

⁵«Il vero problema di CL è la verità della sua esperienza», por L. Cioni, *CL litterae communionis*, n° 4, Abril de 1977, p. 8.

⁶Francisco, *Audiência Geral*, 3 de Abril de 2013.

⁷«Il vero problema di CL è la verità della sua esperienza», op. cit., p. 8.

⁸*Corresponsabilità*. Excertos da discussão com Luigi Giussani no Conselho Internacional de Comunhão e Libertação – Agosto de 1991, *Litterae communionis-CL*, novembro de 1991, p. 33.

Estas palavras têm hoje um peso ainda maior do que quando foram pronunciadas, no longínquo 1991. Este juízo de *don* Giussani identifica, de facto, muito bem a que nível se coloca a dificuldade de viver, essa dificuldade que Pavese descreve com a sua habitual genialidade: «A vida do homem desenrola-se lá em baixo, entre as casas, nos campos. Diante da lareira e numa cama. E cada dia que passa apresenta-te a mesma canseira e as mesmas carências. É uma maçada, no fim de contas [...]. Há uma borrasca que renova os campos – nem a morte, nem os grandes sofrimentos desencorajam. Mas a dificuldade interminável, o esforço para estar vivo de hora em hora, a notícia do mal dos outros, do mal mesquinho, maçador como moscas no verão – este é o viver que tolhe as pernas».⁹ É difícil descrever o drama da vida quotidiana de modo mais perspicaz e mais pertinente que este. Em cada dia a mesma canseira e a mesma carência. Um esforço interminável, maçador, como moscas no verão. Este quotidiano é o «viver que tolhe as pernas». Os grandes sofrimentos ou a morte não nos desencorajam, no fim de contas, mas este quotidiano que tolhe as pernas é aquilo que torna a vida verdadeiramente dramática.

É, então, diante do viver que tolhe as pernas (não nos nossos pensamentos, nas nossas intenções, nos nossos sentimentos, nas nossas discussões) que temos de fazer a verificação da fé: é diante dos desafios do real! *Don* Giussani nunca alivia a pressão, colocando-nos perante a questão em termos existenciais, impede-nos de fazer batota com nós próprios e com a fé. Ele desafia-nos dizendo que é precisamente diante das provas da vida que se vê se é autêntica ou não a nossa fé: «Este é [...] o sintoma da verdade, da autenticidade ou não da nossa fé: se em primeiro lugar está verdadeiramente a fé ou um outro tipo de preocupações, se esperamos tudo do facto de Cristo ou se, do facto de Cristo, esperamos aquilo que decidimos esperar, tornando-o em última instância motivação e suporte para os nossos projectos ou para os nossos programas [que se tornam, portanto, aquilo de que, na verdade, esperamos tudo!]. A lei do desenvolvimento espiritual, esta lei dinâmica da vida da nossa fé [...] é realmente de extrema importância, tanto para os indivíduos como para as colectividades; e para as colectividades como para os indivíduos. Continua a ser verdade que, para quem compreende Deus e quer Deus, tudo concorre para o bem; e continua a ser verdade que, na dificuldade, se torna manifesto se tu queres Deus ou não. [...] Aquilo que o homem ama torna-se manifesto diante da interrogação, do problema, da dificuldade. [...] Se aquilo que procuramos é Cristo ou o nosso amor-próprio, a afir-

⁹C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, Turim, Einaudi, 1947, pp. 165-166.

mação de nós mesmos, numa qualquer flexão, segundo uma qualquer versão, vê-se no momento da provação e da dificuldade».¹⁰

Este ano não faltaram dificuldades, pelo contrário. Todos as temos bem presentes, desde as mais gerais por causa de uma crise cada vez mais ameaçadora e que afecta sempre mais cada um de nós, os nossos amigos, conterrâneos, às dificuldades que nos afectaram como Movimento.

O que é que se tornou manifesto ao enfrentar todas estas dificuldades? Na Jornada de Início de ano demo-nos uma hipótese de trabalho para dar conta delas: «Na vida daqueles que Ele chama, Deus não permite que aconteça nada que não seja para a maturidade, para uma maturação daqueles que Ele chamou».¹¹ O teste que *don* Giussani propõe para verificar se estamos a ficar mais maduros na fé é a capacidade de cada um de nós para transformar aquilo que se apresenta como objecção, perseguição ou, em todo o caso, dificuldade, em instrumento ou momento de amadurecimento. É isto que demonstra a verdade da nossa fé.

O que é que fizemos desta hipótese de trabalho? Utilizámo-la? Tentámos verificá-la? Seja qual for a resposta que tenhamos dado à proposta feita, o que aconteceu? Se a usámos, o que aconteceu? Se não a usámos, o que aconteceu? Que experiência fizemos? O que aprendemos?

Nos últimos tempos temos repetido muitas vezes que «uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente, confirmada por ela, útil para responder às suas exigências, não seria [...] uma fé capaz de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, diz o contrário».¹² Então, depois deste ano, estamos mais entusiasmados com a nossa fé e com o caminho feito ou estamos mais desencorajados, mais abatidos, mais esmagados? Depois de todos os desafios que tivemos de enfrentar, estamos mais certos ou mais incertos? Mais consistentes ou mais destruídos? As circunstâncias obrigaram-nos a um trabalho. Poderemos dizer, com mais consciência que nunca, depois dos desafios enfrentados: «Quem nos separará do amor de Cristo?» Não é que S. Paulo não tenha tido de enfrentar enormes dificuldades. Mas estas conduziram-no a uma certeza: «Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Segundo está escrito: “Por ti somos entregues à morte todos os dias, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro”. Mas, de todas estas coisas saímos

¹⁰ L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”. Apontamentos de uma conversa na “Scuola Quadri” de CL, Milão, 27 de Fevereiro de 1972, em *Passos-Litterae communionis*, Março de 2008, pp. I-XII.

¹¹ *Ibidem*.

¹² L. Giussani, *Educar é um risco*, Lisboa, Diel, 1999, p. 18.

mais que vencedores por Aquele que nos amou. Porque eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor que Deus nos manifesta em Cristo Jesus, Senhor Nosso”.¹³ Esta é, para nós, uma frase bonita com a qual estamos de acordo ou uma certeza fruto da experiência vivida? De facto, todos sabemos muito bem a diferença que existe entre repetir frases ou exprimir a experiência feita, carregada de carne, documentada pela vida.

Alguns podem responder assim: «Caro padre Carrón, li a síntese da Assembleia de responsáveis que teve lugar em Pacengo. À pergunta: “Mas eu de todo este período, durante o qual fomos desafiados sem tréguas, saí com mais certeza sobre Cristo?”, respondo sim. Parece uma presunção mas não é, porque é Cristo que me faz».

Oiçam também esta carta: «Sinto o desejo de te escrever toda a minha gratidão e todo o meu reconhecimento pelas últimas palavras que disses-te e escreveste. Refiro-me à síntese que fizeste na Assembleia de Responsáveis do movimento e às cartas que enviaste para a imprensa por ocasião de algumas circunstâncias que tocaram a nossa vida. Entretanto tenho a necessidade de te comunicar como, na vida quotidiana, o seguimento se está a tornar um factor fundamental para o meu crescimento pessoal na fé, que gera segurança para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. Está a acontecer em mim algo de surpreendentemente novo e, simultaneamente, de antigo, o renascimento da novidade que a experiência cristã introduz na minha mentalidade. É um caminho muito lento, mas inexorável, ao qual não quero oferecer resistência».

Ou ainda: «Caríssimo Julián, não consigo conter o que te quero dizer. Há vários dias que ando emocionada, até a noite passo agitada! Estou surpreendida por aos quarenta e oito anos viver esta emoção pensando que daqui a uns dias vou aos Exercícios da Fraternidade. O meu marido também reparou nisso e ontem à noite disse-me: “ Para mim, a coisa melhor destes Exercícios é esta tua emoção, esta tua expectativa. Quem consegue estar tão emocionada como tu!”. [não é que não lhe tenha acontecido nada...] Nestes anos, depois da morte do meu pai, o desejo de não o perder foi o único motor da minha vida. Fez-me recordar uma pergunta essencial: ou me prostro nas esquinas das circunstâncias, ou recomeço a partir da única coisa verdadeira que aconteceu na minha vida. A tua amizade, na proximidade das transmissões da Escola de comunidade, re-

¹³ *Rm* 8, 35-39.

acendeu este desafio! Com o tempo, é como se se tivesse rasgado um véu, e tudo à minha volta começou a ficar mais claro. Enquanto eu começava a ver com mais clareza, toda a realidade piorava, desmoronava-se, ruíam todas as seguranças (o trabalho do meu marido, a situação económica cada vez pior, com quatro filhos a estudar, a primeira na universidade), com tantos riscos inerentes. A coisa para mim mais absurda é que eu estou mais contente do que dantes, mas com uma alegria quase indizível. Agora noto que aquilo que me surpreende a mim começa também a surpreender os outros, que me dizem: “Tu estás diferente!”, ou então: “És tão apaixonada pelas coisas que eu gostava de me confrontar contigo!”. Mas a coisa que mais me espantou neste período, depois da resignação do Papa Bento e da chegada do Papa Francisco, foi ter dado por mim a falar de Cristo com as pessoas, de forma explícita e simples, como se fosse o sinal mais evidente daquilo que aconteceu. Uma pessoa disse-me: “Sabes, agora que me dizes isso, também noto isso!”. As pessoas ficam ali a ouvir-me, surpreendidas por uma descrição dos factos que é mais correspondente. E depois alguém falou do medo de perder o Papa Francisco, como se fala de uma coisa boa que pode acabar! E eu respondi, em primeiro lugar a mim própria, com uma frase de *Miguel Mañara* que há pouco tempo voltei a ouvir, pela voz de *don* Giussani (em CD) e que me tinha impressionado: “Porque temes perder aquilo que soube encontrar-te?”. Nada do que aconteceu foi idealizado por nós! Isto surpreendeu-me e surpreendeu os outros! P.S. Obrigada pelo testemunho que representas na minha vida».

O que é que resiste quando somos despojados de todas as certezas? Quem somos? A quem pertencemos? O que é que resiste depois de tantos dos nossos projectos terem falido? O que é que resta quando as nossas pretensões são anuladas? Resta aquilo que nos aconteceu, porque ninguém no-lo pode arrancar, nem mesmo nós próprios com as nossas desilusões, irritações ou rebeliões. Resta um facto que nos aconteceu.

Mas não nos basta que perdure. Cada um de nós tem de decidir, ou melhor: decide e já decidiu. A alternativa é clara: reconhecer o Facto, que apesar de tudo perdura, porque nada o consegue arrancar de nós, ou pelo contrário não reconhecer o Facto, deixando prevalecer as nossas medidas, os ressentimentos e os cepticismos. Cada um de nós, na resposta que der, poderá descobrir, observando-se a si próprio, o que é que tem de mais querido, a que é que verdadeiramente adere, o que é que prevalece na sua vida. Na modalidade com que respondemos gritaremos a toda a gente (a começar por nós próprios) o que é que temos de mais querido. Não é um problema de moral: é uma questão de juízo, de valor e de estima.

É a este nível que podemos perceber ao alcance da pergunta inicial: «Mas o filho do homem, quando voltar, encontrará fé sobre a terra?».¹⁴ Talvez nos ajude mais a não dá-la por adquirida se a formularmos de outra forma: mas nós ainda acreditamos que Cristo pode preencher a vida? Esperamos – como nos desafia *don* Giussani – verdadeiramente tudo do facto de Cristo ou, no fundo, já não somos assim tão «ingénuos» (dizemos) como no início, e Cristo já é só uma entre tantas coisas, um pretexto para os nossos projectos? Acreditamos que Cristo é a resposta adequada para nós agora, nas circunstâncias que vivemos, com a idade que temos? A fé em Cristo interessa à vida toda ou é só um rol de afirmações abstractas ou de iniciativas a fazer? Porque é verdade o que nos diz *don* Giussani: «É possível pertencer hoje ao movimento sem que isso implique uma fé real, sem que a vida das pessoas e das comunidades seja posta em causa, sem conversão».¹⁵

Esta frase do Apocalipse – que sinto como dirigida em primeiro lugar a mim próprio e que por isso proponho também a vocês, amigos – parece-me que se refere a todos nós: «És perseverante [tanto é verdade que estás aqui] e suportaste muito pelo meu nome, sem desanimar. Mas tenho a censurar-te teres abandonado o teu primeiro amor».¹⁶

O nosso primeiro amor onde está?

Não é possível «manter de pé» um gesto desta dimensão sem o contributo e o sacrifício de cada um de nós, na atenção aos avisos, ao silêncio e às indicações que nos são dadas. Cada uma destas coisas é uma modalidade através da qual podemos pedir a Cristo que tenha piedade do nosso nada, que nos dê aquela conversão que nos faz ser verdadeiramente nós próprios. Todos sabemos a necessidade que temos deste silêncio, que permite deixar penetrar até à medula cada coisa que nos é dita, e de transformar este silêncio em grito, em pedido a Cristo que tenha piedade de nós.

¹⁴ *Lc* 18,8.

¹⁵ «Il vero problema di CL è la verità della sua esperienza», op.cit., p. 8.

¹⁶ *Ap* 2,3-4

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 9,1-20; Sal 116 (117); Jo 6,52-59

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

«Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia”».¹⁷ Dentro de instantes esta promessa, este juízo de Cristo vai-se tornar realidade física. A Sua presença de ressuscitado atravessa os vinte e um séculos que nos separam destas palavras e o espaço: Cafarnaúm, Damasco, Rimini. Nenhuma genialidade humana, por maior que seja, pode imaginar uma familiaridade, uma ternura, uma paixão assim pela vida do indivíduo humano: «A Minha carne é a tua comida, o Meu sangue é a tua bebida para a vida», para a vida-vida, para que tu vivas de Mim, comigo, por Mim. Quando Jesus pronunciou estas palavras foram-se embora todos, excepto aqueles doze.

É o momento que *don* Giussani descreve como o início da fé, quando, com o seu temperamento generoso e impetuoso, Pedro lhe diz: «Não entendemos como isso possa ser mas, longe de Ti, para onde iremos?». Cristo cativou aquela gente simples, entrou na raiz do seu ser não com violência, mas com ternura, tomando continuamente a iniciativa com eles até o coração deles estar cheio d’Ele, ser todo d’Ele. Cativou Pedro, o rude pescador; cativou Paulo, o refinado intelectual, o fariseu, o perseguidor, transformando-o no grande enamorado d’Ele. Se cativou Pedro, cativou Paulo e depois uma longuíssima cadeia até *don* Giussani, por que motivo não pode cativar, agarrar também a mim e ti agora, neste gesto que está cheio de ternura, de paixão pela vida de cada um de nós? Porquê resistir? O que tens tu a opor? Haverá alguma coisa mais simples do que deixar entrar a Sua vida na minha, que nos faz ser um n’Ele?

¹⁷ *Jo* 6,53-54.

Sábado 20 de Abril, manhã

À entrada e à saída:

Franz Schubert, Trio em me bemol maior para piano e cordas n. 2, op. 100 D 929

Eugene Istomin, piano – Isaac Stern, violino – Leonard Rose, violoncelo

“Spirto Gentil” n. 14, Sony Classical

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«O Anjo do Senhor anunciou a Maria»

O Ano da Fé tem a finalidade de nos fazer redescobrir a beleza e a alegria da fé, que tem início com a irrupção do Mistério na história, como recordamos todas as manhãs: «O Anjo do Senhor anunciou a Maria». Este é o início. Abordemos, pois, nesta primeira lição o acontecimento cristão, esta irrupção do Mistério, para apreender a sua verdadeira natureza, deixando para a lição desta tarde o tema da resposta do homem a esta irrupção.

1. O cristianismo é um acontecimento: «Estava cheio daquele olhar»

«O cristianismo é um acontecimento»¹⁸ é uma expressão que nos é muito familiar. Mas todos nós bem sabemos que não basta possuir a definição certa para viver o cristianismo segundo a sua natureza. O que significa dizer que o cristianismo é um acontecimento? Qual é o conteúdo da sua experiência? O cristianismo revela-se na sua natureza como resposta a uma necessidade presente e, por conseguinte, há-de interessar-nos hoje se ele responder à necessidade que caracteriza o homem que somos, se responder àquele «esforço interminável» do «viver que tolhe as pernas».¹⁹

¹⁸L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Lisboa, Verbo, 2002, p. 123.

¹⁹C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, op. cit., p. 166.

«Caríssimo padre Julián, estou a passar de um período “heróico” numa guerra essencial (o terramoto da doença) a uma batalha de todos os dias, a uma compreensão de que tudo se deve jogar e se joga momento a momento. Todos os dias (quando o enjoo, a debilidade física, as alterações de humor que os analgésicos provocam, as palavras que acabam por faltar quando falo) me fazem perceber que preciso de uma presença presente agora, momento a momento, que vença toda e qualquer redução que a habituação põe em jogo.» Tal como este nosso amigo, todos precisamos de um acontecimento agora, porque a salvação do nosso eu e da história é um acontecimento, não um pensamento. E quem percebe isto melhor? Os doentes, os homens feridos, os pecadores, os necessitados, ou seja, as pessoas cientes da sua condição humana, aqueles que não espezinham a sua humanidade com as suas exigências de plenitude, de realização.

Os evangelhos documentam isto continuamente; impressiona como eram os necessitados que procuravam Jesus. O protótipo são os publicanos. Admira – mas nós quase nem nos apercebemos, passa quase inadvertido na sua simplicidade – ler no Evangelho: «Os publicanos e os pecadores aproximaram-todos de Jesus, para O ouvirem. Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si [dando assim razão do motivo por que os outros se aproximavam de Jesus]: “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”».²⁰ Esta frase é uma generalização daquilo que deve ter acontecido muitas outras vezes. «Jesus ia a passar, quando viu um homem chamado Mateus, sentado no posto de cobrança, e disse-lhe: “Segue-Me”. Ele ergueu-se e seguiu Jesus. Um dia em que Jesus estava à mesa, em casa de Mateus, vieram muitos publicanos e pecadores tomar lugar à mesa com Jesus e os discípulos. Ao verem semelhante coisa, os fariseus [de novo cheios de ira e surpresa] diziam aos discípulos: “Por que motivo come o vosso Mestre com publicanos e os pecadores?”. Mas Jesus ouviu e respondeu: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas aqueles que estão doentes”».²¹

Como é possível que precisamente aqueles que à primeira vista estariam mais afastados, menos interessados em estar com Ele, sejam os que mais O procuram? O que é que viam n’Ele que não encontravam noutra lugar? Só com Ele conseguiam olhar para si mesmos. Este é um exemplo luminoso de que o outro é um bem. A presença de Jesus era sentida como um bem precioso, estar com Ele fazia-lhes bem; e para Jesus aquelas pessoas eram um bem, tanto assim que se sentava com eles a comer. Que grande

²⁰ *Lc* 15,1-2.

²¹ *Mt* 9,9-12.

consolação para cada um de nós – se nos compenetrarmos na simplicidade destes relatos – ser alcançado por uma Presença assim (seja qual for a situação em que nos encontramos, a dificuldade que estamos a atravessar, os desafios que temos de enfrentar)! Quem se pode sentir excluído? «Que impressão deve ter sido sentir-se olhar assim por outro, completamente estranho, e sentir-se revelado assim no mais profundo de si.»²²

Poder estar diante d’Ele sem ter de esquecer ou esconder nada de si mesmo. Não porque Jesus fingisse não conhecer todos os seus erros ou porque os justificasse. Isso não lhes traria paz. Gente para justificar os seus erros já eles tinham entre aqueles com quem estavam habitualmente. Por que O procuravam, então? Procuravam-No precisamente porque com Ele não eram obrigados a esconder nada, de tal maneira tudo era visível ao Seu olhar. Outros, porém, considerava-No ingénuo, incapaz de se aperceber de como as coisas eram realmente. «Certo fariseu [chamado Simão] convidou Jesus para uma refeição. Jesus entrou em casa do fariseu e tomou lugar à mesa. Nisto, uma mulher – uma pecadora que vivia na cidade – ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume. Colocou-se por detrás, chorando aos pés d’Ele, e, com as lágrimas, começou a banhar-Lhe os pés. Depois, enxugou-Lhos com os cabelos, beijou-Lhos e ungiu-Lhos com o perfume. Perante este espectáculo, o fariseu que tinha convidado Jesus disse consigo: “Este homem, se fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que Lhe está a tocar: uma pecadora”»²³ De imediato, para dar a entender àquele fariseu que não era assim tão ingénuo e que conhecia bem aquela mulher, Jesus conta a parábola dos dois devedores: «“Um credor tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tinham com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles ficará a ter-lhe maior amizade?”. Simão respondeu-Lhe: “Aquele – suponho eu – a quem mais perdoou”. Replicou-lhe Jesus: “Julgaste bem”. E voltando-Se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher?... Entrei em tua casa e não Me deste água para os pés. Pois ela banhou-Me os pés com lágrimas e enxugou-Mos com os cabelos. Não Me deste um ósculo, e ela, desde que entrei, não cessou de beijar-Me os pés. Não Me ungiu a cabeça com óleo, e ela ungiu-Me os pés com perfume. Por isso te digo: Os seus numerosos pecados ficam perdoados, uma vez que manifestou tanto amor. Mas aquele a quem pouco se perdoa, manifesta pouco amor.”»²⁴

²² L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Milão, Rizzoli, 1998, p. 9.

²³ *Lc* 7,36-39.

²⁴ *Lc* 7,41-47.

Os que d’Ele se aproximavam, como a mulher da Samaria, sabiam bem que àquele Profeta nada era oculto: «Disse tudo quanto eu fiz».²⁵ Até a sua sede de felicidade Lhe era manifesta. Portanto, nenhum erro, nenhuma doença, nenhuma dor, nenhuma situação, nenhum drama, nenhuma circunstância podia impedir que acontecesse uma coisa completamente imprevisível, como testemunha o relato, para nós tão familiar, de Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos de Jericó.

Prestemos atenção à forma como *don* Giussani nos convida a olhar, para podermos perceber. O que nós perdemos por nunca termos tempo de olhar como *don* Giussani nos ensina! Que ganho não seria para o nosso viver, para o nosso olhar para nós próprios, se nos comportássemos como *don* Giussani tentando identificar-se com Cristo, para que também a nossa vida esteja cheia daquele olhar, do olhar que Cristo dirige a Zaqueu!

Eis aqui, portanto, como *don* Giussani conta o episódio de Zaqueu: «Era o chefe da cobrança, o chefe da máfia de Jericó e da região circundante, o chefe dos cobradores, daqueles que eram considerados inimigos do povo e pecadores públicos, dos quais era preciso guardar uma distância de dez metros para não se contaminarem com o ar, vendido aos Romanos. Ouviu dizer que Jesus estava na cidade, porque todos falavam disso por aquelas bandas. Passou à frente da multidão e encavalitou-se num sicômoro, uma planta não muito alta, para O poder ver passar, por curiosidade, para o ver melhor cara a cara, porque ele era demasiado baixo. A multidão aproxima-se, Jesus está a falar, passa, está ali debaixo, pára, ergue a cabeça e diz: “Zaqueu, desce que vou a tua casa”. E Zaqueu: “Vou já”. Imaginemos aquele homem, sem falar, deslizando da árvore abaixo e a correr para casa. Pensem naquele silêncio cheio, com os ouvidos e o coração cheios da palavra ouvida, do seu nome: finalmente fora pronunciado o seu nome! Podemos bem imaginar como aquela chamada se repercutiria depois em tudo o que fazia, mesmo quando estava em silêncio, mesmo quando trabalhava em silêncio. Para Zaqueu aquele encontro foi um milagre, quer dizer, uma coisa que transformou radicalmente a sua vida. Zaqueu não teve medo nenhum de perder nada; quando ouviu dizer: “Zaqueu, vou a tua casa”, perdeu tudo quanto tinha diante dos olhos, ficou cheio com aquele nome».

O convite de *don* Giussani é claro: «Nós devemos identificar-nos com as pessoas de que o Evangelho fala. Mas não as compreendemos, nem conseguimos identificar-nos com o que eram, se não nos identificarmos com Cristo dizendo: “Zaqueu”. Quando irrompe a palavra “Zaqueu”,

²⁵ Jo 4,39.

então compreendemos Zaqueu. Quando Cristo diz: “Zaqueu, desce que vou a tua casa”, aquilo que Zaqueu era nós compreendemo-lo nesse momento. Pensa o que sentiu Zaqueu, como pesou subitamente todos os erros cometidos sem sequer os medir, como sentiu o que ele era e quem era Aquele que o chamava. É propriamente identificando-nos com Cristo que vemos aquilo que Zaqueu era». ²⁶ Noutro lugar *don* Giussani observa: «É esta proximidade, é esta presença – presença não de alguém que está a olhar para o lado, mas presença de alguém que está a olhar para ti –, é esta proximidade que perturba, pela qual a vida é transfigurada; enfim, Zaqueu quando estava a ir para casa não disse: “Agora este aqui vai-me dizer que roubei cem aqui, trinta e quatro ali, agora...”. Estava cheio daquele olhar, foi para casa para preparar o almoço para aquele homem, para aquele ali que tinha olhado para ele; e depois, como consequência, pensa: “Ora bem, eu vou dar tudo o que tirei”. Mas é uma consequência que durou a vida inteira, porque não é automático; cada um de nós sabe o arrojado com que se dá, e sabe também que depois se retrai, por isso é a luta da vida. Mas aquilo que doravante torna a vida transfigurável tornou-se um facto. Mateus estava transfigurado, a mulher, aquele grupinho de mulheres, estavam transfiguradas. Experimentem pensar no que terão dito os maridos e os filhos daquelas mulheres: “Estarão loucas?”. Eram outra coisa, Zaqueu era outra coisa, a vida deles estava transfigurada; elas percebiam que gostavam mais dos seus maridos e dos seus filhos, e Zaqueu percebia que estava mais rico do que antes, transfigurado, porque estava perto daquele ali. É o oposto do episódio do jovem rico, um a quem Cristo diz: “Vem comigo”, ou seja: “Quero estar ao pé de ti”. E o Evangelho diz: “E ele foi embora triste”, o jovem rico, triste. Ou transfigurados ou tristes, porque não se pode ficar parado onde se estava antes, depois que Cristo chamou, quando Cristo deu uma vocação, quando Cristo chegou junto da nossa vida, quando pediu que a nossa vida fosse testemunho d’Ele no mundo; não se pode ficar como dantes: ou ficamos mais tristes, nos entristecemos mais, ainda que pareça que ganhamos alento, porque voltamos a tratar dos nossos interesses, amesquinhamo-nos de uma forma até humanamente penosa, ou nos transfiguramos». ²⁷

Que o cristianismo seja um acontecimento, na experiência, significa a prevalência de uma presença: não de uma presença qualquer, mas da-

²⁶ Assembleia com um grupo de jovens que iniciaram o caminho vocacional na Associação Eclesial *Memores Domini*, 26 de Junho de 1993, *pro manuscripto*.

²⁷ Apontamentos de uma lição nos Exercícios dos Noviços dos *Memores Domini*, Agosto de 1982.

quela Presença capaz de responder à necessidade do viver. «Para se fazer reconhecer, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de maneira que o pensamento, a imaginatividade e a afectividade do homem foram como que “bloqueadas”, magnetizadas por Ele.»²⁸ Por que é que foram magnetizados por Ele, pela Sua presença? Porque era a única capaz de responder à necessidade do viver, à exigência de realização. O cristianismo como acontecimento é a preponderância da Presença, sem a qual a vida seria sombria, triste, destituída de verdadeiro interesse. Não se pode viver sem ela. Este é o verdadeiro motivo por que a procuramos continuamente. Não principalmente para sermos “bons”, mas para viver, para nos podermos encarar a nós próprios, para podermos ter afeição a nós próprios.

«A Vossa graça vale mais do que a vida.»²⁹ O que é esta «graça» que vale mais do que a vida? Para nós a graça tem um nome: Jesus. A Sua pessoa é toda a graça.

Por que é que esta Presença consegue prevalecer tão poderosamente mesmo perante todos os problemas da vida em que tantas vezes encalhamos? Como é possível que se imponha com esta potência simples, sem que possamos fazer nada para o evitar? Como é possível que nem o nosso mal, nem a nossa incoerência (e a dos publicanos era tanta!), a consegue impedir de impor-se na vida? Pela correspondência que encontra – realiza – no coração do homem. Que pode estar distraído, reduzido até mais não, mas nada pode impedir, ao menos por um instante, que aquela presença se imponha. O primeiro instante é incontrolável pelo homem. Ninguém pode impedir ser tocado por uma presença, seja qual for a situação em que se encontra. Ninguém pode controlar a realidade a ponto de impedir a surpresa de um acontecimento. É de tal maneira imprevisto que nos surpreende sem defesas, ao menos por um instante.

Mas, então, o que é que a necessidade tem a ver? Por que diz Jesus que veio para os doentes? porque só quem tem a ferida costuma estar, em última análise, aberto a um imprevisto. Sem necessidade, sem ferida, a pessoa fecha logo toda e qualquer possibilidade deste imprevisto, tenta sistematizar as coisas. A necessidade é condição necessária, não do apresentar-se do acontecimento, mas do seu reconhecimento. Um acontecimento irrompe, dá-se irredutivelmente, aqui e agora, não é consequência de antecedentes. A necessidade permite ver o acontecimento, aperceber-se dele. Como disse o Papa Francisco no encontro com os Cardeais: «A verdade

²⁸ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 24.

²⁹ *Sal* 63 (62),4.

cristã é atraente e persuasiva porque responde à necessidade profunda da existência humana, anunciando de maneira convincente que Cristo é o único Salvador de todo o homem e de todos os homens. Este anúncio continua tão válido hoje como o era no início do cristianismo, quando se operou a primeira grande expansão missionária do Evangelho».³⁰

Quem se deixa tocar por aquela Presença não pode evitar percebê-la como um bem a não perder. É tão correspondente à expectativa que nenhuma outra coisa é capaz de trazer uma satisfação tão desconcertante. Por isso é que, com Ele, o homem, mesmo o mais miserável, faz uma experiência de satisfação tão grande que se torna livre. Esta correspondência grita, mais do que qualquer outra fórmula em que queiramos encaixar a experiência, o valor de tal Presença: a Sua excepcionalidade, a Sua divindade.

Vê-se se a presença daquele olhar prevalece em nós, se ele investe a vida, pelo modo como entramos em relação com tudo. «A sua relação com Deus – *don Giussani* está a falar do paralítico curado por Jesus –, o modo como nessa noite rezou, o modo como depois foi ao templo todos os dias, o sentimento que tinha da vida quando via o sol a pôr-se ou o sol a nascer, e quando depois ia trabalhar todas as manhãs com o espírito cheio de gratidão e com a alma cheia de misterioso temor, de temor e tremor para com este mistério de Deus que tinha chegado até ele naquele homem que o havia curado; em resumo, o sentimento para com Jesus, o modo como dizia que Jesus era o Messias – e o disse também a outros, porque depois se juntou a Ele, tornou-se seu discípulo –, o modo como ia com os outros pelas aldeias a anunciar que o Reino de Deus estava já entre eles (porque estava Jesus), o modo como agia, o modo como pensava no seu passado (no marasmo em que se deixara cair: as vilezas, as cobardias, as imprecações), o modo como tinha tratado os familiares, o modo como os tratava agora, eram tudo ações que partiam de uma consciência de si, de uma noção da sua pessoa, cuja fisionomia fora plasmada, nascera da recordação de como Jesus o tinha cativado, de como Jesus o tinha investido, de como Jesus o tinha tratado, de como ele tinha conhecido Jesus.»³¹

É uma presença tão irredutível, que dá origem a uma novidade tão grande que permite olhar tudo a uma luz diversa, menos confusa, mais verdadeira. Esta experiência de novidade na relação com tudo introduz ao verdadeiro conhecimento de Cristo. Permite apreender o Seu valor para a vida. Permite conhecer Jesus, não como uma definição abstracta,

³⁰ Francisco, *Audiência com os Cardeais*, 15 de Março de 2013.

³¹ L. Giussani, *Dal temperamento um metodo*, Milão, Bur, 2002, p. 5.

mas como experiência. É aí que o homem pode perceber o valor daquela presença. Quem O descobre reconhece-se a partir do juízo de estima que se gera em si.

Nenhum outro o soube exprimir como são Paulo: «Se mais alguém pode confiar nisso, eu posso com maior razão: fui circuncidado ao oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de Hebreus, na atitude para com a Lei, fariseu. No tocante ao zelo, fui perseguidor da Igreja; na rectidão exigida pela Lei de Moisés, irrepreensível. Mas tudo isto, que era para mim um proveito, considere-o com um prejuízo por causa de Cristo. E até considero todas as coisas como prejuízo, perante a enorme vantagem de conhecer Cristo Jesus, Senhor meu. Por Ele, aceitei todos os danos, e considere tudo como lixo, para ganhar a Cristo».³²

Jesus estava bem ciente do que estava a trazer ao mundo: «O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo. O homem que o achou tornou a escondê-lo, e ficou tão contente que foi vender quanto possuía e comprou aquele campo».³³ Que valor tem aquela Presença, tão grande que se faz um excelente negócio preferindo-A qualquer outra coisa?

É o que os discípulos testemunharam. O atractivo daquela Presença era tão grande que deixaram tudo para segui-La. Como assim? A Sua presença investia de tal maneira a vida deles – respondia de tal maneira à sua fome e à sua sede de significado e de afeição – que Ele bastava. A satisfação que lhes dava era tão imponente que o seguimento constituía a única possibilidade de não perdê-La. A moralidade tinha a mesma origem do espanto: a Sua presença. De facto, a moralidade surge da Presença, não de um esforço voluntarista. O moralismo tem uma origem diferente do seguimento (que é sempre espanto por uma presença).

Foi essa mesma Presença que os publicanos encontraram. Percebe-se por que motivo O iam procurar constantemente, por que O seguiam: não por moralismo, mas por aquela simpatia profunda que a Sua pessoa despertava neles. Estavam atraídos por Ele. Queriam ficar com Ele. Tal como o fariseu Paulo, ou o pescador Pedro. «É este encontro que continuamente polariza o nosso viver, dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele não há nenhuma fonte de consciência da novidade na vida. Nele, o acontecimento do Mistério presente toca a nossa vida e torna-a parte de um fluxo contínuo de novidade.»³⁴

³² *Fil* 3,4-8.

³³ *Mt* 13,44.

³⁴ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 25.

Percebe-se que quem O encontra, como escreve Dostoievski, não con- siga mais passar sem Ele: «Como são os outros, não sei, e sinto que não posso ser como os outros. Os outros pensam, a seguir passam a pensar outras coisas. Não posso pensar outras coisas. Toda a vida penso o mesmo».³⁵ São do mesmo teor aquelas palavras, para nós familiares, de Möhler: «Eu penso que não poderia mais viver, se já não O ouvisse falar».³⁶

O modo como don Giussani nos ensinou a olhar para João e André será sempre para nós o critério para verificar se o cristianismo nos está a acontecer agora, se é o predomínio de uma presença ou se já está reduzido a uma categoria, a uma definição abstracta. Caso contrário, dizemos que o cristianismo é um acontecimento, mas assim como se expõe uma definição, não como algo que está a suceder agora.

«O cristianismo é “acontecimento”»: algo que antes não existia e a certo ponto surgiu. Não que André e João tivessem dito: “Isto que nos aconteceu é um acontecimento”. Não era evidentemente necessário que explicitassem já, numa definição, aquilo que lhes estava a acontecer: estava propriamente a acontecer! O cristianismo é um acontecimento. Não existe outra palavra para indicar a sua natureza: nem a palavra lei, nem as palavras ideologia, concepção ou projecto. O cristianismo não é uma doutrina religiosa, uma série de leis morais, um conjunto de ritos. O cristianismo é um facto, um acontecimento: tudo o resto é consequência».³⁷

Os discípulos podiam reconhecê-Lo ao vê-Lo falar, ao sentirem-se olhados, ao sentirem-se apanhados tão no fundo de si mesmos. Eles perceberam que a Sua presença conseguira prevalecer sobre todas as coisas pelo facto de terem sido logo conquistados, tomados, pelo facto de terem reconhecido aquele homem no Seu valor único, incomparável, divino, e que tinha sido fácil dar-se conta disso. Quando em nós prevalece a atenção às consequências quer dizer, então, que já nos desviámos do facto!

«Deus tornou-se acontecimento na nossa existência quotidiana, a fim de que o nosso eu se reconheça com clareza nos seus factores originais e atinja o seu destino, se salve. Foi assim para Maria e para José. Foi assim para João e André, que foram atrás de Jesus por causa da menção de João Baptista. Deus entrava como acontecimento na vida deles. Quer sempre o tenham tido presente, quer o tenham ocasionalmente esquecido, em especial nos

³⁵ Cf. F.M. Dostoievski, *Os demónios*, Lisboa, Presença, 2008, p. 113.

³⁶ Cf. J.A. Möhler, *L'unità nella Chiesa, cioè il principio del cattolicesimo nello spirito dei Padri della Chiesa dei primi tre secoli*, Roma, Città Nuova Editrice, 1969, p. 71.

³⁷ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op.cit., p. 12.

primeiros dias ou nos primeiros meses, toda a vida deles dependeu daquele acontecimento: na medida da sua importância, de um acontecimento já não se pode voltar atrás. Assim foi para eles. Assim é hoje para nós: um acontecimento pode assinalar um início e um caminho. O acontecimento pode assinalar um *método* de vida. Trata-se, em todo o caso, de uma experiência que há que fazer. Tal caminho exige o empenhamento do homem, marcado pelo acontecimento, até a surpreender o significado verdadeiro de quanto ele começou a entrever: é um caminho do olhar.»³⁸

Diz Nicolau Cabasilas: «Conhecer por experiência [...] quer dizer chegar à coisa em si: aqui, portanto, a forma imprime-se na alma e suscita o desejo como um vestígio proporcional à sua beleza».³⁹ A beleza daquela Presença, impressa na alma, suscita o desejo. Por isso aponta um início, um caminho.

Assim como é verdade que de um acontecimento não se pode voltar atrás, é igualmente verdade que nós podemos encorajar, ou não, este desejo. É de seguir a curiosidade, de comprometer-se com ela, que depende que aquele acontecimento assinale um início e um caminho ou que se bloqueie o caminho do olhar.

E aqui começa verdadeiramente o drama, porque muitas vezes o que sucede diante dos nossos olhos não é senão o acontecimento de Cristo presente. Vê-se pela diferença com que vivemos as coisas de toda a gente, como com frequência contamos uns aos outros. Pode ser o modo de viver uma festa de casamento ou de celebrar um funeral, tanto assim que os outros olham para nós, admirados com esta diferença: «Se é assim, morrer quase parece bom», disse uma pessoa no funeral de um amigo nosso. Mas se nós ficamos parados, se bloqueamos o desejo que essa diferença suscita, ficamos escravos do resultado, de maneira que nos irritamos à primeira contrariedade. Por isso *don* Giussani, com uma caridade sem fim, se preocupa em fazer-nos conscientes de que se nós ficamos quietos face ao impacto sentimental, sem secundar o poderoso atractivo da beleza que temos diante, isso não nos basta para viver.

Sempre me impressionou o seguinte episódio, porque nos diz realmente qual é o problema perante o qual nós tantas vezes ficamos bloqueados. Depois de uma bonita canção cuidadosamente interpretada, num clima humano invejável, único, numa casa do Grupo Adulto, Giussani pára um instante e nota: «É mesmo muito bonita, quer como música, quer como é cantada, quer como sentimento humano de amizade, e de fraternidade, e de companhia numa aventura. Porém, se as coisas se pu-

³⁸ *Id.*, p. 15.

³⁹ N. Cabasilas, *La vita in Cristo*, Verona, Città Nuova, 2005, p. 142.

dessem elencar assim como eu agora as elenquei e basta [tudo bellissimo, mas “basta”, fica-se por aqui], e se desse por adquirida uma outra coisa – aceite e reconhecida (entendamo-nos!), mas dada por adquirida –, e não fosse o Seu nome produzido por uma ênfase de diálogo, de vontade de fazer-se ouvir, de vontade de ouvi-lo; se não tivesse personalidade até certo ponto autônoma, se não tivesse uma cara em última instância singular, com traços inconfundíveis que Ele mesmo criou como sinal de si»,⁴⁰ nada disto bastaria: não bastaria à nossa expectativa de felicidade, não bastaria à nossa sede de destino, como também não bastaria ter um trabalho excepcional ou ser bem sucedido na vida. Não bastaria!

É por isso que insiste, amigos: «Estejamos atentos porque Jesus entre nós pode ser a origem de todo o mundo de humanidade, cheio de letícia e de amizades, de razões formalmente impecáveis e de ajuda formalmente, mas também materialmente, concreta [...], mas Jesus [esta Presença] podia ser reduzido ao “retrato de uma mulher bonita esculpido no monumento sepulcral da mesma”». ⁴¹ Se não vos dá vontade de chorar pensar que Jesus possa ser reduzido ao retrato de uma mulher bonita esculpido no monumento sepulcral da mesma...

Cristo «não pode ser delapidado ou desgastado pela manifestação bela e alegre da companhia de rostos que deveria ser indício d’Ele!». Esta redução só se evita «quando dizemos “Tu” realmente, com toda a consciência do *eu*: quanto maior é a consciência que se tem de si, mais intensa, maior, verdadeira, simples e pura é a devoção a Ele [...]. A presença de Cristo no mundo é o milagre da nossa companhia. Mas esta é a ponta saliente de um sinal que “se afunda onde é mais verdadeiro” ou, melhor, é a ponta de um sinal que em tudo o resto naufraga no significado comum, em tudo o resto naufraga na naturalidade comum. Por isso, quanto mais intensamente se quer bem, preferencialmente – enfim, quando o bem é dizer “eu” com um ímpeto que os outros não conhecem, ou dizer “tu” com um ímpeto que os outros não conhecem –, não se trata de amortizar o peso da nossa amizade, de tornar nebulosa a eficácia carregada de olhos, de lábios e de cara, de palavra, de canto, de coração de uma companhia bela como esta, mas é como uma espécie de exasperada tensão – de tudo aquilo que referi e que forma a nossa companhia – para gritar o teu nome, Cristo: “Obrigado por Te teres mostrado e por Te teres sentado aqui”». ⁴²

⁴⁰ L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*, Milão, Bur, 1999, p. 148.

⁴¹ *Id.*, pp. 150-151.

⁴² *Id.*, p. 152-153.

Portanto, se não há esta exasperada tensão para gritar o Teu nome, Cristo, nada basta!

Por isso, a questão de um compromisso total com a realidade – sobre o qual discutimos numa ocasião recente – é uma questão de estima, como dizia um amigo durante uma assembleia: «Não se está totalmente comprometido com a realidade porque não se estima inteiramente aquilo que se encontrou. Uma pessoa, de facto, tem sempre estima por algo que para si tem valor absoluto, tem estima por uma coisa relativamente às outras. Ora, é como se para nós a estima por Jesus fosse uma de entre muitas coisas e não, pelo contrário, “a” estima: eu não te estimo inteiramente, Cristo, pelo que o meu compromisso com a realidade é parcial. Vejo isso em mim e nas pessoas: esta estima total por Jesus, se tu a tens, então enfrentas a realidade, procuras o significado. Jesus é tudo».

Então, a nossa esperança é que este Acontecimento continue a dar-se e nos atraia de tal maneira que reacenda em nós o desejo de nos comprometermos, de modo a podermos apreendê-Lo no seu acontecer. Se nós, de facto, não advertimos a Sua presença, inevitavelmente o centro afectivo desvia-se, ainda que não nos dêmos conta. Da Sua presença pode até jorrar todo um mundo de humanidade, mas Cristo não prevalece. Aqui está em jogo a fé.

Como nos damos conta que Cristo não prevalece? A experiência fornece-nos todos os indícios necessários: o trabalho ou a boa companhia não nos bastam. Contudo, não nos damos conta de como se produz esta redução, por «um estranho obscurecimento do pensamento»,⁴³ como diz Bento XVI.

Se o método do conhecimento é o acontecimento, se só nos damos conta de nós mesmos através do acontecimento presente, então só alguém em quem a natureza do acontecimento não foi obscurecida nos pode tornar conscientes do nosso desânimo, da nossa redução. Este é o dom de *don* Giussani para nós. Ele não só descreveu como ninguém o cristianismo como acontecimento, mas também o testemunhou. Que nele o acontecimento se dava de forma contínua é algo que se deduz do facto de conseguir aperceber-se de cada uma das reduções por nós efectuadas. Nele o acontecimento estava a acontecer – porque quem vê o deserto não pertence ao deserto –: por isso não se contentava com nada que fosse menos que a Sua Presença, como documenta a sua exasperada tensão para dizer o Seu nome. Nós, entretanto, já a tínhamos perdido pelo caminho!

⁴³ Bento XVI, *Luce del mondo. Il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi. Una conversazione con Peter Seewald*, Cidade do Vaticano, LEV, 2010, p. 47.

2. «No início não foi assim»

Para compreender um acontecimento, nós geralmente partimos da nossa experiência. Uma coisa sucede num momento do tempo e do espaço, mas depois passa-se a outra coisa. Aquilo que nos acontece pode deixar mais ou menos vestígios, dependendo do alcance do acontecimento, mas fica logo para trás. Estamos tão convencidos de que as coisas correm necessariamente assim, que com frequência comentamos: «Com certeza que não é possível ficarmos espantados como no início!». Teorizamo-lo, sem mais.

Mas Giussani desafia a nossa concepção dizendo que este modo de raciocinar não se aplica em relação ao acontecimento cristão: «Com efeito, o cristianismo é “um acontecimento”, é uma realidade nova de vida que entrou no mundo e portanto, quando me agarra, é uma experiência de vida nova, não nova apenas no começo, mas sempre nova». ⁴⁴ O cristianismo não é aquilo que fica de um acontecimento, mas é sempre um acontecimento; caso contrário comprovaria a sua falta de credibilidade. De facto, uma coisa que não está de algum modo presente, não é. Ou está a acontecer agora ou então não é. Chegados a este ponto, podemos compreender melhor ainda o que significa a afirmação de que o cristianismo é um acontecimento.

Diz *don* Giussani: « O embate numa presença de humanidade diferente *vem antes* não só no início mas em cada momento que se segue ao início: um ano ou vinte anos depois. O fenómeno inicial – o impacto com uma diferença humana, o espanto que daí nasce – está destinado a ser *o fenómeno inicial e original de cada momento do desenvolvimento*. Porque não há desenvolvimento algum se esse impacto inicial não se repete, se o acontecimento não continua a ser contemporâneo. Ou se renova ou então nada progride e, rapidamente, teoriza-se o facto acontecido, e taceia-se à procura de apoios substitutivos d’Aquilo que está verdadeiramente na origem da diferença. O factor gerador é, permanentemente, o impacto com uma realidade humana diferente. Portanto, se não reacontece e não se renova o que aconteceu ao princípio, não se realiza verdadeira continuidade: se não se vive agora o impacto com uma realidade humana nova, não se percebe o que lhe sucedeu outrora. Só se o facto reacontece agora é que se ilumina e se aprofunda o acontecimento inicial e se estabelece, assim, uma continuidade, um desenvolvimento.». ⁴⁵

⁴⁴ *Verso una vita di fede più matura*, coligido por Comunhão e Libertação, *pro manuscripto*, Milão, 1976, p. 6.

⁴⁵ L. Giussani, «Qualquer coisa que vem antes», in *Passos-Litterae communionis*, Novembro de 2008, p. 2.

Com a sua genialidade, *don* Giussani tem uma percepção de tal maneira consciente da natureza do cristianismo que neste texto não apenas nos recorda os requisitos permanentes do cristianismo como acontecimento – a contemporaneidade e a irreduzível diferença –, mas também nos fornece os indícios que nos permitem aperceber-nos de quando o cristianismo cessa de ser experimentado como acontecimento presente. Reconhece-se por dois sinais.

Primeiro: teoriza-se o acontecimento realizado. À falta do fascínio do acontecimento, contentamo-nos com a teoria, com o discurso, com uma categoria abstracta. E repetimos isso continuamente. Até o justificamos, como nos recorda Dostoiévski: «O homem está tão agarrado ao sistema e à dedução abstracta que estaria disposto a alterar premeditadamente a verdade; vendo, está disposto a não ver e, ouvindo, a não ouvir, só para justificar a sua própria lógica».⁴⁶ De facto, tendo perdido pelo caminho o atractivo da Presença, na teorização (redução a uma categoria ou discurso) predomina aquilo que já sabemos, aquilo que foi estabelecido por nós, o nosso esquema, o nosso parecer.

Mas como somos feitos para a realização, o vazio deixado pela presença que falta tem de ser preenchido. E é por isso – este é o segundo sinal – que se procuram, diz *don* Giussani, apoios substitutivos que revelam o desvio afectivo. Quando os discípulos não se dão conta do alcance da Presença que encontraram, começam a procurar o *proveito*: «Então, Pedro tomou a palavra e disse: “Olha que nós deixámos tudo e seguimos-Te. Que nos será, pois, concedido?”».⁴⁷ Mas a Sua presença não é tudo? Nem ele, Pedro, se dá conta.

Ou prevalece a procura do *êxito*: «Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria. E diziam: “Senhor, até os demónios se nos sujeitam em Teu nome”. Jesus respondeu-lhes: “Eu via Satanás cair do céu como um raio... Olhai que vos dei o poder, não só para andardes em cima de serpentes e escorpiões, mas também para dominardes toda a força do inimigo. Nada poderá causar-vos dano. Não vos alegreis de os espíritos se vos sujeitarem; alegrai-vos, antes, de os vossos nomes estarem escritos nos Céus”».⁴⁸ Aos setenta e dois já não basta a Sua presença para alegrar a vida. Não é que não devam valorizar o bem que fizeram, mas esse bem não pode obscurecer a distância abissal que existe entre os milagres realizados por eles e o facto de serem Seus! Mas isso

⁴⁶ F.M. Dostoiévski, *Memorie del sottosuolo*, Turim, Einaudi, 1988, p. 24.

⁴⁷ *Mt* 19,27.

⁴⁸ *Lc* 10,17-20.

não lhes passa sequer pela antecâmara do cérebro deles, precisamente como sucede connosco.

Ou se procura preencher o vazio com o *poder*: «Tiago e João, os filhos de Zebedeu, aproximaram-se de Jesus e disseram-Lhe: “Mestre, nós queríamos que nos fizesses o que Te vamos pedir”. Jesus respondeu-lhes: “Que quereis que vos faça?”. Eles responderam-Lhe: “Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos, um à Tua direita e outro à Tua esquerda”. Jesus replicou-lhes: “Não sabeis o que estais a pedir. Podeis beber o cálice que eu vou beber e receber o baptismo que eu vou receber?”. Eles responderam-Lhe: “Podemos”! Então Jesus declarou-lhes: “O cálice que Eu vou beber, haveis de bebê-lo, e o baptismo que Eu vou receber, haveis de o receber. Mas sentar-se à Minha direita ou à Minha esquerda, não Me pertence concedê-lo; é para aquele a quem está reservado”. Os outros dez [que não eram diferentes e], que haviam escutado, começaram a indignar-se contra Tiago e João».⁴⁹

Quais são os nossos apoios substitutivos? Não são muito diferentes dos dos apóstolos que acabámos de evocar. Vejamo-los em conjunto tal como nos foram apontados por *don* Giussani.

a) Cristianismo reduzido a valores

«Na outra noite, numa reunião em Milão, observava que, nestes anos, desde há uns quinze a esta parte, em todos os anos do nosso caminho, é como se [...] o movimento tivesse construído sobre os valores que Cristo nos trouxe. Assim, todo o esforço de actividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política, teve certamente a finalidade de mobilizar-nos a nós e às coisas segundo [...] os pontos de valor que Cristo nos deu a conhecer. Mas no início do movimento não foi assim. Como referi ontem, no início do movimento, nos primeiros anos, não se construiu sobre os valores que Cristo nos tinha trazido, mas construiu-se sobre Cristo, tão ingenuamente quanto quiserem, mas o tema do coração, o estímulo persuasivo era o facto de Cristo, e por isso o facto do Seu corpo no mundo, da Igreja. No início construía-se, tentava-se construir sobre uma coisa que estava a acontecer, não sobre os valores trazidos, e por conseguinte sobre a nossa inevitável interpretação deles: tentava-se construir sobre qualquer coisa que estava a acontecer e que nos tinha investido. Por muito ingénua e descaradamente desproporcional que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por tê-la como que abandonado, tendo alinhado numa posição que foi, acima de tudo, apetecia-me dizer, mais uma “tradução cultural”

⁴⁹ *Mc* 10,35-41.

do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar.»⁵⁰ Temos de recuperar a pureza original.

O que é que *don* Giussani precisava para se dar conta dessa redução do cristianismo a valores? Precisava de viver o cristianismo como uma coisa que nos estava a acontecer.

Pensemos como uma pessoa apaixonada se apercebe facilmente quando é que, noutras pessoas, a relação com o homem ou a mulher com quem casaram deixou de ser uma coisa que está a acontecer para se tornar uma coisa diferente do entusiasmo por uma presença.

b) De uma presença que se impunha a uma organização a seguir

«O movimento nasceu de uma presença que se impunha e trazia à vida a provocação de uma promessa a seguir. Mas depois confiámos a continuidade deste início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e às coisas a fazer. Não o confiámos à nossa vida, de modo que o início deixou muito cedo de ser verdade oferecida à nossa pessoa e converteu-se em pretexto para uma associação, para uma realidade sobre a qual descarregar a responsabilidade do próprio trabalho e da qual pretender a resolução das coisas.»⁵¹ Não é que se negue Cristo, simplesmente Cristo tornou-se uma «interpelação espiritual», e aquilo que prevalece é outra coisa: «Para muitos de nós, que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja continuamente ligada ao encontro com Ele, é algo que se tornou uma interpelação “espiritual”. O concreto seria outra coisa: é o compromisso sindical, é fazer passar certos direitos, é a organização, o horário de trabalho e por conseguinte as reuniões, mas não como expressões de uma exigência de vida, antes como mortificação da vida, peso e tributo a pagar por uma pertença que nos encontra ainda inexplicavelmente à espera».⁵²

O então cardeal Bergoglio dizia isto de modo luminoso: «Quando o fiel se dá conta de ter perdido o estímulo e o entusiasmo doutros tempos, tende a assumir comportamentos que não lhe são próprios. [...] A perda do fervor inicial leva alguns [...] a refugiarem-se naquilo a que podemos chamar “deveres secundários”. [...] A fuga manifesta-se como fuga em direcção às virtudes “secundárias”: alguns dedicam-se ao social [...]. Ou-

⁵⁰ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, Cinisello Balsamo (Mi), São Paulo, 2002, pp. 100-101.

⁵¹ Cf. L. Giussani, *Educar é um risco.*, op. cit., pp. 135-136.

⁵² *Id.*, p. 133.

tros, por sua vez, concentram-se nos ritos. Em ambos os casos isso não basta para enfrentar o verdadeiro desafio».⁵³

c) *De vórtice a discurso correcto e limpo*

Quando o cristianismo deixa de dar-se como acontecimento de uma Presença que invade a vida e a põe em ebulição, então acaba-se por teorizar o acontecimento que se deu: «Transmite-se um discurso correcto e limpo, algumas regras sobre a forma de ser cristãos e homens. Mas sem amor, sem o reconhecimento do Mistério vivificante, o indivíduo extingue-se e morre. A nossa esperança, a salvação de Cristo não pode ser uma coisa que lemos e sabemos repetir bem. Um discurso mais ou menos edificante ou moralista, é a isso que muitas vezes fica reduzido o anúncio. Era preciso entrar em ebulição... [...] Não se comunicou ainda a exaltação do indivíduo, a vitória do Mistério, a glória de Cristo diante do que acontece. Mas isso verifica-se se houver esta experiência».⁵⁴

Cristo não é, nem pode ser, qualquer coisa sobre a qual lemos ou um discurso que sabemos repetir bem. Já em 1962 *don* Giussani advertia os *giessini* (então no auge da difusão da *Gioventù Studentesca* em Milão) desta redução: «A experiência original que nos fez entrar ficou como que fossilizada, cristalizada. [...] Na origem alguma coisa agiu por vocês, em vocês, sobre vocês; é uma reacção de simplicidade a este dom que vos trouxe até junto de nós». Mas depois sobreveio um formalismo, ou seja, «a estagnação da novidade».⁵⁵ Sobrevieram o formalismo e a estagnação.

d) *O acontecimento torna-se um fenómeno do passado*

O cristianismo é de tal maneira acontecimento que, quando se torna um fenómeno do passado, não se pode fazer reacontecer com outro método, diz-nos *don* Giussani, que não seja o do próprio acontecimento. O cristianismo é acontecimento a tal ponto que tem de reacontecer. Se nos soltámos dele, se se produziu uma descontinuidade (em virtude da qual se converteu em recordação piedosa aquilo que sucedeu no passado), quando tentamos fazê-lo reacontecer com as nossas iniciativas, não conseguimos. «Formulemos a hipótese de que se reúnam hoje algumas pessoas que já tenham vivido a experiência de que falámos e, tendo a recordação impressionante de um acontecimento que os marcou – que lhes fez bem, que inclusivamente

⁵³ J.M. Bergoglio – Francisco, *Aprite la mente al vostro cuore*, Milão, Rizzoli, 2013, pp. 154-155.

⁵⁴ L. Giussani, *Un caffè in compagnia*, Milão, Rizzoli, 2004, pp. 173-175.

⁵⁵ «*Scuola incaricati 1962*», Arquivo CL.

qualificou a sua vida –, querem retomá-lo, colmatando uma “descontinuidade” que se veio a criar no decurso dos anos. Aquilo por que eles ainda se sentem amigos é uma experiência passada, um facto acontecido, mas que no presente se tornou – como dizíamos – uma “recordação piedosa”. Ora, como lhes é possível retomar uma continuidade com o acontecimento inicial que os investiu? Se por exemplo dissessem: “Vamos juntar-nos para fazer um grupo de catequese, ou então para desenvolver uma nova iniciativa política, ou ainda para apoiar uma actividade caritativa, para criar uma obra, etc.”, nenhuma destas respostas seria adequada para cobrir a descontinuidade. É preciso “uma coisa que vem antes”, e da qual tudo isto não é senão instrumento de desenvolvimento. É preciso, pois, que reconteça aquilo que lhes aconteceu no princípio: não “como” aconteceu no princípio, mas “aquilo que” aconteceu no princípio: o impacto com uma diferença humana em que se renova o próprio acontecimento que os mobilizou na origem. Aí nos coagulamos e, seguindo alguém, conectamos com aquilo que sucedeu no início. E todos os factores principais da experiência passada ressurtem mais maduros e mais claros.»⁵⁶

Qualquer esforço nosso não pode colmatar a descontinuidade, não consegue fazer da piedosa recordação um acontecimento presente. Acontece assim aquilo que o papa Francisco disse na Quinta-Feira Santa: «Daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns, que acabam por ser tristes, [...] transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades».⁵⁷

Começamos a ver como, do prevalecer de uma Presença que investia cada gesto, graças à qual cada acção era expressão da Sua imponência, acabámos por perdê-la pelo caminho. Por que sucede isto? Porque muitas vezes – diz *don* Giussani – o «nosso compromisso de vida com os problemas sociais, culturais e políticos» é vivido «de modo desviante e desviado de uma experiência cristã viva, autêntica. Ao passo que o compromisso com os problemas sociais, culturais e políticos devia ser a expressão desta experiência apaixonada de vida. É muito fácil, pelo contrário, que este compromisso origine um clima que debilita a atenção a essa experiência e se afirme em contraste com ela, quase marginalizando-a, quase sufocando-a. Ou então, muitas vezes quem deseja viver uma experiência de vida cristã autêntica afirma esta vontade [...] em contradição com o compromisso com aqueles problemas. Um e outro caso são as duas faces de um mesmo e grave erro».⁵⁸ Activismo

⁵⁶ L. Giussani, «Qualquer coisa que vem antes», op. cit., pp. 3-4.

⁵⁷ Francisco, *Homilia na Santa Missa Crismal*. 28 de Março 2013.

⁵⁸ *Verso una vita di fede più matura*, coligido por Comunhão e Libertação, *pro manuscripto*, Milão, 1976, p. 6.

ou intimismo: o que domina deixou de ser o Acontecimento que se impõe e altera a percepção de nós próprios, originando um olhar novo e uma paixão nova por tudo.

Vejam os como Giussani incansavelmente desmascarou a tentação de reduzir a natureza do cristianismo: «A análise do mal-estar da situação em que nos encontramos [historicamente era em 1976, mas é também em 2013, o nosso “hoje”] que quero realizar é puramente metodológica e não recriminatória, é um aspecto do juízo que nos faz recomençar». ⁵⁹ Estamos sempre expostos a esta redução, por isso *don* Giussani continuamente julgou, corrigiu, apelou; implacavelmente, sem trégua.

Tudo quanto descrevemos faz-nos perceber as dimensões da nossa necessidade. Somos verdadeiramente necessitados! Que libertação reconhecer isto e poder encará-lo juntos! Deste reconhecimento não pode senão brotar uma pergunta, como aquela que brota nos lábios da Igreja: «Olhai, Senhor, para a fragilidade da nossa natureza mortal e fortalecei a esperança dos vossos fiéis pelos méritos do vosso Filho Unigénito». ⁶⁰

Como é que Cristo respondeu à fraqueza dos apóstolos, à sua humanidade debilitada que os induzia a procurar apoios substitutivos? Não com uma estratégia ou com uma advertência moralista. Não lhes teria bastado, assim como não nos bastaria a nós. A necessidade é de tal dimensão que só a Sua morte e a Sua ressurreição podiam e podem curar o nosso mal pela raiz. Só podemos recuperar a vida pela Paixão do seu Filho, diz a liturgia. Mas frequentemente para nós, não estando conscientes do nosso drama, dizer isto reduz-se quase a «devoção». Por onde se vê? Pelo modo como encaramos a necessidade, pela presunção e pela arrogância que temos em nós. Pelo contrário, aquilo de que temos necessidade, para usar as palavras de São Bernardo, é propriamente «que [Cristo] regresse e me restitua a minha salutar letícia, me restitua Ele mesmo». ⁶¹

3. Permanência do cristianismo como acontecimento no presente: Ele está aqui

Jesus regressou. Vivo. Se há momento em que prevalece de novo a Sua presença viva é a Ressurreição. Que impressão ver os discípulos espantados pelo impor-se da Sua presença viva e inexorável! Mas também vemos

⁵⁹ *Id.*, p. 7.

⁶⁰ Oração das Laudes da Segunda-Feira Santa na Liturgia das Horas segundo o Rito Romano.

⁶¹ Cf. São Bernardo de Claraval, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, LXXIV, II, 7.

Jesus lutar com a sua incapacidade de ver: «Os discípulos não sabiam que era Ele».⁶² Experimentando uma e outra vez fazê-los sair da sua medida pessoal, através de um certo modo de dizer: «Maria», ou através de um milagre: «Lançai a rede para o lado direito e encontrareis»,⁶³ Jesus quer fazer sair à superfície a fé, a certeza dos seus discípulos: «É o Senhor».⁶⁴ Pode-se recomençar sempre porque Ele está vivo. O Vivente. Para lhes fazer retomar a vida não se contenta com ficar como uma presença inactiva. É uma presença que toma a iniciativa para responder à necessidade deles. Para responder à desorientação da Sua morte, explica-lhes a Escritura: «“Oh! Gente sem compreensão e de espírito lento para compreender para acreditar em tudo o que os profetas disseram. Não tinha o Messias de sofrer estas coisas, para entrar na Sua glória?”». E, começando a falar de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhe em todas as Escrituras o que a Ele se referia».⁶⁵ Para responder à traição de Pedro, pergunta: «Pedro, tu amas-Me?».⁶⁶ E depois: «Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes ficarão retidos».⁶⁷ Ou então faz-Se reconhecer por eles na fracção do pão, na Eucaristia.

Este será sempre o ponto de partida. Só a Sua iniciativa nos pode fazer recomençar. Bento XVI recordou-nos isso na abertura do Sínodo em Outubro passado: «Nós não podemos fazer a Igreja, podemos unicamente dar a conhecer quanto Ele fez. A Igreja não começa com o nosso “fazer”, mas com o “fazer” e o “falar” de Deus. Assim os Apóstolos não disseram, depois de algumas assembleias: agora queremos criar uma Igreja, e com a forma de uma constituinte elaboraram uma constituição. Não, rezaram e em oração esperaram, porque sabiam que só o próprio Deus pode criar a sua Igreja, que Deus é o primeiro agente: se Deus não age, as nossas coisas são apenas nossas e são insuficientes; só Deus pode testemunhar que é Ele quem fala e quem falou. Pentecostes é a condição do nascimento da Igreja: só porque Deus agiu primeiro, os Apóstolos podem agir com Ele e com a sua presença e tornar presente quanto Ele faz. Deus falou e este “falou” é o pretérito perfeito da fé, mas é sempre também um presente: o pretérito perfeito de Deus não é só um passado, porque é um passado verdadeiro que tem sempre em si o presente e o futuro.

⁶² *Jo* 21,4.

⁶³ *Jo* 21,6.

⁶⁴ *Jo* 21,7.

⁶⁵ *Lc* 24,25-27.

⁶⁶ Cf. *Jo* 21,15-16.

⁶⁷ *Jo* 20,22-23.

Deus falou significa: “fala”. E como naquele tempo só com a iniciativa de Deus podia nascer a Igreja, o Evangelho podia ser conhecido, o facto de que Deus falou e fala, assim também hoje só Deus pode começar, nós podemos unicamente cooperar, mas o início deve vir de Deus. Por isso não é uma simples formalidade se começarmos todos os dias a nossa Assembleia com a oração: isto responde à própria realidade. Só o preceder de Deus torna possível o nosso caminhar, o nosso cooperar, que é sempre um cooperar, não uma nossa decisão. Por isso é sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a actividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também — com Ele e n’Ele — evangelizadores. Deus é sempre o início».⁶⁸

Só quem aceita inserir-se neste início contínuo pode ver como a vida renasce, como a nossa existência readquire vigor.

De que maneira permanece o cristianismo na história como acontecimento presente? Através daqueles que por Ele são tomados, através daqueles nos quais a consciência da Sua presença se tornou predominante.

Estejamos atentos para não reduzir a densidade e a riqueza da companhia dos crentes às nossas tentativas, porque se revelaria insuficiente para responder à dimensão da nossa necessidade: «O acontecimento de Cristo permanece na história através a companhia dos crentes, que é um sinal, como tenda na qual está o *sancta sanctorum*, o Mistério feito homem. Este Mistério permanece na vida de cada homem e do mundo, pessoal e realmente, através da unidade sensivelmente expressa dos cristãos. A companhia dos crentes é sinal eficaz da salvação de Cristo para os homens, é o sacramento da salvação do mundo. Cristo Ressuscitado cinge-se assim à nossa volta: esta companhia é propriamente Cristo presente. Ela é Cristo na sua realidade humana, é o corpo de Cristo que se torna presente, tanto que Ele pode ser tocado, pode ser visto, pode ser sentido. O valor desta companhia é mais profundo do aquilo que se vê, porque aquilo que se vê é a emergência do Mistério de Cristo que se revela».⁶⁹

Se para responder à nossa humanidade esgotada teve de morrer e ressuscitar, a questão é: como é que nós podemos participar hoje da Sua vitória? E como é que Cristo toma hoje a iniciativa para nos fazer participar da Sua vitória? «Cristo dá-se a conhecer, torna-Se acessível

⁶⁸ Bento XVI, *Meditação do Papa Bento XVI durante a Oração da Hora Tercia na inauguração da 1ª Congregação Geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sinodo dos Bispos*, 8 de Outubro de 2012.

⁶⁹ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 43.

e, portanto, dá-nos o Seu Espírito na Igreja através da Sagrada Escritura, os Sacramentos, a sucessão apostólica, mas sobretudo o Seu Espírito sacode-nos e invade-nos através da vida inteira da Igreja. A Igreja é o universo alcançado, recriado e possuído por Cristo através do Seu Espírito. A Igreja é a humanidade enquanto tornada verdadeira, unificada pela presença de Cristo através daquela energia re-criativa que é o mistério do Espírito no Pentecostes. Cristo estaria irremediavelmente distante e seria, portanto, vítima da nossa interpretação, se não estivesse presente na Igreja viva. Se não se oferecesse a nós no mistério do Seu Corpo que é a Igreja, Cristo seria, em última análise, reduzido subjectivamente, como conteúdo e como método. A Igreja é, pois, o método com que Cristo se comunica no tempo e no espaço, analogamente ao facto de que Cristo é o método com que Deus escolheu comunicar-Se aos homens para a sua salvação. Através da humanidade da Igreja o divino chega a nós quer como “comunicação da verdade” (Escritura, Tradição, Magistério), e por isso como ajuda ao homem para alcançar uma clareza e certeza objectivas ao perceber os significados últimos da nossa existência, quer como “comunicação da própria realidade divina” – Graça – através dos Sacramentos.»⁷⁰

A nossa primeira acção é então a passividade de nos deixarmos envolver nesta iniciativa de Cristo presente na Igreja.

A iniciativa de Cristo começou no Baptismo: «O encontro de Cristo com a nossa vida, pelo qual Ele começou a ser um evento real para nós, o impacto de Cristo com a nossa vida, a partir do qual Ele se moveu em nossa direcção e estabeleceu, como *vir pugnator*, uma luta pela “invasão” da nossa existência, chama-se Baptismo».⁷¹ Ele renova-nos, faz-nos ser diferentes inserindo-nos na Sua morte e ressurreição: «Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição».⁷²

Este início tem de ser constantemente alimentado, nutrido, a fim de podermos caminhar nesta vida nova: «A comunhão da carne de Cristo Ressuscitado, “vivificada pelo Espírito Santo e vivificante”, conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida no Baptismo. Este crescimento da vida cristã precisa de ser alimentado pela Comunhão eucarística, pão

⁷⁰ *Id.*, pp. 58-59.

⁷¹ *Id.*, pp. 64-65.

⁷² *Rm* 6,4-5.

da nossa peregrinação».⁷³ Se não quisermos faltar à relação com Cristo que nos conquistou, precisamos de ir receber constantemente os sacramentos como mendigos: «*A Comunhão aumenta a nossa união com Cristo. Receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com Cristo Jesus. De facto, o Senhor diz: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele” (Jo 6, 56). A vida em Cristo tem o seu fundamento no banquete eucarístico: “Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, também o que Me come viverá por Mim” (Jo 6, 57)*».⁷⁴ É assim que Ele nos procura, como nos recorda São João Crisóstomo: «Por ti fui coberto de cuspo e bofetadas, despojei-me da minha glória, deixei o meu Pai e vim a ti, tu que me odiavas, que me fugias e não querias sequer ouvir o meu nome; segui-te, corri no teu encalço, para tomar posse de ti; eu te uni, te liguei a mim, apertei-te contra mim, abracei-te. “Come-me”, disse eu, “bebe-me”. E eu tenho-te comigo no céu e me ligo a ti nesta terra. Não me basta possuir no céu as tuas primícias, isso não sacia o meu amor. Desci novamente à terra, não só para me misturar entre os da tua gente, mas para te abraçar precisamente a ti».⁷⁵

É esta a única fonte contínua de uma real comunhão entre nós. Só a comunhão eucarística pode transformar-nos a ponto de gerar um só corpo, investindo da Sua presença todas as nossas relações.

A nossa comunhão com Cristo e com os irmãos precisa de ser reconstruída continuamente pela misericórdia, ou seja, pela presença de Cristo que se dirige a nós, como a Pedro após a traição. É só esta iniciativa cheia de misericórdia por nós que nos reconstrói a nós na nossa relação com Cristo, com os irmãos e com nós próprios. Sem misericórdia não há caminho, não há comunhão. Por isso, «Cristo instituiu o sacramento da Penitência para todos os membros pecadores da sua Igreja, em primeiro lugar para aqueles que, depois do Baptismo, caíram em pecado grave, perdendo assim a graça baptismal e infligindo uma ferida à comunhão eclesial».⁷⁶

«*A conversão a Cristo, o novo nascimento pelo Baptismo, o dom do Espírito Santo, o Corpo e o Sangue de Cristo recebidos em alimento, tornaram-nos “santos e imaculados na sua presença” (Ef 1,4), tal como a própria Igreja, Esposa de Cristo, é “santa e imaculada” (Ef 5,27) diante*

⁷³ *Catecismo da Igreja Católica*, 1392.

⁷⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, 1391.

⁷⁵ Cf. João Crisóstomo, *Comentário à Primeira Carta a Timóteo*, Homilia XV.

⁷⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, 1446.

d’Ele. No entanto, a vida nova recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação para o pecado, a que a tradição chama *concupiscência*, a qual persiste nos batizados, a fim de que prestem as suas provas no combate da vida cristã, ajudados pela graça de Cristo. Este combate é o da *conversão*, em vista da santidade e da vida eterna, a que o Senhor não se cansa de nos chamar.»⁷⁷

⁵⁰ se nós aceitarmos participar, acolher esses gestos de Cristo – através dos quais Ele nos atrai dentro de si e nos faz ser um só corpo, nos renova com o sacramento da penitência, nos alimenta com o Seu Corpo e o Seu Sangue –, é que podemos recomençar: «Cristo – disse o papa Francisco na Segunda-Feira do Anjo – venceu o mal de modo pleno e definitivo, mas compete a nós, aos homens de todos os tempos, acolher esta vitória na nossa vida e nas realidades concretas da história e da sociedade. Por isso, parece-me importante sublinhar aquilo que hoje pedimos a Deus na liturgia: ‘Ó Pai, que fazeis crescer a vossa Igreja concedendo-lhe sempre novos filhos, permiti que os vossos fiéis manifestem na própria vida o sacramento que eles receberam na fé’ [...]. É verdade, o Batismo que nos faz filhos de Deus, a Eucaristia que nos une a Cristo, devem tornar-se vida, ou seja, traduzir-se em atitudes, comportamentos, gestos e escolhas. A graça contida nos Sacramentos pascais é uma potencialidade de renovação enorme para a existência pessoal, para a vida das famílias, para as relações sociais. Mas tudo passa através do coração humano: se eu me deixar alcançar pela graça de Cristo ressuscitado, se lhe permitir que transforme aquele meu aspecto que não é bom, que me pode fazer mal, a mim e ao próximo, permitirei que a vitória de Cristo se consolide na minha vida, ampliando a sua ação benéfica. Este é o poder da graça! Sem a graça nada podemos! Sem a graça nada podemos! E com a graça do Batismo e da Comunhão eucarística posso tornar-me instrumento da misericórdia de Deus, da bonita misericórdia de Deus. Expressar na vida o sacramento que recebemos: eis, queridos irmãos e irmãs, em que consiste o nosso compromisso quotidiano, mas diria também a nossa alegria diária! O júbilo de nos sentirmos instrumentos da graça de Cristo, como ramos da videira que é Ele mesmo, animados pela linfa do seu Espírito!».⁷⁸

A Sua capacidade de transformar a vida e de fazer-nos participar desta graça exprime-se, a par dos sacramentos, através dos carismas: «O Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas “distribuindo a

⁷⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, 1426.

⁷⁸ Francisco, *Regina Coeli*, Segunda-Feira do Anjo, 1 de Abril de 2013.

cada um os seus dons como lhe apraz” (1 Cor 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja». ⁷⁹

João Paulo II, na Praça de São Pedro a 30 de Maio de 1998, disse-nos: «Os verdadeiros carismas não podem senão tender para o encontro com Cristo nos Sacramentos. As verdades eclesiais a que aderis ajudaram-vos a redescobrir a vocação batismal, a valorizar os dons do Espírito recebidos na Confirmação, a confiar-vos à misericórdia de Deus no Sacramento da Reconciliação e a reconhecer na Eucaristia a fonte e o ápice da inteira vida cristã». ⁸⁰

Este é o contributo histórico que *don* Giussani nos deu a nós e a toda a Igreja: «O carisma representa justamente a modalidade de tempo, de espaço, de carácter, de temperamento, a modalidade psicológica, afectiva, intelectual com que o Senhor se torna acontecimento para mim e, do mesmo modo, para outros». ⁸¹ Por conseguinte, o carisma é factor de pertença a Cristo e à Sua verdade: «A questão do carisma é decisiva porque é o factor que existencialmente facilita a pertença a Cristo, ou seja, é a evidência do acontecimento presente hoje, na medida em que nos move. Neste sentido, o carisma introduz à totalidade do dogma. Assim como o carisma é o modo como o Espírito de Cristo nos faz perceber a sua Presença excepcional, nos dá o poder de aderir a ela com simplicidade e disposição amorosa, é vivendo o carisma que se ilumina o conteúdo objectivo do dogma». ⁸²

Não devemos esquecer, porém, que só da graça sacramental pode nascer constantemente o carisma, a sua vitalidade hoje. É a graça sacramental que faz surgir e mantém vivo o corpo eclesial, como João Paulo II nos disse num discurso para nós memorável: «O surgimento do corpo eclesial como instituição, a sua força persuasiva e a sua energia de agregação possuem a sua raiz no dinamismo da Graça sacramental. Esta encontra, porém, a sua forma expressiva, a sua modalidade operativa, a sua concreta incidência histórica mediante os diversos carismas que caracterizam um temperamento e uma história pessoal. [...] Quando um movimento é reconhecido pela Igreja, este se torna um instrumento privilegiado para uma pessoal e sempre nova adesão ao mistério de Cristo. Não permiti-

⁷⁹ *Lumen gentium*, 12. Constituição Dogmática, 21 de Novembro de 1964.

⁸⁰ João Paulo II, *Discurso aos Movimentos Eclesiais e às Novas Comunidades*, 30 de Maio de 1998.

⁸¹ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 108.

⁸² *Id.*, pp. 109-110.

tais jamais que na vossa participação se aloje o caruncho do costume, da “rotina”, da velhice! Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e ele vos levará de forma mais potente a vos tornardes servidores daquela única potestade que é Cristo Senhor!».⁸³

Só deixando-nos alcançar pelo poder de Cristo ressuscitado, que vem constantemente ao nosso encontro através dos sacramentos e do carisma, poderemos ver que o quotidiano «que tolhe as pernas» se torna vivível: «O milagre é a realidade humana vivida quotidianamente, sem ênfases excepcionais, sem necessidade de exceções, sem sortes especiais, é a realidade do comer, do beber, do vigiar e do dormir investida pela consciência de uma Presença que tem os seus terminais em mãos que se tocam, em caras que se vêem, num perdão a conceder, em dinheiro a distribuir, num esforço a realizar, num trabalho a aceitar».⁸⁴

«A presença de Cristo, na normalidade do viver, implica cada vez mais o pulsar do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana e ilumina, entenece, embeleza, adoça cada vez mais o teor da vida quotidiana. Não há nada de inútil, não há nada de alheio, porque nada é alheio ao teu destino e, portanto, não há nada a que não possamos afeiçoar-nos [...], com as suas magníficas consequências de respeito pela coisa que fazes, de precisão na coisa que fazes, de lealdade com a tua obra concreta, de tenácia no perseguir o seu fim; tornas-te mais incansável [...]. Até o cansaço, sem sombra de dúvida, é por assim dizer reabsorvido também como cansaço, torna-se um cansaço puramente fisiológico.»⁸⁵

É a verificação, no quotidiano, da presença vitoriosa de Cristo que nos vai permitir apegar-nos cada vez mais a Ele, até poder dizer com Ada Negri: «Tudo / para mim tu foste e és».⁸⁶ Entre tantas pessoas talvez alguém possa dizer: «Tudo para mim tu foste». Mas dizer de alguém não apenas «Foste», no passado, no encontro inicial, mas «És» agora, no presente, isso é outra coisa!

Só envolvendo-nos na Sua vitória poderemos dizer com verdade: «Cristo, tudo para mim Tu foste e és».

⁸³ João Paulo II, *Discurso aos sacerdotes participantes na experiência do Movimento «Comunhão e Libertação»*, 2-3. 12 de Setembro de 1985.

⁸⁴ L. Giussani, *Um evento reale nella vita dell'uomo (1990-1991)*, Milão, Bur, 2013, p. 269.

⁸⁵ *Id.*, pp. 103-104.

⁸⁶ A. Negri, «Atto d'amore», *Mia giovinezza*, Milão, Bur, 2010, p. 70.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Act 9,31-42; Sal 115 (116); Jo 6,60-69

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL JEAN-LOUIS TAURAN PRESIDENTE DO CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO

Como sempre, Jesus deixa os homens livres de escolher. Os Doze, também eles, devem renovar a sua adesão a Cristo: «“Também vos quereis ir embora?”». Respondeu-Lhe Simão Pedro: “Para quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! E nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus”». Perante as palavras e os gestos de Jesus, a pessoa é obrigada a responder com um «sim» ou com «não». O grande drama do homem não é a doença nem a morte: é a sua liberdade. O homem pode dizer «não» a Deus, e Deus respeita a sua liberdade. O famoso poeta Hölderlin, contemporâneo de Goethe, escreveu: «Deus criou o homem como o mar faz os continentes: retirando-se».

Não se pode evitar Jesus Cristo. Jesus incomoda, porque é sinal de contradição: «Estas palavras são insuportáveis. Quem as pode escutar?» (*Jo 6,60*). Nós estamos aqui porque somos discípulos de Jesus e porque somos portadores de uma mensagem para o mundo, para a Itália de hoje. Uma mensagem que é uma contestação radical da «correção política e cultural». Pensem: digamos aos nossos amigos: «São – somos – chamados à vida eterna». Ainda por cima, temos a recordar à humanidade de hoje e de amanhã um acontecimento único na história: Jesus ressuscitou! Nunca uma revolução, nunca um progresso científico poderão oferecer aos homens uma «coisa tão importante» como a ressurreição de Jesus. É o Evangelho da vitória inaudita sobre o sofrimento, sobre o pecado e sobre a morte que Cristo obteve para Si e para nós. É um acontecimento indescritível, que a todos nos afecta e envolve!

Então vêem como crer não é simplesmente acreditar que Deus existe. Não, é crer que Deus intervém na existência humana. O objecto da nossa fé – ouvi esta manhã o Padre Carrón sublinhar isto – é um acontecimento, ou uma série de acontecimentos: acreditar que Deus falou a Abraão, libertou o povo do Egipto, encarnou no seio da Virgem Maria, ressuscitou dos mortos. Para nós é acreditar também que Deus está presente no meio de nós na Eucaristia: eis o «supremo paradoxo». Na realidade os homens estão mais ou menos dispostos a reconhecer uma divindade que «está acima deles, que não incomoda». Mas acreditar que Deus intervém na trama da existência humana, que existem obras divinas que se realizam hoje: isto é

um «escândalo» que a maior parte dos nossos contemporâneos rejeitam. Rejeitam o sobrenatural.

Esta assembleia numerosa, atenta, comprometida, aquece o coração porque é um acontecimento divino. Aqui, esta manhã, *hic et nunc*, Deus está no meio de nós nesta Eucaristia. Para nós o Cristianismo não é «uma certa visão do mundo». Não é um sistema que aceitamos porque nos convém. Estamos aqui porque acreditamos que aconteceu qualquer coisa, que Cristo ressuscitou, que Ele é a Verdade e isso interessa-nos a nós e a todos os homens.

Vocês sabem, nós cristãos somos «observados». Todos procuram, não as coisas boas que possamos realizar mas, antes, as nossas falhas. E isto recorda-nos que a Igreja é uma realidade divina e humana ao mesmo tempo. Não devemos, porém ter complexos, porque o Espírito guia a Igreja e reserva sempre surpresas. Basta recordar aquilo que sucedeu em Roma no mês passado. Notei que nos discursos do novo Papa há uma palavra por ele usada com frequência: é o verbo «sair». Sair de nós mesmos para nos deixarmos purificar por Deus; sair das nossas igrejas, dos nossos conventos, das nossas salas de reunião para chegar aos homens onde estes vivem, constroem, sofrem, morrem.

A primeira leitura apresentou-nos Pedro em «visita pastoral», digamos. A paz e concórdia fraterna são evidenciadas. Sabemos que a esta paz e concórdia fraterna se deve acrescentar a escuta da Palavra, a partilha do pão e a comunhão dos bens. São as características da comunidade cristã primitiva e nós devemos sempre referir a esta comunidade. Mas o comportamento de Pedro curando os doentes recorda-nos que nós também devemos responder às perguntas dos nossos contemporâneos. Devem ver-nos rezar para se poderem colocar as perguntas fundamentais; precisam de uma palavra que «anime» as suas almas, precisam de encontrar comunidades onde sejam acolhidos, escutados e respeitados. Sim, todos precisam de sair deste contexto de morte, de desconfiança, de suspeita que, infelizmente, arruína a nossa vida e distingue a cultura de hoje: o absurdo, o isolamento, a não estima por si próprios. Pedro pôde responder às expectativas das pessoas em dificuldade que encontrava porque ele próprio tinha aprendido de Jesus como rezar e que missão cumprir.

Durante este retiro vocês perguntaram-se: «Quem nos separará do amor de Cristo?». Para poder responder «Ninguém, nada», vocês também têm de conduzir uma vida de intimidade, de amizade com Cristo.

No mundo de hoje, o grande perigo é organizar a nossa vida, a sociedade, segundo a medida do homem. Nós cristãos propomos um Deus Pai

próximo de nós, que se faz servidor e alimento: eis o que nos distingue dos discípulos de Maomé ou de Buda. Mas, atenção: não devemos nunca habituar-nos a esta incrível proximidade de Deus. Quem diz de Deus: «Ele», sem nunca dizer: «Tu», está aos poucos a esquecer os traços da fisionomia de Deus. E um belo dia Deus não será nada mais que uma ideia e, muito rapidamente, nada mais que uma palavra.

Ainda ontem de manhã, o papa Francisco recordava que a vida cristã é um falar com Deus tu por tu, como se fala com uma pessoa. «Não com um Deus – dizia – indefinido e difuso à maneira de um *spray*, espalhado um pouco por toda a parte.»

Irmãos e irmãs, peçamos que nos sejam dadas as energias espirituais de que necessitamos para ser cristãos coerentes, capazes de construir uma sociedade com finalidades dignas do homem. Queira Deus preservar-nos do “baixar a guarda”, reduzindo a caridade a uma mera filantropia, transformando o espírito apostólico numa simples propaganda, ou a Igreja num clube.

Dêmos graças a Deus por este retiro, que nos permite, uma vez mais, constatar como são numerosos os homens e as mulheres que, na vida de todos os dias, estão conscientes da fidelidade de Deus, manifestada em Jesus Cristo e na sua Igreja. Todos juntos sentimo-nos mais fortes, para amar e servir este nosso mundo, o mundo que Deus ama e que Cristo salva. Este mundo onde o homem quer adentrar-se nos segredos do átomo, mas que, ao mesmo tempo, continua cego ao sentido da aventura humana. Este mundo rico em projectos e êxitos técnicos, mas que, ao mesmo tempo, está angustiado pelo futuro. Este mundo das comunicações cada vez mais rápidas, mas que é também o mundo da solidão. Este mundo onde homens e mulheres são capazes de gestos de solidariedade admiráveis, mas que é também o mundo onde tantos vivem fechados em si mesmos.

Ora bem, é este mundo que Deus ama, que nós devemos amar e servir. Devemos manter aberta a porta do nosso coração para acolher, perceber, dialogar, encorajar e permitir a outros que cresçam, crescendo nós próprios, graças às suas perguntas.

Tinha razão o grande papa Paulo VI quando afirmava, no dia de Páscoa do ano 1969: «O cristianismo não é fácil, mas é feliz». Portanto, ajudemo-nos uns aos outros a estabelecer e a aprofundar uma relação pessoal com Jesus! Jesus que se faz servidor, que esta manhã mais uma vez prepara a mesa onde está, simultaneamente, Aquele que serve e Aquele que se dá em alimento.

Conservemos uma confiança absoluta neste Deus fiel, e assim o nosso amor à pessoa de Jesus será tão forte que nada poderá separar-nos d'Ele. Assim seja!

ANTES DA BÊNÇÃO

Julían Carrón. Eminência Reverendíssima, em nome de todos, desejo em primeiro agradecer lugar a sua participação nos nossos Exercícios.

Permita-me que lhe agradeça ainda pela atenção com que acompanha a nossa experiência, atenção que no tempo amadureceu em paternal amizade.

É significativo que tenha sido precisamente da sua voz, que ouvimos, na noite de 13 de Março, o primeiro anúncio da eleição do papa Francisco, o grande dom que o Senhor fez à Sua Igreja.

Agradecemos a Vossa Eminência pelo seu límpido testemunho de serviço inteligente e discreto ao Santo Padre, que nos ajuda no nosso seguimento quotidiano de Cristo.

Obrigado, Eminência!

Cardeal Tauran. Obrigado! Quando fui feito cardeal, distribuí aos meus amigos uma pequena pagela com esta frase de São Paulo, retirada da Segunda Carta aos Coríntios: «Nós somos vossos servos, por causa de Jesus». Este é o programa de todos os sacerdotes.

Obrigado pela confiança!

Sábado 20 de Abril, tarde

À entrada e à saída:

Franz Schubert, Sonata para arpeggione e piano, D 821
Mstislav Rostropovich, violoncelo – Benjamin Britten, piano
“Spirto Gentil” n. 18, Decca

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Faça-se em mim segundo a Vossa palavra»

Disse Bento XVI: «Toda a vida cristã consiste em responder ao amor de Deus. A primeira resposta é precisamente a fé como acolhimento, cheio de admiração e gratidão, de uma iniciativa divina inaudita que nos precede e solicita; e o “sim” da fé assinala o início de uma luminosa história de amizade com o Senhor, que enche e dá sentido pleno a toda a nossa existência.»⁸⁷

É desta fé que falamos agora.

1. A fé é o reconhecimento de uma Presença

«A posição em que nos encontramos face ao acontecimento de Cristo é idêntica à de Zaqueu diante daquele homem que parou debaixo da planta a que ele tinha subido e lhe disse: “Desce depressa, vou a tua casa”. É a mesma posição da viúva, a quem morrera o filho único, que ouviu Jesus dizer-lhe, de um modo que nos parece tão irracional: “Mulher, não chores!” – é, de facto, absurdo dizer a uma mãe a quem morreu o único filho: “Mulher, não chores!” –. Foi para eles e é também para nós a experiência da presença de qualquer coisa radicalmente diferente das nossas imagens e ao mesmo tempo de total e originalmente correspondente às expectativas profundas da nossa pessoa. Experimentar uma real correspondência [como dizíamos esta manhã] ao nosso coração é uma coisa absolutamente excepcional [...]. Dado que o nosso coração é feito para esta correspondência, esta deveria ser normal na vida; e contudo nunca

⁸⁷ Bento XVI, *Crer na caridade suscita caridade*, n. 2. Mensagem para a Quaresma 2013. 15 de Outubro de 2012.

acontece; quando acontece, isso constitui uma experiência excepcional. Ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição de apegar-se a tal Presença, é isso a fé.»⁸⁸

Giussani prossegue: «Para que surja a fé no homem e no mundo tem, pois, de acontecer primeiro qualquer coisa que é graça, pura graça: o acontecimento de Cristo, do encontro com Cristo, em que se faz a experiência de uma excepcionalidade que não pode ocorrer por si só. A fé é essencialmente reconhecer a diversidade de uma Presença, reconhecer uma Presença excepcional, divina. [...] Sabe-se lá quantas vezes a Samaritana terá tido sede da atitude com que Cristo a tratou naquele instante, sem nunca antes se aperceber; quando aconteceu, reconheceu-a logo.»⁸⁹

É preciso dar-se conta de que a fé cristã tem a sua origem fora de nós. Não é algo que nós possamos criar. Quantas vezes não gostaríamos de ser nós a criar a correspondência que desejamos possuir! Mas se a origem da fé é uma coisa fora de nós, então ela não tem nada a ver com introspecção, com qualquer coisa que conseguimos obter indagando dentro de nós. A fé não é, portanto, um sentimento ou uma ética, porque não está nas nossas mãos, não está na nossa capacidade gerar a presença que nos corresponde. A fé cristã é de tal maneira determinada pelo objecto que, sem esta Presença, simplesmente não existiria. Como o enamoramento: sem a presença amada, simplesmente não existiria. É inútil pensar que se pode gerar com alguma estratégia, com algum intento, com algum esforço, com algum ímpeto de sentimento, com algum raciocínio (usem quantas palavras quiserem): tudo isto é inútil para gerar tão somente um instante de experiência de enamoramento. Enfim, faz parte do enamoramento uma presença que o impulsiona, que o faça surgir, que o sustente.

Por conseguinte: «A fé é parte do acontecimento cristão porque é parte da graça que o acontecimento representa [...]. A fé pertence ao acontecimento porque, enquanto *reconhecimento amoroso* da presença de algo de excepcional, é um dom, é uma graça. Assim como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, assim também vivifica em mim a capacidade de apreendê-lo e de reconhecê-lo na sua excepcionalidade.»⁹⁰

Mas de que forma é que a Presença excepcional vivifica a capacidade de apreendê-La? Porque, se a sua Presença excepcional não facilita que se chegue até aí e se, como vimos esta manhã, não seguimos o desejo des-

⁸⁸ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 28-29.

⁸⁹ *Id.*, p. 30-31.

⁹⁰ *Id.*, p. 31.

pertado por aquela Presença, a exasperada tensão para dizer o Seu nome, nós não A alcançamos, e o nosso coração não encontra aquela satisfação para a qual está feito. Por isso Giussani escreve: «Este mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, adequando a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que a provoca. É o que se chama *a graça da fé*».⁹¹ Por analogia, é a presença da pessoa amada que exalta a nossa capacidade cognitiva a fim de podermos captá-la na sua verdade profunda.

Como é que se exalta, então, a nossa capacidade cognitiva de modo que ela chegue a apreender todo o alcance da Presença? Insiste don Giussani: «Para poder conhecer é preciso [...] uma posição de abertura, ou seja, de “amor”. Sem amor não se conhece. No fundo, este amor é indicado por esse instinto original pelo qual a natureza – ou seja, Deus que nos cria – nos lança no universal confronto com curiosidade. [...] Em última análise, só essa abertura viva ao objecto que se converte em afeição faz com que este nos toque por aquilo que é (*affici*, ser-tocado-por). Assim como o homem caminha com todo o seu ser, assim também vê com todo o seu ser [não se pode quebrar a unidade do eu, ensinou-nos sempre don Giussani]: ele vê com os olhos da razão enquanto o coração é aberto-a, isto é, na medida em que a afeição sustenta a abertura dos olhos, caso contrário, perante o objecto o olhar fecha-se, “adormece”, foge. O olhar da razão vê, portanto, na medida em que é sustentado pela afeição, o que já exprime o jogo da liberdade».⁹²

É preciso olhar bem para esta descrição que don Giussani faz para poder compreendê-la até ao fundo. Por que motivo é necessária a Presença excepcional? O que tem a ver com a abertura dos olhos da razão? A Presença excepcional magnetiza de tal modo a curiosidade e a afeição do homem – vemos isso nas crianças – que mantém a abertura dos olhos da razão para que esta possa conhecer o objecto sem o reduzir. É na medida em que for mantida pela afeição que a razão pode chegar a apreender todos os factores implicados na Presença excepcional. A presença excepcional de Cristo faz, portanto, escancarar o olhar exaltando a capacidade cognitiva do homem, para que ele possa captá-Lo e reconhecê-Lo na Sua excepcionalidade. Recordámos isto com a frase de Santo Agostinho sobre Zaquêu: «Ele foi olhado, e então viu».⁹³ Continua don Giussani:

⁹¹ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 129-130.

⁹² L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 30.

⁹³ Santo Agostinho, *Discurso* 174, 4.4.

«A fé representa o cumprimento da razão humana. Ela é a inteligência da realidade no seu horizonte último, o reconhecimento daquilo em que tudo consiste. A inteligência natural [atenção!] não consegue tocar este horizonte último. É unicamente por alguma coisa que aconteceu, pelo acontecimento de Deus feito homem, pelo seu dom [pela excepcionalidade desta Presença que temos à nossa frente], que a nossa inteligência renovada pode reconhecê-lo e tocá-lo. A fé atinge assim um vértice que ultrapassa a razão; sem ela a razão não se cumpre, ao passo que nela a razão se torna escada da esperança».⁹⁴

A fé é uma forma de conhecimento que ultrapassa o limite da razão. Por que é que ultrapassa o limite da razão? «Porque capta uma coisa que a razão não pode captar: “a presença de Jesus entre nós”, “Cristo está aqui, agora”, a razão não pode perceber isto da mesma maneira que percebe que tu estás aqui agora, está claro? Mas não posso não admitir que está. Porquê? Porque há um factor aqui dentro, há um factor que determina esta companhia, certos resultados desta companhia, certas ressonâncias nesta companhia. E é um factor tão surpreendente que se não afirmo que há alguma coisa diferente não estou a dar razão da experiência, porque a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os factores que a constituem, todos os factores. Pode haver um factor que a constitui cujo eco se ouve, cujo fruto se percebe [dizíamos isto esta manhã: o fruto de uma humanidade diferente], cuja consequência até se pode ver, mas que não se consegue ver directamente. Se eu disser: “Então não existe”, estou enganado, porque elimino qualquer coisa da experiência, deixa de ser razoável.»⁹⁵

Mas nós muitas vezes, como este reconhecimento comporta um esforço, implica uma tensão exasperada – quantos de vocês já pensaram isso só de ouvir! Imaginem fazer! –, ficamos pela aparência, ficamos à superfície daquilo que devia ser sinal visível, seja negando ou eliminando aquele factor cujo eco se sente, seja contentando-nos com essas ressonâncias positivas, até que nos cansamos, nos damos conta de que não chegam para viver, que não são capazes de preencher-nos, que não satisfazem a vida. E então a fé começa a entrar em crise. É por isso que ficamos admirados com o testemunho que *don* Giussani sempre nos ofereceu daquela exasperada tensão para captar todos os factores até ao “Tu”. Quando Giussani nos dizia estas coisas, era meramente por um desejo de nos complicar a

⁹⁴L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 32.

⁹⁵L. Giussani, *É possível viver assim?*, vol. II - *Esperança*, Coimbra, Tenacitas, 2009, p. 96.

vida? Ou era para não perder aquela Presença cujas ressonâncias via e desejava alcançar? Oíçam com que insistência fala disto: «A fé é racional, na medida em que floresce no limite extremo da dinâmica racional como flor de graça, a que o homem adere com a sua liberdade [a par da razão, eis o outro factor decisivo do humano: a liberdade]. E como faz o homem para aderir com a sua liberdade a esta flor incompreensível como origem e como forma? Aderir com a liberdade pessoal significa, para o homem, reconhecer com simplicidade aquilo que a sua razão percebe como excepcional, com aquela prontidão segura, como sucede com a evidência inatacável e indestrutível de factores e momentos da realidade, tal como entram no horizonte da própria pessoa».⁹⁶ «Assim a minha liberdade aceita aquele acontecimento, aceita reconhecê-lo.»⁹⁷

Diz Lewis: «Dado que eu sou “eu”, devo realizar um acto de abandono, ainda que pequeno ou fácil, viver para Deus mais do que para mim. Isto é, se quiserem, o “ponto fraco”, na obra da criação, o risco que aparentemente Deus pensa que vale a pena correr [connosco]».⁹⁸

«Por isso, em nós, a fé é quer o reconhecimento do excepcional presente [que realiza a razão], quer a adesão simples e sincera que diz “sim” [que realiza a liberdade] e não opõe objecções: reconhecimento e adesão são parte do momento em que o Senhor, através da força do Seu Espírito, se revela a nós, são parte do momento em que o acontecimento de Cristo entra na nossa vida.»⁹⁹ Por isso é que são Paulo diz que ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor (ou seja realizar verdadeiramente um acto de fé pleno) senão pelo Espírito Santo,¹⁰⁰ que leva a razão e a liberdade ao seu auge, porque a fé cristã é tão humana que exalta tudo quanto é humano, a razão e a liberdade. Sem esta exaltação e sem que nós decidamos participar nesta exaltação não existe fé. Giussani não fez este esforço gigantesco sem uma finalidade. Levou-o a cabo para nos ajudar a compreender todos os factores da fé, porque hoje, no nosso mundo, na nossa cultura, se a razão e a liberdade não estão presentes no acto de fé, não mais existirá a fé: num mundo em que tudo diz o contrário, não podemos crer só por hábito. Por isso, seguir Giussani é a única possibilidade de, hoje, ter fé. Bento XVI travou uma luta acérrima por um alargamento da razão, para nos ajudar a compreender que a fé representa o vértice (tornado possível pelo próprio acontecimento de Cristo), para

⁹⁶ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., pp. 32-33.

⁹⁷ *Id.*, p. 31.

⁹⁸ C.S. Lewis, *Il problema della sofferenza*, Brescia, Morcelliana, 1957, p. 83.

⁹⁹ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 31.

¹⁰⁰ Cf. 1 Cor 12,3.

que a afirmação de Cristo não se torne uma coisa que se acrescenta à vida e, no fundo, algo irracional. Cada qual tem de decidir se está disposto a seguir *don* Giussani neste percurso para poder viver a fé como homens, como adultos, num mundo como o nosso. A fé não é um suplemento opcional ao Acontecimento. E sem o reconhecimento da fé, a vida está condenada ao vazio. O medo, a solidão, a insatisfação levam a melhor. Por isso Santo Agostinho diz: «Sente-se atraído por Cristo o homem que encontra o seu deleite na verdade, na beatitude, na justiça, na vida eterna, em tudo aquilo que, em suma, é Cristo».¹⁰¹

Então, como pode a fé tornar-se sempre mais minha?

2. A personalização da fé

O carisma – quantas vezes no-lo recordou *don* Giussani – é um dom do Espírito para ajudar a personalização da fé, tornando-a assim mais persuasiva na vida de cada um. Numa carta precisamente a *don* Giussani, João Paulo II afirmava que «a originalidade do carisma de cada movimento “não pretende, nem o poderia, acrescentar nada à riqueza do *depositum fidei*, custodiado pela Igreja com apaixonada fidelidade” [...]. Essa originalidade, porém, “constitui um sustento poderoso, um estímulo sugestivo e convincente a viver em pleno, com inteligência e criatividade, a experiência cristã. Aqui está o pressuposto para encontrar respostas adequadas aos desafios e urgências dos tempos e das circunstâncias históricas sempre diferentes”».¹⁰²

Neste sentido, *don* Giussani tem uma preocupação constante: que o movimento seja capaz de gerar uma personalidade adulta. Por que é que *don* Giussani tem esta preocupação continuamente manifestada? Porque vê a dificuldade dessa geração de personalidades adultas na fé. O problema da fé não ficou para trás das costas, como qualquer coisa que apenas diz respeito aos outros. Não, esta é a única preocupação que *don* Giussani tem conosco, sempre: «O grave problema é o esforço com que surge o adulto. [...] Portanto, aquilo que falta como impressão geral é a personalidade de fé. Têm personalidade na cultura, na profissão, no temperamento, mas não personalidade de fé eclesial (não intimista) e portanto

¹⁰¹ Santo Agostinho, *A Eucaristia: corpo da Igreja*, Roma, Città Nuova Editrice, 2000, p. 43.

¹⁰² João Paulo II, *Mensagem a Mons. Luigi Giussani por ocasião do XX aniversário do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 11 de Fevereiro de 2002.

há uma ausência de criatividade, porque, se falta o sujeito humano, falta também a ação». ¹⁰³ Ele está preocupado com esta dificuldade em gerar personalidades adultas na fé.

Mas *don* Giussani não se contenta com esta constatação. Também identifica com clareza qual é a causa profunda desta carência: «O motivo desta situação é dado por uma gravíssima decadência do método: do método [do movimento] fica uma armação de palavras e de fórmulas, falta o génio. O génio do método está como que ressequido». ¹⁰⁴

Em que consiste esta decadência gravíssima do método? «Agora a decadência de método pode ser assim formulada: nós que entrámos na luta eclesial e social enquanto defensores do cristianismo como experiência, agora [dizia isto em 1976, mas penso que é perfeitamente válido também para os dias de hoje] privilegiamos o intelectualismo sobre a experiência, e o intelectualismo é acompanhado por um exasperado activismo. E isso é gravíssimo. Cada um de nós pode agora dizer: o movimento não é a minha vida, ou melhor, a minha vida não é movimento; o movimento é uma série de condicionamentos à minha vida, que não é, portanto, evocada por ele. [...] “Há um consenso ideológico em vez de uma experiência de vida”. Actua-se muito, fazem-se muitas iniciativas, mas não se procura a verificação na vida quotidiana, ao passo que a vida quotidiana, com a humildade a que nos obriga, com o sofrimento inevitável, com a responsabilidade concreta e ineliminável, tornaria equilibrados, mais concretos e menos evanescentes, mais efectivamente fiéis [a Giussani importa o facto de que a fé possa incidir tão fortemente no quotidiano que responda à grave objecção de Pavese, àquele viver quotidiano que tolhe as pernas; sem isto a fé deixará de interessar em primeiro lugar a nós, imaginem aos outros!]. Além disso, substitui-se à inteligência da pessoa o intelectualismo das massas, porque a inteligência – como dizia São Tomás de Aquino – actua a partir da experiência [isto é decisivo]. A inteligência parte da experiência da vida: na falta desta não há inteligência na pessoa; então a sua adesão às iniciativas e o seu comportamento perante os problemas que angustiam a sociedade [...] é uma presença sem inteligência. Primeira consequência: o conformismo, há uma presença conformista, ou seja, há uma ausência de capacidade crítica. Nasce um modo de julgar que, não estando enraizado numa experiência de vida diante de Deus, é superficial e volúvel. Portanto [a pessoa, ao contentar-se,] ou repete, ou segue de maneira mecânica e surda, ou então critica reactivamente polarizando-se em

¹⁰³ *Scuola responsabili*, Collevalenza (Pg), 17-19 de Setembro de 1976. Arquivo CL.

¹⁰⁴ *Ibid.*

torno do seu parecer; bloqueia-se, queixa-se e, desdenhosamente ou não desdenhosamente, retira-se e não participa. É um juízo que não é capaz de atravessar a subjectividade do sentimento pessoal, para colaborar em criar na unidade. Segunda consequência desta falta de inteligência é que não há assunção criativa. [...] Assim se forma a habituação, [...] porque a criatividade depende do sentimento de uma vida nova e diferente que sentimos em nós [não se trata de tirar cursos em Harvard, porque é de uma vida que brota uma criatividade diferente]. Por isso o movimento não se torna a vida de cada um de nós e [...] a nossa comunicação assume um tom de “banalidade mundana insuportável” [é uma definição que descreve também determinados diálogos entre nós].»¹⁰⁵

Mas este estado de coisas não desencoraja de maneira alguma Giussani. Por que é que o Senhor, de facto, permite esta decadência? «O Senhor permitiu que nós cáissemos para termos de recomeçar mais verdadeiros, mais conscientes do facto de que só Ele é capaz de levar avante a nossa vida no caminho certo, que só Ele tem capacidade para dilatar o advento do seu reino. [...] O Senhor permite os nossos erros, os nossos pecados, como um modo estranho, mas o mais dramaticamente operativo, o mais pedagogicamente eficaz, para aprofundar a noção da nossa relação com Ele. Somos tão tenazes no amor-próprio que, sem a experiência do nosso limite, não diríamos com autenticidade: “Deus, tu és tudo” e “eu sou nada”.»¹⁰⁶

Então, podemos resumir a gravíssima decadência de método com estas palavras: «Há uma prevalência decidida do intelectualismo sobre a experiência, sobre o acontecimento de vida». E este erro tem uma consequência imediata: de uma posição intelectual não poderá nunca nascer uma vida. «Este é o ponto fundamental do movimento: o adulto não cresce porque há decadência do nosso método, que é o da experiência, participação num acontecimento e não o consenso com um discurso.»¹⁰⁷

Chegados a este ponto, não é difícil imaginar que se vá à procura do culpado desta situação – já todos nos conhecemos bem, não é? –, procurando descarregar em alguém ou na organização do movimento a culpa por este estado de coisas. Mas Giussani tolhe cerce, identificando o verdadeiro responsável: o problema és tu, sou eu, é cada um de nós. Eis o que ele diz: «Ser do movimento é participar numa mudança na concepção de vocês próprios, da vossa relação com os outros: o movimento é isto,

¹⁰⁵ *Verso una vita di fede più matura*, Comunhão e Libertação (org.), *pro manuscritto*, Milão, 1976, p. 8-9.

¹⁰⁶ *Id.*, pp. 8, 10.

¹⁰⁷ *Scuola responsabili*, Collevalenza (Pg), 17-19 de Setembro de 1976. Arquivo CL.

não é apenas uma arma para julgar os outros, é eliminar qualquer álibi, qualquer rumor, porque o problema *és tu* e nada mais. O movimento, de facto, tem extrema necessidade de gente que se torne adulta: mas quem é o adulto? O adulto é definido por uma maneira própria de viver as relações. O adulto cristão é, portanto, quem vive, tende a viver as relações à luz da fé (entre marido e mulher, entre pais e filhos, na comunidade e fora dela). O que quer dizer [viver as relações] à luz da fé? Quer dizer que o adulto tende a viver as relações à luz desta Presença [que nos investiu], porque a fé é isto. Não é necessariamente adulto quem faz os discursos, quem proclama um método e nem sequer quem é responsável pelas iniciativas ou quem dá as coisas para fazer, porque não são estas coisas que o definem: o adulto é quem tende a viver as relações com as pessoas em Cristo»,¹⁰⁸ deixando que sejam vestidos pela Sua presença. Sem o prevalecer daquela Presença no olhar, na vida, como uma coisa real e presente, sem que aquela Presença afecte a forma de nos relacionarmos com o real, nós vivemos a relação com tudo como todos os demais. Só quem tende a viver toda e qualquer relação – consigo, com as pessoas em casa, no trabalho, com os amigos, com as circunstâncias – em Cristo, ou seja, com a Sua presença no olhar, no coração, poderá verificar a vitória de Cristo ressuscitado. É uma experiência que cada um tem de fazer: não a podemos substituir por comentários ou por opiniões.

Continua Giussani: «Esta fisionomia da vida cristã é cheia de vitória, audácia, porque Cristo é vitorioso. Cristo ressuscitou aqui, em mim, no ambiente de trabalho, onde que que eu vá, em minha casa: ressuscitou. Sou vitorioso, porque é vitorioso [ou seja, ressuscitou] quem me possui. [...] Esta é a *vitória* que vence o mundo, ou seja, a nossa carne, a nossa insignificância [porque investida pela sua Presença viva, real]».¹⁰⁹

E qual é o sinal da fé como experiência? A letícia. Se esta vitória não for uma experiência vivida, não estamos felizes. É inútil querer tapar o sol com a peneira. Podemos encher as nossas reuniões com palavras, mas faltando a experiência da vitória de Cristo em nós, «não estamos felizes e não mudamos nada à nossa volta».¹¹⁰

A finalidade desta tensão para viver todas as relações em Cristo, ou seja, vestidos pela Sua presença, é alcançar aquilo que para Giussani constitui o adulto: a unidade de vida (que é o contrário da fragmentação que tantas vezes nos caracteriza): «O adulto é quem alcançou a unidade

¹⁰⁸ *Jornada de início de ano di CL*, Milão, 10 de Setembro de 1977. Arquivo CL.

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ Convegno adulti, Varese, 19 maggio 1979, Arquivo CL.

de vida, uma consciência do seu destino, do seu significado, uma energia de adesão. O adulto é qualificado pela afeição e, portanto, pelo gosto do seu significado».¹¹¹

Face a determinados mal entendidos que se tinham verificado relativamente ao significado da personalização da fé, Giussani é obrigado a fazer duas pormenorizações.

a) A personalização da fé não significa de todo um virar-se para os próprios problemas pessoais ou uma suspensão do ímpeto missionário. De facto, não é «suspendendo a presença missionária que vou encontrar a solução para resolver os meus problemas, que consigo resolver estes problemas», observava um amigo. Pelo contrário, como dizíamos antes, a personalização da fé é a tensão para viver todas as relações, circunstâncias, desafios, incluindo o problema pessoal, à luz da presença de Cristo, deixando que sejam investidos pela presença de Cristo. Também, ou sobretudo melhor, os problemas pessoais devem ser abordados à luz da Presença que nos alcançou.

b) Mas sem que a fé mostre a sua pertinência aos nossos problemas pessoais, a nossa missão é uma presunção: «Nestes anos passados, nós fomos verdadeiramente vítimas da presunção do movimento como panaceia da Igreja e da Itália [da sociedade], mas isso leva-me à raiz da observação: que se o movimento não é a experiência da fé enquanto resolutive, enquanto iluminadora das minhas problemáticas, também não pode ser proposta aos outros [se a experiência da fé não é vivida como iluminadora das minhas problemáticas, se ela não nos serve, tornamo-nos presunçosamente juizes de todos!]. A proposta é através da minha humanidade, e por isso é, através da minha humanidade, resposta, ou da minha humanidade provocada [que o movimento se pode tornar uma proposta para outros]. [...] É verdade temos um dever missionário para com a Igreja e a Itália, e para com a sociedade de hoje, mas é através, é passando através do fenómeno da problemática pessoal, a resposta a esta, a provocação feita a esta, [...] que a missão verdadeiramente passa a ser uma proposta sustentável. [...] O ímpeto da missão é uma gratidão, caso contrário é uma presunção».¹¹²

Então, o que quer dizer personalizar a fé? Quer dizer o seguinte: «Tudo quanto nos é dito e dado [a proposta que nos é feita] deve interessar a vida [a vida!]. E a vida é a emoção do coração, a dor de cabeça, o

¹¹¹ Consiglio di CL, Milão, 18-19 Junho de 1977. Arquivo CL.

¹¹² Centro de CL, Milão, 17 de Novembro de 1977. Arquivo CL.

olhar sobre as coisas, a curiosidade acerca de tudo, o encontrar, o riso e o pranto, o entusiasmo e o desânimo [uma descrição excelente para “concretizar” o facto de que, se a fé não for pertinente às exigências da vida, a nós não interessará e será inútil para todos]. Numa sociedade como esta não se pode criar algo de novo senão com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativas que se aguentem. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha [inconfundivelmente minha].¹¹³

Então, como pode produzir-se de facto a personalização da fé? É preciso que Cristo predomine em tudo. É preciso «que comendo e bebendo, que vivendo as relações com os amigos, indo trabalhar, indo estudar, na vida afectiva com a tua mulher e com o teu homem, com os teus filhos, com os outros, na vida pública, na rua, esta palavra que nos chama pelo nome nunca seja esquecida, este Cristo que domina o nosso coração, que penetra a nossa sede de felicidade para dizer: Eu sou o caminho, a verdade, a vida [nunca seja esquecido] [...]. O movimento é isso. É como se a vida do movimento devesse constituir a experiência de uma razão maior para viver, aliás, da única razão adequada, total para viver. [...] O movimento é o que ajuda isto e basta. Ajuda a seres tu próprio».¹¹⁴

Qual é, pois, o caminho a percorrer para que se produza esta personalização da fé?

3. O método da personalização da fé é o seguimento

«A vida aprende-se seguindo quem vive: não porque seja melhor do que tu! Pode ser um milhão de vezes pior do que tu! Mas como método, como atitude de vida, como comportamento, como atitude aplicativa é um exemplo. Segue-se um exemplo, não se segue um discurso. Porque o discurso está à mercê da própria interpretação, ao passo que seguir um exemplo desafia o nosso modo de agir.»¹¹⁵

Don Giussani apontou constantemente o seguimento como método para a maturidade: «Há um único meio, meus amigos, para sermos educados nesta presença, para sermos sustentados na fé até se tornar testemunho e não agitadores ou agitados como numa associação: este modo

¹¹³ «Movimento, “regola” di libertà», in *CL litterae communionis*, n. 11, Novembro de 1978, p. 44.

¹¹⁴ Jornada de início ano de CL, Varese, 17 de Setembro de 1978. Arquivo CL.

¹¹⁵ *Encontro dos Padres de CL*, Idice San Lazzaro (Bo), 7 de Janeiro de 1980. Arquivo CL.

com o qual podemos aprender a presença é o seguimento».¹¹⁶ «Seguir quer dizer identificar-se com pessoas que vivem a fé com mais maturidade, *envolver-se numa experiência viva*, que “passa” (*tradit*, tradição) o seu dinamismo e o seu gosto para dentro de nós. Esse dinamismo e esse gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não no fim de uma lógica, mas quase por pressão osmótica: é um coração novo que se comunica ao nosso, é o coração de outro que começa a mover-se dentro da nossa vida.»¹¹⁷ Tudo menos raciocínios, comentários ou bitates! O seguimento é uma experiência viva!

Por isso, como vos escrevi na carta depois do Sínodo, citando *don Giussani*: «O seguimento é o desejo de reviver a *experiência* da pessoa que, com a sua presença, te provocou e te provoca na vida da comunidade, é a tensão para ser, não como aquela pessoa na sua realidade concreta cheia de limitações, mas como aquela pessoa no valor ao qual se entrega e que, no fundo, redime até a sua figura de pobre homem; é o desejo de participar da vida daquela pessoa que te trouxe Algo diferente, e é a Ele que és afeiçoado, é a Ele que aspiras e a Ele que queres aderir, dentro deste caminho».¹¹⁸ Esta frase permanecerá para nós como o termo de comparação constante para verificar se cada um está a seguir ou não, ou seja, se está a reviver uma experiência ou não. E graças a Deus, como de costume, *don Giussani* não nos deu apenas esta explicação total do seguimento, mas também avaliou os conceitos de seguimento divulgados entre nós, identificando os seus limites, para apaixonadamente nos ajudar a não perder tempo.

Então, sem a pretensão de sermos exaustivos, vejamos algumas formas de redução do seguimento.

a) A primeira redução do seguimento é a sua identificação com ouvir um discurso ou com repetir palavras ouvidas (pensando, assim, ter ainda mais a certeza de seguir). «Mas o seguimento não é nada disso!»,¹¹⁹ diz *Giussani*. Eu posso, realmente, ouvir o que outra pessoa diz e repeti-lo sem mover o centro do meu eu, sem que, portanto, o centro do meu eu seja tocado na sua raiz. E então a proposta não gera em mim nada de novo, não renova o meu ser. No entanto, se perguntássemos a quem procura repetir ou aprender um conteúdo verbalizado que termo usaria para des-

¹¹⁶ *Jornada de início de ano de CL*, Milão, 10 de Setembro de 1977. Arquivo CL.

¹¹⁷ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Milão, Bur, 2006, p. 59.

¹¹⁸ Cf. L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit. p. 137.

¹¹⁹ Diaconia diocesana, Milão, 9 de Janeiro de 1980. Arquivo CL.

crever o que está a fazer, responderia sinceramente: «A seguir: estou a seguir». Mas não, isso é uma redução do seguimento, isso não é seguir; repetir o discurso não é seguir. Dizia Daniélou: «Toda a ciência do mundo pode alargar as dimensões da gaiola em que o homem se encontra mas não o pode fazer sair desta gaiola».¹²⁰ Apenas uma experiência o pode conseguir: «O seguimento é identificar-se e tomar para si, imitar – esta é a palavra – imitar a tradução concreta e prática, as modalidades concretas e práticas nas quais quem guia a comunidade, quem guia o movimento, traduz o discurso que faz!».¹²¹

b) A segunda redução é identificar o seguimento com iniciativas, reuniões e coisas para fazer. «O Movimento nasceu de uma presença que se impunha e trazia à vida a provocação de uma promessa a seguir. Mas depois confiámos a continuidade deste início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e às coisas a fazer. Não o confiámos à nossa vida, de maneira que [eis o sintoma de que não se trata de verdadeiro seguimento] o início deixou muito cedo de ser verdade oferecida à nossa pessoa e tornou-se pretexto para uma associação, para uma realidade na qual se descarregava a responsabilidade do próprio trabalho e da qual se esperava a resolução das coisas. Aquilo que devia ser o acolhimento de uma provocação, e por isso um seguimento vivo, tornou-se obediência à organização.»¹²²

c) A terceira redução do seguimento é o personalismo: acho que estou a seguir porque me ligo à pessoa. Não, diz *don* Giussani. De facto, «o seguimento é identificar-se com a inteligência e com o coração [...] uma modalidade de vida que liga aquilo que se vive com o próprio destino, que é Cristo! Por isso, o seguimento quer dizer um modo de distinguir, reconhecer e identificar-se com os valores propostos, ou seja, com a experiência proposta, que pode ser comunicada através de uma determinada pessoa; mas não se segue a pessoa, não é a pessoa que se segue! Segue-se a experiência que aquela pessoa vive, por isso [o seguimento é] livre da pessoa! Ao passo que, por exemplo, entre nós, é imensamente fácil descobrir que a gente vem ligar-se à nossa pessoa, [está a falar de si mesmo] pelo que ficam dependentes da nossa pessoa. E um sintoma claríssimo [disso] é que não se produz um *seguimento* entre eles, quer dizer, não se produz uma afeição, uma comunhão entre eles, não se

¹²⁰ J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, Brescia, Morcelliana, 2012, p. 136.

¹²¹ Diaconia diocesana, Milão, 9 de Janeiro de 1980. Arquivo CL.

¹²² Cf. L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit. p. 135.

tornam um acontecimento, não passam a ser entre eles uma unidade, um acontecimento, porque [prestem atenção à razão que Giussani dá] todos estão ligados à minha pessoa! Podem ser cem, ligadíssimos à minha pessoa... Olhem que isto é um estrago terrível!». ¹²³ Podia dizer-se: «Mas que mais queres senão ligar-te à pessoa de *don* Giussani?». Por isso impressiona que *don* Giussani diga estas coisas referindo-se precisamente à ligação com a sua pessoa! Está a afirmar que aqueles que diziam segui-lo na realidade não o estavam a seguir, e isso percebia-se pelo facto de, apesar de estarem ligados a ele, não acontecer nada entre eles. Todos “dependentes” de Giussani, “ligados” a ele; mas nenhuma afeição, nenhum acontecimento entre eles. Porquê? A razão é *don* Giussani que a dá: «Aquilo que une é que cada um aprenda», ou seja, que cada um faça a experiência daquele a quem segue. Só assim se pode produzir a comunhão, não pondo-se de acordo. É preciso que cada um aprenda de *don* Giussani, que reviva a sua experiência.

Don Giussani deixou-nos toda uma série de instrumentos – para quem quer verdadeiramente seguir –, para nos ajudar no meio das dificuldades que temos de enfrentar no nosso caminho.

Se agora retomamos a concepção de seguimento recordada anteriormente, percebemos que a questão decisiva é que em todas as reduções falta o reviver a experiência do outro que nos impressionou, ou seja, a experiência de Giussani. Se uma pessoa não percorre o caminho que permite fazer, na primeira pessoa, a mesma e idêntica experiência que faz aquele que a provocou e provoca com a sua presença, aquilo que o impressionou no outro nunca se tornará seu.

Onde é que eu vejo que estou a fazer a experiência de seguir? No facto de não me limitar a ouvir ou a repetir um discurso, de não me ficar pela organização ou pela reiteração formalista dos gestos, de não me reduzir a ligar-me de forma personalista a outrem, mas participar na vida daquela pessoa que me trouxe Algo diferente. Porque se eu, revivendo a experiência da outra pessoa, não chego a este Algo – que é aquilo que o meu coração deseja, ao qual está afeiçoado, ao qual aspira –, no tempo já não me vou importar nada com aquele seguimento, porque não conseguirei prender-me. A gente não abandona a fé principalmente por ter um problema com o dogma da Santíssima Trindade, por exemplo, mas porque, não fazendo esta experiência na vida, a fé a um dado momento perde a sua razoabilidade.

¹²³ Conselho Nacional de CL, Idice San Lazzaro (Bo), 1-2 de Março de 1980. Arquivo CL.

O Evangelho documenta continuamente as reduções a que aludimos. Também os discípulos tentam ligar-se de forma personalista a Cristo: «O dono da casa poderá levantar-se e fechar a porta, e vós começareis a bater à porta do lado de fora a dizer: “abre-nos, Senhor”. Mas ele responder-vos-á: Não sei de onde sois! Então começareis a dizer: “Comemos e bebemos na tua presença e tu ensinaste nas nossas praças”. Mas ele responderá: Repito-vos que não sei donde sois!»¹²⁴

Eis um outro episódio: «“Quem dizeis vós que Eu sou?” . Então Simão Pedro tomou a palavra e disse: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “És feliz, Simão, filho de Jonas [...]”. [...] E começou a explicar aos discípulos que tinha de ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos escribas; que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Pedro tomou-O de parte e começou a repreendê-Lo nestes termos: “Deus Te livre de tal, Senhor! Isso não Te há-de acontecer”. Mas Jesus voltou-se e disse a Pedro: “Vai-te da minha frente, satanás! Tu és para Mim um estorvo, pois não tens em vista os interesses de Deus, mas os dos homens!”». ¹²⁵ Jesus não aceita que se forme uma ligação personalista com Ele: não é suficiente que Pedro adira à Sua pessoa, é necessário que ele participe na Sua experiência, porque se Pedro não refizer a experiência de Jesus, não conseguirá perceber e obedecer ao desígnio de Deus para Jesus.

O mesmo sucede a seguir à multiplicação dos pães: todos aderem, ligam-se a Ele a ponto de quererem fazê-lo rei. Mas Jesus não cede a este modo de se ligarem a Ele, porque sabe que ao homem não basta comer o pão, que o homem precisa de outra coisa, e desafia-os: «Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. [...] Assim como o Padre, que vive, Me enviou e eu vivo pelo Pai, também o que Me come viverá por Mim». ¹²⁶ Jesus quer levá-los a fazer a Sua mesma experiência.

E quando Pedro no Getsemani desembainha a espada e fere o servo do sumo sacerdote na orelha, Jesus diz: «Mete a tua espada na bainha [...]. Julgas que não posso recorrer a meu Pai? Ele imediatamente me enviaria mais de doze legiões de anjos!». ¹²⁷ Jesus não aceita reduções.

Com isto, aonde queria Jesus levar os discípulos? A perceber o desíg-

¹²⁴ *Lc* 13,25-27.

¹²⁵ *Mt* 16,15-23.

¹²⁶ *Jo* 6,53-57.

¹²⁷ *Mt* 26,52-53.

nio de Outro, a fim de também eles poderem entrar nele. Se não nos introduzisse ao Pai, Jesus não nos revelaria a origem última da Sua diferença e não nos ajudaria a fazer a Sua mesma experiência. Podemos percorrer todo o Evangelho e verificar que a concepção de seguimento que *don Giussani* nos comunica é exactamente a de Cristo: «Jesus não concebia o seu atractivo sobre os outros como uma referência última a Si [como um ligar as pessoas a Si], mas ao Pai [ao Outro ao qual aspiro, ao qual o meu coração se pode devotar e ligar-se]: a Si para que Ele pudesse conduzir ao Pai, como conhecimento e como obediência».¹²⁸ Sem um verdadeiro seguimento, a experiência de Jesus não poderia tornar-se minha, e a experiência de *Giussani* não poderia tornar-se minha, tua, nossa. Mas se ela não se torna nossa, nós ficamos sós com o nosso nada. Porque se não nos deixarmos introduzir ao Mistério de Deus, no qual está o significado último do viver, no qual podemos encontrar aquilo que corresponde à nossa espera, como podemos encarar a vida e os seus dramas, os seus desafios e as suas dores?

Por isso, se nós reduzimos o seguimento evitando reviver a experiência daquele que nos marcou, mais cedo ou mais tarde o cristianismo não nos interessará mais. Não é uma questão de estratégia. É a fé que está aqui em jogo, porque sem seguimento não veremos a conveniência humana da fé, não a sentiremos correspondente à expectativa que temos dentro do coração. Ao contrário, o sinal de que estou a viver a mesma experiência daquele que me marcou é que eu encontro o outro ao qual aspiro e portanto experimento aquela correspondência ao coração que me confirma a verdade da fé. Por isso sou afeiçoado: porque com Jesus, agarrado a Jesus, entro mais no Mistério. Jesus leva-me constantemente a entrar no Mistério do Pai. Ele veio para isto: para nos educar no Mistério, para nos introduzir ao Pai. E precisamente porque somos feitos para isto, não podemos mentir a nós mesmos e ninguém nos pode enganar. Pode distrair-nos por um tempo, mas qualquer outra coisa, uma vez que não nos corresponde, não durará muito.

Se o seguimento é o método da personalização da fé, então, seguindo, experimento cada vez melhor como a fé se torna sempre mais minha, como a relação com Cristo se torna sempre mais minha. São sinais disto a novidade da vida e a mudança que daí nasce. Estes traços começam a definir a minha fisionomia, a minha identidade, onde quer que eu esteja, em casa ou no trabalho, sozinho ou em companhia, em férias ou ocupado com os problemas que se me apresentam.

¹²⁸ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Génova, Marietti, 1999, p. 129.

É por isso que nós não podemos trocar a experiência com qualquer coisa: a experiência é o lugar da evidência, se nos cingirmos a ela não nos podemos confundir. Como diz Lewis: «O que eu gosto na experiência é o facto de ser uma coisa tão honesta. Podem dar uma série de voltas erradas; mas mantendo os olhos abertos não conseguirão ir muito longe sem que antes apareça o sinal de aviso. Podem ter-se enganado a vocês próprios, mas a experiência não está a tentar enganar-vos. O universo fala a verdade se interrogado honestamente».¹²⁹ Essa é a vantagem de alguém que quer viver: ele tem na própria experiência os sinais da verdade que o alcançou; porque a experiência tem uma tal evidência que, mesmo que queiras lutar contra ela, não a podes apagar, fica. Por isso nenhum personalismo, nenhum já-sabido, nenhuma interpretação, nenhuma redução podem ser confundidos com a experiência da correspondência, com a relação com o outro que tu desejas, ao qual aspiras. E nós sabemos isso muitíssimo bem. Por isso cada um tem de fazer as contas e decidir obedece ou não à experiência. Porque, no fundo, o que é a obediência? «No limite, a forma extrema da obediência é seguir a descoberta de si próprio à luz da palavra e do exemplo de um outro»,¹³⁰ porque atingido por outro. A descoberta de si provocada pela experiência de outro é um acontecimento absolutamente irreduzível. Podemos fazer tudo quanto quisermos, podemos enganar-nos quanto quisermos, mas este acontecimento é irreduzível, não está em nosso poder.

Por isso é que *don* Giussani resume o desafio com esta palavra: «seguimento».

4. A presença

Este seguir, através da mudança que origina em nós, é o que nos faz ser presença. A fé como experiência real faz-nos florescer como presença.

«*Ser presença*, esta é a nossa última categoria. Ser presença, seja qual for o temperamento que se tem e sem contar com os dotes de que se disponha [...] quer dizer um modo diferente de ser dentro de uma situação – porque não se vive senão dentro da relação com a própria namorada, com os amigos, com os pais, com o curso universitário que se frequenta, com o livro que se tem de estudar –, num dado momen-

¹²⁹ C.S. Lewis, *Sorpresa dalla gioia*, Jaca Book, Milão 2002, p. 131.

¹³⁰ L. Giussani, *É possível viver assim?*, vol. 1, *Fé*, Tenacitas, Coimbra 2008, p. 128.

to cultural e político da sociedade. Ser presença numa situação [olhem que forma imponente de dizê-lo] quer dizer estar nela de maneira a perturbá-la, de modo que, se tu não estivesses, todos dessem por isso. Onde estiveres, os outros irão irritar-se ou admirar-te, ou parecerão ser indiferentes, mas não poderão deixar de reconhecer a tua “diferença”. Ser presença quer dizer estar dentro de uma situação tornando Cristo acontecimento da nossa pessoa. [...] O verdadeiro anúncio [está aqui o ponto decisivo!] fazemo-lo através daquilo que Cristo perturbou na nossa vida, dá-se através da perturbação que Cristo realiza em nós: *nós tornamos Cristo presente através da mudança que Ele produz em nós. É o conceito de testemunho*. Nós usamos facilmente a palavra presença, mas a presença é sobretudo isto: a perturbação admirável, fascinante, que a amizade que se instaura entre nós por Cristo – esse tipo de amizade capaz de letícia e de alegria, da impossível gioia – provoca.»¹³¹

O Papa Francisco recordou-nos isto: «Pergunto-me: onde encontram os primeiros discípulos a força para este seu testemunho? [...] A sua fé baseava-se numa experiência tão forte e pessoal de Cristo morto e ressuscitado, que não tinham medo de nada e de ninguém [...] quando uma pessoa conhece verdadeiramente Jesus Cristo e crê nele, experimenta a sua presença na vida e a força da sua Ressurreição, e não consegue deixar de comunicar esta experiência».¹³²

Nós, portanto, só perturbamos um ambiente através da mudança que Ele produz em nós. É este deixar-se moldar por Ele que faz de nós testemunhas, como diz ainda Daniélou: «Aquilo que faz um testemunho é o facto de manifestar uma acção divina precisamente quando não se encontra uma generosidade excepcional. O heroísmo demonstra aquilo que o homem pode fazer. A santidade demonstra aquilo que Deus pode fazer».¹³³

Aquilo que nós esperamos é tornar-nos, em todas as situações, aquela «irrupção» descrita por Julien Green: «Pensei hoje no alarido, nos milhares de palavras inúteis, no barulho da rua, barulho infernal, deprimente, nos telefonemas, etc., tudo aquilo que forma o tecido dos dias e, no meio do caos, um homem que com gestos calmos e palavras que nunca mudam realiza o milagre da vinda de Deus entre nós. [É a] irrupção da fé [...], irrupção do infinito no nosso tempo artificial».¹³⁴ Que é aquilo que todos

¹³¹ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma, Edit Editoriale italiana-Il Sabato, 1993, pp. 345-346.

¹³² Francisco, *Regina Coeli*, 14 de Abril de 2013.

¹³³ J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, op. cit., p. 128.

¹³⁴ J. Green, *L'espatriato. Diario 1984-1990*, Milão, Mursia, 1992, p. 68.

esperam, como nos recorda *don* Giussani: «O que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio [que é uma intelectualização da fé ou um discurso]. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o facto de Cristo é uma realidade tão presente que a vida delas mudou. É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: “Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa”». ¹³⁵ Foi assim que se consumiram dois mil anos de história e nós podemos fazer agora a mesma e idêntica experiência de Zaqueu. Nós testemunhamos a todos que Cristo está presente através da mudança que surpreendemos em nós.

«A normalidade torna-se inesperadamente densa e tensa segundo a sua verdade, e a sua verdade é a relação com o Infinito [...]. A normalidade, instante a instante, é relação com aquela presença. [...] A presença de Cristo, na normalidade do viver, implica sempre mais o bater do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana e ilumina, entenece, embeleza, adoça o conteúdo da vida quotidiana, cada vez mais. Não há nada de inútil, não há nada de alheio, porque nada é alheio ao teu destino, e por isso não há nada a que não nos possamos afeiçoar, a tudo nos afeiçoamos, nasce uma afeição a tudo, tudo, com as suas consequências magníficas de respeito pela coisa que fazes, de precisão na coisa que fazes, de lealdade com a tua obra concreta, de tenacidade para perseguir o seu fim; tornas-te mais incansável.» ¹³⁶

Di-lo bem Werfel: «Cada gesto seu, cada saudação, cada sorriso estavam cheios daquele infinito que não havia necessidade de chamar pelo nome», ¹³⁷ de tão manifesto que era.

Se é esta mudança que torna Cristo presente, então é preciso purificar a nossa concepção de presença de determinadas conotações com que por vezes é identificada, como nos recomendava *don* Giussani: «Desde a Equipe de 1976, cujo título era *Dall'utopia alla presenza*, foi feito um caminho que nos incita agora a penetrar e desfiar a palavra presença: é preciso penetrá-la e desfiá-la. [...] A presença é um tema que coincide com o teu eu. A presença nasce e consiste na pessoa. [...] E aquilo que define a pessoa como actor e protagonista de uma presença é a clareza da fé, é aquela clareza de consciência que se chama fé [...]. A presença consiste

¹³⁵ L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Milão, Bur, 2003, pp. 23-24.

¹³⁶ L. Giussani, *Um evento reale nella vita dell'uomo...*, op. cit., pp. 101-104.

¹³⁷ F. Werfel, *Barbara*, Milão, Corbaccio, 2000, p. 52.

toda ela na pessoa, nasce e consiste na pessoa e a pessoa é inteligência da realidade até tocar o horizonte último». ¹³⁸

Assim como a personalização não se reduz a um intimismo ou a uma suspensão do ímpeto missionário, do mesmo modo a centragem da presença na pessoa não é para se ler na oposição entre “público” e “privado”, como um redimensionamento da presença, um voltar-se sobre si próprio. Pelo contrário: é uma profunda recentragem segundo a posição original do movimento. Quer dizer: afirmar que a presença é inteiramente consistente na pessoa não significa separar ou opor uma esfera privada, intimista, à esfera pública (não existe esta divisão!), mas significa indicar o lugar original de toda a mudança, a raiz da qual provém um fruto cuja dilatação investe a história toda, segundo o desígnio do Mistério e não segundo os nossos programas. Tudo o resto é ilusão, engano, faz perder tempo. A pessoa não é o “privado” por oposição ao “público” (são categorias mundanas e redutoras, totalmente inaplicáveis à vida de fé). A mudança da pessoa e a existência de uma comunidade cristã autêntica tem uma valência histórica.

«A história não é definida, nos seus tempos, por nós. A nós compete-nos viver a presença: um crédito total ao Infinito que entrou na nossa vida e que se revela imediatamente como humanidade nova, como amizade, como comunhão. “Não temas, pequeno rebanho, eu venci o mundo.” “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.” A nossa fé precisará de sete, oito, nove séculos para que todo o mundo universitário seja de novo investido pela presença cristã? Não são cálculos que nós possamos decifrar, estes. A universidade interessa-nos pela edificação do nosso sujeito, não para dizer: “Vencemos”. [...] Temos de abandonar aquela interpretação ideológica da vida universitária que produz um trabalho penoso e extenuante, pesado e amargo, em virtude do qual tantos se vão embora; ao passo que ninguém se vai embora de uma humanidade nova, excepto no caso de uma rebelião diabólica e feroz.» ¹³⁹

Mas dizer isto não significa não fazer nada. Quer dizer recomeçar com simplicidade, sem presunção nem pretensões hegemónicas, por apresentar de novo gestos e lugares em que o sujeito possa ser edificado; de maneira que quem nos vir, sinta vontade de vir connosco pelo fascínio da vida que tem diante dos olhos.

«*Multipliar e dilatar a comunidade cristã nos ambientes em que vivemos*: este é, pois, o nosso contributo aos nossos irmãos homens, abertos

¹³⁸ L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo...*, op. cit., pp. 142-143.

¹³⁹ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza*, op. cit., pp. 68-69.

a valorizar até o mínimo impulso que a intuição de outrem nos mostre, prontos a colaborar com qualquer facto que, à luz da fé, nos pareça justo. O sujeito verdadeiro desta aventura, deste contributo histórico, é *a pessoa* enquanto pertence à *comunhão*. Assim surgiu a divisa “Comunhão e Libertação”.»¹⁴⁰

¹⁴⁰ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, op. cit., p. 345.

Domingo 21 de Abril, manhã

À entrada e à saída:

Sergei Rachmaninov, Concerto para piano e orquestra n. 2 em dó menor, op. 18

Sviatoslav Richter, piano

Stanislaw Wislocki – Warsaw Philharmonic Orchestra

“Spirto Gentil” n. 8, Deutsche Grammophon

Don Pino. «*Ele foi olhado, e então viu.*»¹⁴¹ O que é o *Angelus* senão o instante do dia em que tomamos consciência da iniciativa do Mistério feito carne, de Cristo, com cada um de nós? Fora desta iniciativa há apenas o emaranhado das nossas imagens. Apercebendo-nos e acolhendo a Sua iniciativa, começa o nosso protagonismo no mundo.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. A assembleia desta manhã tem por objectivo fixar alguns dos elementos que nos podem ajudar melhor no caminho dos próximos meses, porque ainda vamos ter a oportunidade de trabalhar juntos sobre o conteúdo destes Exercícios.

Na primeira noite fomos desafiados pela pergunta de Jesus: «Mas o Filho do Homem, quando voltar, encontrará a fé sobre a Terra?». Sentimos que esta pergunta foi dirigida pessoalmente a nós, não apenas em sentido escatológico, mas fomos postos a nu diante da experiência que fazemos todos os dias, porque o «quando voltar» é agora. E este desafio de Jesus, que é um abraço, corre o risco, pode correr o risco de em nós se tornar dúvida e intelectualismo. Viu-se um pouco disso como resultado do trabalho feito nos hotéis, nas perguntas que chegaram. Pensamos que pode ser útil repropor, ainda que de modo crítico, algumas destas perguntas, que na sua grande maioria eram relativas à segunda lição, evidenciando a dificuldade em responder ao acontecimento, mas dando por adquirido o próprio acontecimento.

Primeira pergunta. Identificando-nos com Cristo, nós conhecemos Zaqueu; pareceria mais imediato identificar-nos com Zaqueu. Como é

¹⁴¹ Santo Agostinho, *Discurso* 174, 4.4.

possível identificar-nos com Cristo, fazer a Sua mesma experiência? Pensar fazer a experiência de Cristo é de arrepiar.

Julián Carrón. Este é um exemplo da prevalência do intelectualismo sobre a experiência, tão difundida entre nós, porque bastaria partir da experiência que cada um de nós fez para responder a esta pergunta de forma simples. Mas nós somos «modernos» e mal ouvimos certas palavras damos-lhes logo um significado moderno.

Para nós, identificar-nos com Cristo o que quer dizer? “Imaginar” como Ele faz. Então como podemos ter a certeza de que imaginamos correctamente? E de que não reduzimos Cristo à imagem que d’Ele formamos? Quem me garante que estou a fazer a Sua mesma e idêntica experiência? É perfeitamente compreensível o receio. Mas se nós seguíssemos o que *don Giussani* nos diz – corrigindo-nos continuamente –, ou seja, que a realidade se torna transparente na experiência (a experiência que nós fazemos), seria tudo mais simples. De facto, só podemos identificar-nos com aquilo que um outro vive por uma experiência que nós tenhamos feito.

Que experiência fizemos ao embater no movimento? Quando uma pessoa encontra o movimento, quando vê algo que o espanta, não tem de imaginar nada: acusa o impacto daquilo que tem diante dos olhos. É desta inversão de método, ocorrida com o cristianismo, que *don Giussani* nos falou. E esta é a primeira coisa que também João e André ou Zaqueu sentiram: foi o choque de uma diferença. Não tiveram de imaginar nada, tiveram simplesmente de acusar o impacto de uma diversidade tão única, tão absolutamente fora do comum, tão excepcional, que foi fácil ficarem colados àquela Presença. É um embate com algo que não provém de nós, que não podemos criar nós. Digam-me se isto não é fácil! Mas quando as pessoas nos encontram, quando vêem como estamos juntos a celebrar um casamento – como me contavam recentemente numa assembleia na Lombardia –, é o mesmo: vêem um modo inaudito de estar juntos. Por isso o *caterer*, no fim de tudo, vai agradecer pela festa. Porquê? O que foi que viu? Não teve proceder a nenhuma introspecção! Não, foi marcado por uma maneira de estar juntos. E se um *caterer* fica impressionado, quer dizer que há qualquer coisa de verdadeiramente diferente, porque vê festas de casamento constantemente! Também vos referi ontem a reacção da pessoa que foi ao funeral de um de nós e ficou profundamente impressionada pelo que viu. Quantas vezes terá participado num funeral? Mas para chegar a dizer: «Assim até é bom morrer!», deve-se ter encontrado diante de qualquer coisa inaudita e irreductível, que não é fruto de um

esforço nosso, de uma actividade nossa, que não é algo que nós consigamos fazer. Ora bem, para nos identificarmos só é necessário ter feito experiências como estas.

A fé relaciona-se sempre com algo que sucede fora de nós, tem uma fonte exterior a nós, depende de qualquer coisa que não é gerado por nós, nasce de qualquer coisa com que nos deparamos. Então Giussani diz-nos: «Olham pra o que vos aconteceu», porque é essa a modalidade com que Cristo vos conquistou. Ora, só partindo da experiência presente é que nós podemos identificar-nos com Cristo sem O reduzirmos. A experiência presente é, efectivamente, a experiência daquele modo de olhar com que Cristo nos alcançou e alcança. E quando nos encontramos perante alguém que nos olha de um modo diferente, como não nunca fomos olhados, ficamos impressionados com aquele olhar. Cada qual deve ir localizar na sua própria experiência quando é que lhe aconteceu isto, para perceber o que quer dizer identificar-se com Cristo, para não reduzir tudo a uma imaginação. O cristianismo é outra coisa!

Compreendo, então, por que é que tantas vezes nós não sentimos a urgência de voltar constantemente a ler Giussani ou a ler o Evangelho: não temos necessidade. Reduzimo-nos aos nossos pensamentos, aos nossos esforços, às nossas imaginações, que não conseguem nunca dar-nos um instante de letícia. Giussani testemunha-nos constantemente, porém, que ele não pode viver sem Cristo! Temos de decidir se queremos segui-lo até ao ponto de fazer a sua mesma e idêntica experiência ou se queremos reduzir tudo à nossa medida.

Prosperi. Duas perguntas que leio juntas porque se completam.

Hoje falaste de uma exasperada tensão para dizer o Seu nome em cada aspecto e em cada instante da vida. Como é que isso pode ser vivido no quotidiano como acto livre e pacificador, e não como uma operação de medição?

Reconhecer um acontecimento é simples, como reaconteceu hoje para mim. Como podem coexistir esta simplicidade e o caminho que exige um compromisso total para surpreender o significado verdadeiro, que tantas vezes não me parece simples?

Carrón. Estão a ver? Quando contamos uma experiência é fácil: «Reconhecer um acontecimento é simples, como é reaconteceu hoje para mim». Quando nos destacamos da experiência começamos a complicar e já não sabemos mais do que estamos a falar. Esta é a prevalência do intelectualismo: emaranhamo-nos com as nossas palavras e não sabemos

do que estamos a falar. *Don Giussani* diz que, se não partirmos constantemente da experiência, acabamos por sucumbir à confusão.

Então encaremos também de frente estas perguntas. Pensemos na experiência do enamoramento. Quando uma pessoa se apaixonou, para ela apaixonar-se não quer dizer: «Agora vou-me dedicar a contemplar o seu rosto e não faço nada». Não! Precisamente por ter acontecido, aquela presença investe de tal maneira a vida que a pergunta é oposta: como podem fazer tudo, viver o quotidiano, sem sentir em vocês urgência dela ou dele? Digam-me como! A urgência do outro não é um esforço titânico que eu tenho de fazer, não! É uma coisa que surpreendo em mim. E é por causa disso que me dou conta do que me aconteceu, da presença que investiu a minha vida: eu não posso viver nenhum momento do dia (mesmo quando vou no metro, quando me visto de manhã, quando estou a almoçar), sem a exasperada tensão para dizer o seu nome. Esta tensão, esta urgência que surpreendo em mim próprio, que urge dentro de mim, é a memória dele ou dela: é isto o prevalecer de uma presença. O que é que sucede quando, a um dado momento, este fenómeno deixa de acontecer? Não se decide deixar de pensar nela ou nele porque se tem mais que fazer. Também antes estava cheio de coisas que fazer, mas não conseguia evitar que lhe voltasse à cabeça, que prevalecesse aquela presença! Quando não isso não sucede mais não quer dizer que a pessoa amada tenha desaparecido da face da terra: continua a estar ali, mas já não é o prevalecer daquela presença como determinante para a vida, o acontecimento já não urge dentro de si. Por isso digo – digo-o em primeiro lugar a mim próprio – que o problema grave para nós é que Cristo não nos falta! Podemos dar todas as interpretações que quisermos, mas o problema é que muitas vezes Cristo não nos falta. E não tem a ver com o facto de termos limitações, de cometermos erros: tudo isso existe – temos em conta tudo, tudo, porque na vida existe de tudo –, mas o problema é que Cristo não nos falta! Nós encontrámos um homem que, durante um almoço com os amigos, não podia deixar de sentir a exasperada tensão para dizer o Seu nome. Então, “exasperada tensão” ou “compromisso” é o mesmo: depois de tê-Lo encontrado, sinto a urgência d’Ele, faz-me falta! Porque se não me falta, nenhum moralismo pode substituir a tensão desta falta.

Então, como é que a exasperada tensão para dizer o Seu nome pode ser um acto livre e pacificador? O problema é inverso: se não fazem isto, como podem ser livres no meio de todos os problemas do dia?! Como podem viver em paz?! Como podemos ser sempre mais livres no meio de toda a azáfama que temos, se Cristo não nos falta, se não é Ele a preencher tudo com a Sua presença?

Mas alguns, quando digo estas coisas, objectam: «Isso é intimismo». Treta! Digam a vocês mesmos se isto é intimismo ou se é o sinal de que Cristo significa alguma coisa na vida! Isto é a fé: para viver eu tenho necessidade do reconhecimento d'Ele. O problema da fé não ficou para trás, é o nosso problema quotidiano. O que quer dizer a Sua presença para nós agora?

Prosperi. Isso tem a ver com a pergunta seguinte: o que quer dizer esperar tudo do facto de Cristo?

Carrón. Cada um tem de pôr-se esta pergunta, porque só quem encontrou Cristo sabe o que pode esperar. O que é Cristo para nós? Um dentre os outros? Como dizia o amigo citado, «é um problema de estima». Jesus é a coisa que eu estimo mais do que qualquer outra coisa ou não? O que é que eu experimentei no encontro com Cristo? É preciso responder a esta pergunta, porque depois na vida pode suceder de tudo: erramos, distraímos-nos, pensamos estar a perder o melhor, como o filho pródigo, e então, como ele, saímos de casa à procura de uma realização que imaginamos maior. E quando vivemos para qualquer outra coisa que não seja Ele, podemos ver o que sucede: propriamente como o filho pródigo! Por que é que se lembrou do seu pai, da sua casa? O que é que espera, depois de ter vivido tudo o resto, depois de ter procurado a realização por toda a parte? Com o pai ele fez uma experiência diferente, incomparável, como nós com Cristo. Portanto, o que é que o filho espera? Espera tudo aquilo que já viveu e que de outra forma não saberia, que nós também não sabíamos antes do encontro. Por isso – dizia sempre *don* Giussani – a gente pode ir embora, mas de um facto não se volta atrás. É por isso que Cristo nos pode desafiar a todos: «Façam um confronto com qualquer outra coisa, e digam-me se se encontram alguma coisa que vos corresponda mais em comparação com aquilo que Eu sou, com aquilo que experimentaram no encontro comigo!» Assim uma pessoa pode começar a ver que não há nada, nenhum outra presença, nenhum outro modo de viver a vida que seja mais correspondente à expectativa do seu coração – esta é a verificação da fé –. Não nos apercebemos em primeiro lugar por sermos óptimos, por já não fazermos as estupidezes de toda a gente, por não nos distrairmos, mas porque quanto mais uma pessoa se afasta, mais se dá conta do que lhe falta indo embora. Então a pessoa espera que Cristo seja cada vez mais tudo para ela; com sofrimento, recomeçando, tropeçando, mas sem ir embora, sem seguir outro caminho – como dizia Eliot –. Esta é, então, a pergunta que cada um se deve colocar: nós espe-

ramos tudo de Cristo? Eu espero tudo de Ti, oh Cristo? A questão não é se eu sou “capaz de”, se eu estou “à altura de”; não é esta a pergunta, mas é a de Jesus a Pedro: «Tu amas-Me? Não te pergunto se és valente, não te pergunto se amanhã não me irás trair, não te pergunto isso. Mas: amas-Me mais que qualquer outra coisa? A Minha presença interessa-te mais que qualquer outra coisa? Esperas tudo de Mim? Ou Eu serei uma de tantas outras coisas? Donde esperas tu a realização da vida?». Se para nós, no fundo, Cristo é um entre tantos, entre as muitas coisas da vida, então responderemos: «Sim, Cristo tudo bem, mas sem exagerar!». Que Cristo possa ser tudo, é esta a pergunta da fé: eu espero tudo de Cristo? A fé não é somente fazer a lista das verdades a que aderimos, essas verdades são entendidas muitas vezes como uma série de abstrações. O problema é que a verdade se fez carne, a beleza se fez carne, a felicidade se fez carne. O problema é se para nós Cristo é este acontecimento. Caso contrário nós estamos já noutro lado, e não porque sejamos incoerentes – atenção! –, porque os publicanos eram muito mais incoerentes do que nós, mas voltavam para Ele continuamente. É um problema de estima, é um problema de juízo. Não há nada de sentimental ou moralista. Quem é Cristo para a vida de cada um de nós? É um problema de juízo.

Prosperi. Outras duas perguntas ligadas entre si.

Sobre a objectividade de Cristo há dois mil anos, nenhum problema. No entanto, sobre a objectividade de Cristo hoje, o risco de seguir uma ideia nossa de Deus é muito elevado. O que é que nos livra deste risco?

Também Pedro correu o risco do personalismo, mas no fim reconheceu Cristo realmente. Qual é a ténue linha de demarcação entre seguir a presença e seguir a pessoa? E por que é que esta diferença é tão importante?

Carrón. Vêem que não é um problema apenas nosso? Também Pedro corria o risco de seguir uma ideia sua de Deus ou de seguir uma ideia sua de Jesus (do que é que convinha a Jesus); o Evangelho documenta isto, como vios ontem. Isto em nós é inevitável, como nos diz *don* Giussani: é inevitável que uma pessoa, assim que conhece alguma coisa, forme uma imagem, faça uma ideia daquela coisa; portanto, não nos devemos espantar com isso. A verdadeira questão é que, quando me vejo diante a uma irredutibilidade como a de Cristo – assim como Pedro –, eu ceda. Também Pedro, logo após ter sido louvado porque tinha confessado que Jesus era o Cristo, ouviu toda a Sua repreensão: «Tu não pensas como Deus!». Também Pedro tinha feito uma ideia de Deus. Quem nos livra

constantemente disto? Essa é a questão, hoje como há dois mil anos. Livra-nos apenas uma Presença irredutível. É por isso que a fé cristã não é possível sem ter uma objectividade diante de si, sem qualquer coisa fora de mim na qual embato, que não posso reduzir às minhas imagens, às minhas ideias, ao meu sentimento, à minha reacção, à minha interpretação. A fé cristã será sempre o embater numa Presença que te liberta das tuas medidas, te liberta da tua gaiola, te liberta do teu *bunker* (para usar uma imagem de Bento XVI). O cristianismo permanece na história porque continua a acontecer a sua Presença e por isso esta libertação de mim próprio, da minha gaiola, do meu *bunker*, porque com as minhas interpretações posso afundar-me, com os meus pensamentos posso sufocar. Em que é que eu percebo que Cristo está presente? No facto de que diante d'Ele faço uma experiência tal de libertação, de alívio, que digo: «Ei-Lo!». Como a pessoa que disse: «Este acontecimento reaconteceu ontem». Quantas vezes estando juntos, participando em alguma coisa, nos encontramos perante o testemunho de algum, perante qualquer coisa que sucede, e nós somos libertados! Sabemos que Cristo está presente não porque nós o dizemos, mas porque surpreendemos acontecer em nós este alívio, esta libertação da nossa medida, do sufoco, da gaiola. E quando sucede é um espanto tão enorme que a dá vontade de dizer: «Obrigado, obrigados por existires, oh Cristo, hoje, presente no meio de nós, no Teu corpo que é a Igreja, na Tua visibilidade histórica, irredutível às minhas medidas todas». Basta que cada um pense se sucedeu alguma coisa durante estes três dias, como chegou aqui e se sucedeu alguma coisa. Como alguém me escreveu: um tipo chega confuso, preocupado com muitas coisas, e encontra-se perante uma coisa irredutível; não porque falemos das preocupações do trabalho, do que se deixou em casa, não! Encontra-se mergulhado numa irredutibilidade. Por que é que havíamos de vir aqui, senão para isto? Por que é que havíamos de ser cristãos, se não para isto? Por que é que havíamos de pertencer ao movimento, senão para isto? Todo o nosso esforço é para que o movimento seja um lugar onde reacontece a libertação: não uma agência de actividades ou uma organização não-governamental, como dizia o Papa Francisco, mas um lugar onde reacontece a novidade do meu eu, de maneira que se possa voltar para casa diferente. Então, ser libertados é viver o cristianismo como um acontecimento. Só podemos vivê-lo segundo a sua natureza se reacontecer constantemente como acontecimento. Caso contrário perde o interesse. Porém, se sucede todas as vezes, então ligamo-nos cada vez mais, enchemo-nos cada vez mais de razões. É por isso que temos repetido, até cansar, que se o cristianismo não é uma experiência presente,

onde eu encontro a confirmação de que responde às exigências do viver, a fé não poderá resistir num mundo em que tudo diz o contrário. É esse o nosso problema. Por isso, se Giussani insiste em denunciar as reduções do movimento ou do seguimento, segundo todas as variantes de que falámos nestes dias, não é por um gosto analítico ou para nos censurar alguma coisa: é para salvar-nos! Porque todas estas variantes nunca serão o cristianismo, nunca serão o movimento. O movimento será e é o embate do início, mesmo com pessoas como nós cheias de fragilidades: é o impacto do início que nos libertou. Se não for isto, com o tempo deixará de nos interessar.

Prosperi. As duas últimas perguntas referem-se a experiências particulares que, no entanto, levantam questões que a todos nos dizem respeito.

Depois da experiência significativa do CLU, voltei para a minha terra e experimento uma grande dificuldade com a comunidade local do movimento, que me parece muito diferente da vida do Clu. Face a esta dificuldade, dizem-me que sou eu que não consigo valorizar o que existe. É neste caso que Carrón diz que o problema é meu? Nestas condições o que significa o seguimento?

Carrón. A primeira coisa que é preciso dizer é que a Fraternidade é uma, e o movimento é um, assim como a Igreja é uma. É preciso abrir as janelas das comunidades e dos grupinhos porque, se em cada comunidade não corre todo o ar da totalidade do movimento, se em cada grupo não corre todo o ar da Fraternidade, então tudo se torna sufocante, como se torna cada grupo de amigos. Ninguém agora, qualquer que seja a situação em que se encontre, pode não ter ao alcance da mão toda a riqueza da vida do movimento, ainda que esteja no lugar mais remoto da Terra. Portanto, tudo aquilo que a vida do movimento é chega até ali. No fim da primeira lição fiz a comparação com a Igreja. Este tipo de auto-referencialidade de cada comunidade pode dar-se, de facto, mesmo em relação ao movimento; e não nos safamos alterando a estratégia. Não! Para fazer sair os apóstolos da redução que realizavam, Cristo não alterou a estratégia: deu a vida por eles, morreu e ressuscitou por eles. É preciso aceitar participar na totalidade da vida da Igreja, que se comunica não apenas encontrando-se para comer com os amigos: a vida da Igreja é muito mais rica que todas aos nossos esforços e se nós reduzimos a nossa companhia aos nossos esforços, para onde vamos? Se nós não temos a mesma respiração da totalidade da Igreja e não sentimos toda a urgência de participar nesta objectividade muito maior do que

nós, que nos perdoa, que constantemente nos alimenta com a Eucaristia, que constantemente nos oferece a Sua palavra, nos oferece toda a riqueza do Seu testemunho e da Sua companhia, como podemos não sucumbir? Sublinho isto porque aquilo que sucede com a Igreja sucede com o movimento. Se em cada grupo a vida não está aberta a esta totalidade, sufocamos. Cada um tem tudo o que é necessário para viver, no lugar em que se encontra. «Nenhum dom de graça vos falta»¹⁴² dizia São Paulo à comunidade de Corinto, no meio de todo o Império romano, quando eram “três gatos pingados”. «Nenhum dom de graça vos falta.» E então ninguém é impedido de viver, em toda e qualquer situação, em toda e qualquer comunidade, em todo e qualquer lugar: pode inclusivamente valorizar tudo quanto existe, sem reduzir a comunidade àquilo que existe, mas abrindo-a de par em par. Tu podes chegar ali com toda a riqueza daquilo que viveste no CLU e perturbar a comunidade pela perturbação que ocorreu em ti, como dizíamos: se pode suceder uma perturbação no ambiente de trabalho, pode acontecer também nas nossas comunidades. Esperamos, aliás, que alguém continue a perturbar as comunidades. Caso contrário estamos arrumados! Por isso, ninguém nos impede de viver, seja qual for a situação em que o Mistério nos colocou.

Prosperi. Disseste-nos que o acontecimento não é gerado pelo nosso fazer. Mas o movimento incita-nos a realizar gestos (caritativa, tendas Avsi, Banco Alimentar, etc.) que são um instrumento educativo. Como é que este fazer não se reduz a activismo?

Carrón. Aquilo que nos sucedeu não foi produto do nosso fazer. O acontecimento não é gerado pelo nosso fazer, e desde o início não foi gerado pelo nosso fazer. Nós deparámo-nos com uma coisa diferente que não tínhamos criado e que mudou a nossa vida. Tudo quanto fazemos, os gestos são expressão daquela novidade que o movimento introduziu, da novidade que Cristo introduziu na vida. O problema é quando os gestos, em vez de serem expressão daquela novidade, se convertem em coisas a fazer. Todas as mulheres percebem isto. Quando se casam e levam a peito manter a casa bem e em ordem, ou de fazer um almoço apetitoso, para que a casa seja um lugar aonde se deseja voltar, por que é que o fazem? Pelo ímpeto que aquilo que lhes sucedeu preencha tudo. E então cada gesto é expressão de um amor, de uma paixão pela vida da sua família. Que desgraça quando isto se perde e tudo se converte em “coisas a fazer”!

¹⁴² 1 Cor 1,7.

Aquilo que era expressão de um amor converte-se então numa lamentação: «Ainda tenho de fazer mais fazer isto? Tu estás sempre a ir embora, e eu aqui a limpar!». Que pode fazer algum sentido, não o discuto. Os maridos não tomem isto como pretexto para se sentirem justificados, porque acontece o mesmo com homens!

Os gestos podem ser expressão de um acontecimento, expressão de um amor, de uma paixão, ou ser simplesmente reduzidos a coisas a fazer: em vez de gerarem continuamente a relação, de serem expressão da relação e facilitar o crescimento da relação, são só coisas a fazer.

O risco é sempre esta dupla redução: activismo ou intimismo. Desta contraposição mortal, o exemplo mais patente é o episódio de Marta e Maria. Marta anda atarefada, e tanto! Quem de nós não teria ficado contente honrado por fazer coisas por Jesus, de o ter como convidado em sua casa? Mas pode-se ter Jesus em casa, ter a sorte de servi-Lo, e fazer prevalecer, apesar disso, a lamentação. «Olha, a Maria nem me dá uma mãozinha!»: prevalece a lamentação. E então, quando Jesus diz a Marta: «Uma só coisa é importante», não está a dizer que é melhor a contemplação do que a actividade; não, está a sublinhar que Marta não entende que, faça o que fizer, o que deve prevalecer é o facto de Cristo, o facto de ter a honra de estar com Ele, que tudo aquilo é por Ele. Quando Jesus lhe diz isto, não é uma repreensão. «Se tu não te dás conta disto, caríssima Marta, o teu fazer não te basta; e vê-se pela lamentação.» Quando *don* Giussani nos convida a não sucumbir ao activismo, não o faz por não querer que façamos actividades; e quando nós dizemos estas coisas, não é para insistir no intimismo em vez do activismo. Não, não façam confusão! O facto é que a actividade, quando não é vivida segundo a sua verdadeira natureza, gera a lamentação, porque não é expressão de um amor, porque não ajuda a fazer memória daquele amor, porque não me torna consciente daquele amor. De facto, ainda que estivesse numa atitude intimista e não O reconhecesse, seria o mesmo: lamentação! O problema não é o activismo ou intimismo, o problema é se prevalece a Sua presença ou não. A alternativa não é entre o fazer e o não-fazer, mas é entre deixar entrar uma Presença e ser tocado por ela, tanto que domina a vida, ou não. Se Ele não prevalece, podemos fazer ou não fazer, mas a lamentação, o mal-estar, predomina. Tantas vezes a gente se retira dos espaços para não complicar a nossa vida. Mas isso responde? Qualquer forma desta contraposição responde? O problema é que por vezes pensamos que agindo assim nos podemos governar. Não! É preciso que o nosso agir seja todo investido pela Sua presença, assim como o nosso descanso. Porque o que sucede no fazer, sucede no descanso. Assim, mesmo quando não fazemos

nada, Ele não nos falta: a mesma redução que transforma a actividade em activismo produz-se no descanso, pelo que vamos de férias como os pagãos, esperando unicamente o que toda a gente espera, em vez de viver também as férias como ocasião da memória d'Ele, da exasperada tensão para dizer o Seu nome.

A questão, no fim de contas, é sempre a fé: se prevalece esta Presença como acontecimento na vida. Atenção! Não nos confundamos, como se isso quisesse dizer que é preciso sei lá que raça de coerência ou de irrepreensibilidade. Não, não, não! Vemos isto bem quando o acontecimento do apaixonar-se está vivo. Podemos continuar a fazer os erros de antes, mas prevalecem a urgência, a gratidão e a alegria pela presença da pessoa amada. Estou contente porque Tu vives, Cristo, porque Tu existes; não sou obrigado a sufocar em qualquer coisa que eu faça, em actividade ou em descanso, porque Tu existes! É a questão da fé, porque para nós a fé é algo que tem a ver com tudo, não uma coisa que se retira a uma porção de vida. A fé é algo que tem a ver com tudo.

Por isso, continuamos o nosso caminho procurando seguir aquilo que a Igreja nos propõe no Ano da Fé, a fim de podermos redescobrir a beleza da fé, para viver, para viver mais, para viver mais intensamente, para viver com verdadeira intensidade a vida, de modo a responder àquele «quotidiano que tolhe as pernas». Senão a fé terá um prazo de validade; e não por maldade nossa, mas porque deixará de nos interessar. O nosso interesse deslocar-se-á para outra parte. Uma pessoa pode estar aqui e o seu interesse estar já voltado para outra parte. Não é assim tão difícil perceber que – como dizia *don* Giussani – podemos ser do movimento sem que a fé esteja no centro do nosso interesse. Não porque *don* Giussani pense que dizemos heresias contra a fé, não, mas porque o centro afectivo do nosso eu já se deslocou para outra parte: já não esperamos tudo d'Ele. Esse é o problema da fé.

Vivendo a experiência do reconhecimento da sua Presença, através daquilo que Cristo gera em nós, poderemos dar testemunho d'Ele em tudo o que tivermos de fazer, em todos os gestos que realizarmos. Acompanhem-nos nisto. Para isso existe a Fraternidade.

AVISOS

Direi algumas coisas sobre a Fraternidade que nos podem ajudar a recordar a sua finalidade. Fiquei muito sensibilizado com alguns pedidos de inscrição, que repetem o motivo, a preocupação pela qual *don* Giussani avançou a fazer a Fraternidade.

Diz um destes pedidos: «Hoje, depois de mais de dois anos no movimento, tenho a certeza de que é o caminho certo, porque o método que me oferece ajuda-me na vida; ajudam-me os juízos que damos, a partilha da experiência que aprendemos na Escola de Comunidade. Aprendo a perceber que a consistência da minha liberdade e da minha felicidade não se baseiam numa minha independência individual, mas numa relação com o Tu, com a consciência de que vou caminhando na estrada para o meu destino. A amizade e a comunhão que vivemos em comunidade fazem necessariamente parte desta estrada, desta relação e também da minha felicidade e liberdade. Por isso, gostaria de te pedir para entrar na Fraternidade de Comunhão e Libertação, porque o Senhor me fez perceber que é o meu caminho».

Um outro amigo escreve: «Gostaria de entrar na Fraternidade de Comunhão e Libertação, porque me dou conta que é a única estrada que me faz verdadeiramente feliz e através da qual Cristo se me dá a conhecer. O movimento é precisamente o modo como se dá a conhecer. Quando conheci CL eu era um grande individualista [esse é o ponto: uma pessoa pode começar por ser assim, individualista, mas depois deseja pertencer porque fez a experiência de uma libertação da sua gaiola], um homem que queria ter êxito em tudo sozinho, à sua maneira. CL era um projecto meu, e não apenas CL, mas toda a minha vida era um projecto meu [quando temos esta posição, fazemos também do movimento um projecto] e eu teimava nisto. Depois tinha de procurar compromissos, e quando não funcionava começavam os problemas. Mas aos poucos, em tudo aquilo que vivia, quer no bem quer no mal, aprendi que aquilo que eu necessito é um lugar onde posso continuamente encontrar Cristo vivo [começa-se como se pode, somos uns coitados; a questão é que, a certa altura, encontramos-nos perante qualquer coisa de irredutível]». «Aprendi aquilo de que tenho necessidade: um lugar onde posso encontrar Cristo vivo [por experiência ele sabe o que vivia no início e o que está a suceder vivendo dentro de um lugar como o movimento]. Para mim este lugar passou a ser a comunidade das pessoas de CL onde se renova em mim a memória daquilo que na minha vida é importante. É também o lugar onde continuamente aprendo, onde me sinto em casa.»

Na última diaconia da Fraternidade, no mês passado, um amigo dizia-nos que em pouco tempo morreram três amigos em Montreal, no Canadá. Um deles, doente de cancro, tinha pressa de se inscrever na Fraternidade antes de morrer, tanto que pediu para ser aceite o mais depressa possível. Foi sepultado com o cartão de inscrição na Fraternidade no bolso, junto ao coração, como um tesouro. Queria morrer pertencendo ao lugar onde Cristo se tinha aproximado e ficado junto dele.

Don Giussani, numa entrevista de 1992, dizia: «a inscrição na Fraternidade é um acto pessoal, de total iniciativa do indivíduo, não uma escolha realizada por um grupo. Nasce como necessidade pessoal para a própria fé [como vimos] e para realizar-se a própria fisionomia cristã. A sua finalidade [...] é participar numa companhia que ajude no caminho para a santidade; ou seja, no conhecimento de Cristo, no amor a Cristo para o bem dos homens, pelo reino de Deus na terra».¹⁴³

Devíamos ler com frequência estas frases, porque nos dizem o que é a Fraternidade, face a todas as nossas reduções. «Nasce como necessidade pessoal para a própria fé», ou seja, para a própria vida, como um «participar numa companhia que ajude no caminho para a santidade».

Quando isto não se percebe, quando a pessoa reduziu a sua carência e a sua necessidade, então também não se percebe verdadeiramente o que seja a Fraternidade. Em Janeiro, por exemplo, na reunião dos responsáveis dos Estados Unidos, alguns dos participantes falaram-me na dificuldade que alguns têm em participar na Fraternidade. Porquê? Porque a Fraternidade é uma proposta que afecta a totalidade da vida, pela própria natureza do acontecimento cristão. Muitas vezes nós – é um problema por toda a parte – aceitamos pertencer a um clube, a associações que respondem a certas necessidades particulares, e às vezes a Fraternidade é um dentre os muitos lugares ou clubes de pertença. Os amigos americanos perguntavam-me o porquê desta dificuldade. E eu respondi: «Pertencendo à Fraternidade assim, qual é o problema? Façam a Fraternidade como um clube; qual é o problema? Está tudo bem, assim?». E então começaram a intervir, um atrás do outro, dizendo: «Não, não está bem. Falta isto à minha vida, falta aquilo...». «Ah, então reduzir a Fraternidade a um dentre muitos clubes não resolve a vida, não ajuda. Por isso é que a Fraternidade é uma proposta diferente de um clube, porque vocês têm cartões de muitos clubes, e saltam um atrás do outro a dizer o que não está bem. É por isso que a Fraternidade, se for vivida como mais um

¹⁴³ L. Giussani, «Per una fede matura», entrevista a P. Colognesi, *Litterae communis-CL*, Fevereiro de 1992, p. 26.

clube, não interessa.» Porém, a proposta da Fraternidade é diferente. Por isso, quem pode pertencer a ela verdadeiramente? Quem pode desejá-la? Quem não se contenta de menos que tudo! Ou seja, quem sente dentro de si a urgência desta necessidade pessoal. Se não surge a hipótese da Fraternidade, não surge porque falta este desejo de santidade, ou seja, este desejo de plenitude de que Giussani fala, aquele desejo de realização total da própria vida. Quem tem este desejo sente a necessidade de juntar-se a outros para ser sustentado na sua própria tentativa, estando ciente da sua fragilidade. É a amizade como companhia guiada para o destino. Que surja como hipótese é a consequência desse desejo, desse seguir. Razão pela qual bastaria sermos leais para com as nossas necessidades, para perceber a urgência que temos de um lugar real, verdadeiro, irredutível onde somos verdadeiramente ajudados.

Como dizia ainda *don* Giussani: «Uma vez que a finalidade da Fraternidade é o compromisso da responsabilidade pessoal face à santidade e ao destino, o verdadeiro problema é a capacidade de amizade, a vida em comum [no sentido de companhia guiada para o destino]. É uma partilha que se deve viver sem pretensões, sem medida, sem sentimentalismos [dizia *don* Giussani] e que chega até à ajuda social e material. Escola de Comunidade e missão são os objectivos a que dedicar-nos».¹⁴⁴

Ainda na América fizeram-me uma pergunta sobre os primeiros grupos que nasciam, com esta preocupação: «Tendo aumentado muito em todo o território os grupinhos de Fraternidade, queremos perceber qual é a importância de ser fiéis ao fundo comum, de seguir uma regra que permita dar uma certa estrutura a esta amizade». Aqui vemos, como dizíamos antes, que fazer um gesto, estabelecer uma regra mínima de oração, encorajar-nos a sermos fiéis ao fundo comum, são pequenas coisas, é um compromisso mínimo, mas é a expressão mais simples deste desejo de pertencer à única Fraternidade. Perceber o significado destes gestos simples é decisivo para não vivê-los de modo formal, mas como expressão da nossa pertença. Nisto ainda há muito caminho por fazer. Se os vivermos de maneira verdadeira, estes gestos ajudam a aumentar a consciência de pertencer e, portanto, geram constantemente esta pertença, são o modo de alimentar a consciência de pertencer, são uma ajuda.

E na Carta que enviava aos novos inscritos, *don* Giussani escrevia: «*A Fraternidade de CL* quer ser expressão consciente e comprometida, quer dizer, madura, da história do Movimento de CL. Ela quer ser o nível em que todas as intuições, que pela graça de Deus nos têm animado e nos

¹⁴⁴L. Giussani, «Per una fede matura», op. cit., p. 26.

animam, sejam realizadas, quer no sentido de “dar-se conta” delas, quer no sentido de dar-lhes um carácter efectivo». ¹⁴⁵ Neste sentido, também cuidar dos aspectos “formais” da vida da Fraternidade é importante. Impressionou-me, por exemplo, a intervenção do responsável da América Latina, na Diaconia passada, quando dizia que grande oportunidade de educação pode ser mesmo o cumprimento formal a que de vezes em quando somos chamados. Tendo de ocupar-se da eleição dos responsáveis diocesanos da Fraternidade nas várias nações – como sabem, cada três anos os inscritos das dioceses onde a Fraternidade está instituída são chamados a eleger os responsáveis diocesanos da Fraternidade –, o responsável da América Latina contava que parecia uma coisa formal e dizia: «De início não tinha muita importância para nós. Mas, tendo-a tomado a sério, percebo que mesmo um pormenor tão jurídico pode tornar-se um aspecto muito educativo. Este facto implicou para mim uma seriedade com a liberdade das pessoas que participam na eleição e um esforço de juízo sobre a situação do movimento, uma exigência da opinião das pessoas». Podemos viver formalmente todos estes instrumentos ou podem tornar-se uma oportunidade de educação para compreender o que é a nossa companhia, a nossa Fraternidade.

Dizia ainda *don* Giussani: «A Fraternidade de CL tem como objectivo garantir o futuro da experiência do Movimento, e a sua utilidade para a Igreja e para a sociedade, através da continuidade da educação e a construção de obras, em resultado dessa educação, nas estruturas da sociedade eclesial e civil. A este nível eu pretendo tomar em consideração a gente que fica até às últimas consequências». ¹⁴⁶ É isto que constrói a nossa Fraternidade: gente que quer ficar «às últimas consequências».

Fundo comum

Por último, sublinho de novo a importância do fundo comum. Como tive ocasião de dizer até publicamente na Assembleia-Geral da Companhia das Obras, em 25 de Novembro passado: «O movimento viveu desde o início exclusivamente graças aos sacrifícios económicos das pessoas que a ele aderem. Quem pertence ao movimento, compromete-se a entregar mensalmente uma quota de dinheiro livremente estabelecida, o chamado “fundo comum”, que *don* Giussani referiu como gesto educativo para uma concepção comunitária daquilo que se possui, para a consciência da

¹⁴⁵ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunhão e Libertação*, op. cit., p. 250.

¹⁴⁶ *Ivi*.

pobreza como virtude evangélica e como gesto de gratidão por aquilo que se vive no movimento. Precisamente pela razão educativa mencionada, não é relevante a soma da quota que cada um entrega, mas a seriedade com que se permanece fiel ao compromisso assumido. Para sustentar a vida das nossas comunidades em Itália e no mundo e as iniciativas caritativas, missionárias e culturais, o movimento de Comunhão e Libertação não precisa de mais [e o tenho de gritar a todos que nós não precisamos de mais!]; e por isso somos livres de tudo e de todos no desempenho do nosso dever como movimento». ¹⁴⁷

Mas nisto ainda temos dificuldade. Assim como outros gestos na vida do movimento “entram” cada vez mais (por exemplo, a caritativa, porque a pessoa percebe o bem que é para ela participar no gesto de caritativa para depois viver tudo), em relação ao fundo comum temos ainda muito caminho a percorrer, tanto que continua a haver – aqui! – três mil pessoas que não dão nada ao fundo comum. E isso porquê? Não é um problema económico, porque o fundo comum não é uma questão de quantidade, mas de fidelidade. Nós não percebemos isto ainda no seu alcance educativo, na sua capacidade de gerar uma modalidade nova de viver. E por isso temos dificuldade. Porque a primeira razão do fundo comum é educar-nos a viver tudo como recebido de Outro. Por isso nos convém não perder a consciência disto. A segunda razão é colaborar na missão da Igreja, construindo o movimento. Quanto mais entendemos o alcance, mais vamos querer que se possa difundir, que possamos testemunhá-lo em todos os lugares (onde nasce constantemente o movimento).

Alguns de nós vivem esta fidelidade ao fundo comum mesmo com dificuldades. Leio uma carta: «Infelizmente esta noite não vos escrevo aquilo que, desde há uns anos a esta parte, esperaria escrever-vos, e é que eu tinha feito um pagamento para saldar todas as quotas do fundo comum que nunca tinha conseguido pagar. Mas devo dizer-vos que não consigo mesmo recuperar as quotas não entregues [entre nós é possível também dizer isto, com a mortificação que se vive, entre nós podemos dizer as coisas com esta liberdade]. À medida que eu tentava pôr de parte alguma coisa para mandar para o fundo comum, aparecia uma despesa imprevista. Inútil será dizer que os tempos estão difíceis. O meu marido trabalhou muito com um ordenado baixo e, embora fazendo grandes sacrifícios para poder pagar a hipoteca e fazer face a todas as despesas que temos, nem sempre conseguiríamos honrar os nossos compromissos se não fosse

¹⁴⁷ J. Carrón, «Com l'audacia del realismo», *Tracce-Litterae communionis*, dicembre 2012, p. VI.

pela ajuda dos nossos pais. Até hoje nunca vos tinha escrito, e também não tinha baixado quota, que já era baixa, porque tinha vergonha de não conseguir respeitar o meu compromisso. Agora, porém, tenho vergonha de ter cedido ao orgulho e de ter perdido tanto tempo com pensamentos, em vez de participar numa obra, ainda que com pouco [não importa a quantidade, é um problema de pertença, de noção de pertença, de amor àquilo que vivemos entre nós]. Espero um dia poder recuperar e conseguir fazer um donativo». Que alguém possa experimentar esta aflição diz mais do que quanto pode dar.

Ano da fé – Peregrinação a Roma

Lembro-vos a importância da peregrinação a Roma do próximo dia 18 de Maio, proposto para o ano da fé pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, que será o primeiro encontro do papa Francisco com os Movimentos eclesiais e as novas comunidades.

Livros

Saiu o novo livro de *don* Giussani, que retoma as Equipes dos Universitários dos anos 1990-91, intitulado *Um evento real na vida do homem*. É surpreendente ver como *don* Giussani descreve a natureza do cristianismo: «O evento real na vida de um homem é o reconhecimento e a adesão a Cristo, é aceitar ter sido escolhido».¹⁴⁸ E ainda: «O cristianismo não é o vínculo que tu estabelececes com Cristo, mas sim o vínculo que Cristo estabelece contigo».¹⁴⁹ Só quem aceita deixar-se moldar por este evento real pode tornar-se um protagonista capaz de viver a interminável fadiga do viver quotidiano, sem ser derrotado pelas circunstâncias.

O livro do mês de Maio-Junho é *O poder dos sem poder* de Václav Havel (Prefácio de Marta Cartabia). O texto original foi enriquecido com outros discursos de Havel muito interessantes, posteriores a 1978. Agora podemos perceber muito melhor a força destes escritos. Basta recordar o famoso exemplo do hortelão, que é a manifestação do aspecto cognitivo, cultural, «revolucionário» de um eu que se apresenta na realidade. Este é o nosso único recurso, dizia-nos *don* Giussani.

Passos

Contava recentemente o padre Pino como ficou maravilhado pelo facto de todas as manhãs, na Universidade Católica de Milão, haver um grupinho

¹⁴⁸ L. Giussani, *Um evento reale nella vita dell'uomo...*, op. cit., p. 163.

¹⁴⁹ *Id.*, pp. 326-327.

de jovens a vender a *Passos*, e que tudo isso nasceu da iniciativa de uma rapariga que disse: «Isto não é a revista do CL. Isto é a “minha” revista». Falou disso com cinco, dez amigos. Para alguns foi a oportunidade de um encontro, como sucedeu, por exemplo, vendendo a *Passos* de Março com a capa sobre o papa Bento: algumas pessoas queriam perceber por que motivo era tão importante para nós.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 13,14.43-52; Sal 99; Ap 7,9.14-17; Jo 10,27-30

HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI

«Dou-lhes a vida eterna: jamais hão-de perecer, e ninguém as há-de arrebatâr da Minha mão.» Isto é o que Cristo deseja para mim, para cada um de nós: estar comigo, estar com cada um de nós para a eternidade. Tu queres-me Teu para a eternidade. Isto é a vida eterna. Poderíamos dizer que Jesus morre pela vontade de estar comigo. Morreu pela vontade de estar comigo, de me fazer ser d'Ele para sempre.

Mas quem sou eu para Ti? Porque só diante da fiel e inimaginável afirmação de Cristo, ou melhor, só diante desta verdadeira declaração de amor, o primeiro amor: «As minhas ovelhas», minhas – que Jesus diga de cada um de nós: «Minha ovelha» é como a mãe e o pai dizendo-o ao seu bebé, como o homem apaixonado o diz da mulher que lhe disse sim – «as minhas ovelhas ouvem a minha voz. Eu conheço-as e elas seguem-Me»; só diante desta declaração de amor podemos começar a perceber quem somos. Quem eu sou coincide com o quem eu sou para Ti; quem eu sou para Ti, oh Senhor.

Já ninguém nos há-de arrancar esta experiência, ninguém nos poderá arrancar da Tua mão, ninguém. A forma que Tu imprimiste no nosso coração, encontrando-nos um por um, não mais a poderemos tirar de nós, porque todos os milhares de pessoas que estamos aqui, todos fomos encontrados um por um; esta multidão imensa que ninguém conseguia contar, todas as nações, tribos, povos e línguas, foi reunida uma a uma. Qual de nós pode dizer que o Senhor não o conduziu aqui, limpando todas as lágrimas dos seus olhos? Tu fizeste-nos Teus, e desde esse momento já ninguém poderá tirar-nos este encontro que nos fez Teus.

Há apenas um perigo, o mesmo que para os judeus, que – como dizem os Actos dos Apóstolos – não se julgavam dignos da vida eterna. Pode-se até ter ciúmes desta pertença, e no entanto não aderir. Pode-se pertencer ao povo eleito, e não aderir. Este ponto de resistência incrível, mas sempre possível; que bem sabemos, como conhecemos bem aquele maldito orgulho, aquele amor-próprio até à ruína de nós mesmos. Mas, vendo vem, este ponto de resistência torna-nos ainda mais cheios de espanto, porque Tu, Senhor, preferes correr o risco de eu Te dizer não, antes que comprar a minha liberdade. Mas por que nos amas tanto? Porquê?

Peçamos nesta Santa Missa que o Espírito, através da carne de Nossa Senhora da qual nasceu esta companhia, nos conserve este espanto, porque é através disto que se torna verdade que nada nos separará jamais do amor do Seu Filho.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

O tema dos Exercícios deste ano: «Quem nos separará do amor de Cristo?» leva a peito a modalidade com que o anúncio cristão deve ser proposto a todos, em particular aos homens e às mulheres da nossa cansada Europa.

De facto, só a certeza de termos sido definitivamente agarrados pelo Seu amor torna possível a apaixonada abertura em relação àquilo que *don* Giussani chamava «tudo o existente e toda a existência».

Asseguro a minha proximidade na oração e no afecto nestes dias de extraordinário alcance para a vida de Comunhão e Libertação.

A todos saúde e abenço.

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo padre Julián Carrón,

Uno-me a todos vós reunidos para os Exercícios Espirituais da Fraternidade neste tempo extraordinário em que participámos em grandes momentos de graça, como a renúncia ao ministério petrino de Bento XVI e o início do pontificado do papa Francisco, novo “Bispo de Roma”. O Senhor surpreendeu-nos com a Sua presença e com a qualidade da sua proximidade. Assim como sentimos a paternidade intensa e bela de Bento, sinto particularmente, graças aos vinte e sete anos vividos em missão no Brasil, a familiaridade com o coração e o estilo imediato e simples de Francisco. Tê-lo encontrado, na Argentina e no Brasil, em Aparecida, foi uma graça que nos abre o coração a um seguimento total que comporta inteligência e plena disponibilidade, como sempre vivemos com os Sumos Pontífices, segundo quanto *don* Giussani nos ensinou.

Por isso, o tema dos Exercícios «Quem nos separará do amor de Cristo?» (*Rm* 8,35) abre-nos à escola do carisma e enche-nos de confiança no caminho que o Senhor oferece hoje a todos nós e à sua Igreja. Peça ao Espírito a graça de viver estes exercícios como uma verdadeira oportunidade, como um tempo favorável para a nossa pessoa e para a nossa missão no mundo. No “Ano da Fé” e perante tantos prodígios da mise-

ricórdia de Deus, Nossa Senhora nos faça como ela abertos a acolher o dom de Deus, a entregar-nos totalmente ao seu designio e a comunicar a todos com franqueza quanto nos aconteceu.

Invocando sobre vós a bênção do Senhor e a protecção da Grande Mãe de Deus,

Saúdo-vos cordialmente

S.E.R. Monsenhor Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade

Francisco

Santo Padre, 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios Espirituais anuais, e milhares de outros em videoconferência em 21 nações, meditaram sobre o tema «Quem nos separará do amor de Cristo?».

Gratos pela Vossa bênção, que nos faz experimentar a maternidade da Igreja, aprofundámos a consciência de que «o Senhor está vivo e caminha connosco» porque o cristianismo é a experiência de um acontecimento, Cristo ressuscitado, como nos testemunhou *don* Giussani com a sua vida e como vemos nas palavras e nos gestos de Vossa Santidade, manancial contínuo de espanto e de afeição.

Num tempo em que a fé deixou de ser «um pressuposto óbvio» (*Porta fidei*), ouvimos como dirigindo-se a nós a pergunta de Jesus: «Mas o Filho do homem, quando voltar, encontrará fé sobre a terra?». O início do Vosso pontificado encoraja-nos a redescobrir que a fé não é uma teoria ou um conjunto de regras, mas o reconhecimento de uma Presença «atrante e persuasiva porque responde à necessidade profunda da existência humana».

Na memória de *don* Giussani, desejamos reviver a sua mesma experiência para estarmos tão cheios com o olhar de Cristo que sejamos uma presença diferente, sobretudo nas «periferias existenciais» deste mundo.

Neste Ano da Fé renovamos a entrega das nossas pessoas e nossas comunidades espalhadas pelo mundo nas mãos de Vossa Santidade, com o desejo de testemunhar a alegria de ser cristãos para ajudar os nossos irmãos homens a encontrar em Cristo a misericórdia que salva.

Às felicitações pela festa iminente do Vosso santo patrono, unimos a oração a Nossa Senhora para que torne “dulces pondus” o mandato do Sucessor de Pedro, em caminho com o Seu povo.

Esperando encontrar Vossa Santidade no dia 18 de Maio na Praça de São Pedro.

Obrigado, Santidade.

Sua Santidade o papa emérito Bento XVI

Santidade, em Rimini junto a todos os 24.000 amigos da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos para os Exercícios Espirituais, e milhares de outros em videoconferência em 21 nações, meditando sobre a passagem de São Paulo «Quem nos separará do amor de Cristo?» pensei na Sua pessoa. Todos rogamos a Nossa Senhora que acompanhe Vossa Santidade na identificação com Cristo, o Amigo que nunca nos abandona. Oculto ao mundo, mas não aos nossos corações afeiçoados a Si, rogo-Lhe uma oração por todas as nossas pessoas, a fim de podermos redescobrir a alegria de ser cristãos neste Ano da Fé que Vossa Santidade proclamou com solicitude de pai, para testemunhar a beleza de ser cristãos na vida quotidiana.

*Excelentíssimo Senhor Giorgio Napolitano
Presidente da República Italiana*

Excelentíssimo Senhor Presidente, 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios Espirituais anuais, tiveram conhecimento da notícia da Sua reeleição.

«Move-me neste momento o sentimento de não me poder subtrair a assumir a responsabilidade para com a nação, confiando que vos corresponda uma análoga assunção colectiva de responsabilidade.» O seu gesto de liberdade aumenta a admiração pela Sua pessoa.

Neste dramático momento Vossa Excelência apresenta-se-nos como um recurso para a Itália, face à urgência de retomar o caminho para uma verdadeira pacificação que obtenha aquele bem tão necessário para a vida pessoal e social.

Embora cientes das nossas limitações, como crentes educados por *don* Giussani na paixão pelo destino dos irmãos homens, desejamos oferecer o nosso testemunho, juntos com todos os homens de boa vontade, como contributo para desbloquear a situação, afirmando o valor do outro na busca do bem comum acima de qualquer interesse particular.

Compreendendo o peso enorme da nova responsabilidade, fazemos votos de que obtenha aquilo por que aceitou este grande sacrifício.

*S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios Espirituais anuais, meditando sobre o tema «Quem nos separará do amor de Cristo?», na certeza de que o

Senhor ressuscitado é o único capaz de suprir a necessidade infinita do coração, confirmam o compromisso de viver uma fé sempre mais personalizada, seguindo o Papa Francisco que nos convida a dar testemunho nas «periferias existenciais» da nossa sociedade, sobretudo neste momento de grande incerteza.

S.E.R. cardeal Stanisław Rylko

Presidente do Conselho Pontifício para os Leigos

Eminência caríssima, 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, em Rimini para os Exercícios Espirituais e milhares de outros em videoconferência em 21 nações, meditando sobre o tema «Quem nos separará do amor de Cristo?», renovam o compromisso de viver o Baptismo como testemunho da alegria de ser cristãos, no seguimento do Papa Francisco.

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo, gratos pela tua mensagem dizemos-te que nestes dias fizemos de novo a experiência de Cristo presente, que nos aferra através daquela forma de ensinamento à qual fomos entregues.

Pedimos-te que rezes por cada um de nós, a fim de estarmos sempre mais cheios com o Seu olhar atraente e persuasivo – e irredutível a qualquer medida nossa – para sermos testemunhas no mundo da pertinência da fé às exigências da vida.

S.E.R. Monsenhor Filippo Santoro

Arcebispo de Taranto

Caríssimo Filippo, a tua mensagem ajuda-nos a estar mais conscientes da graça que recebemos por termos *don* Giussani como pai na fé.

Na vontade de seguir Papa Francisco, regressamos às nossas casas mais certos de que nada nem ninguém nos poderá separar do amor de Cristo se formos suficientemente simples para nos admirarmos sempre pelo acontecimento da Sua presença que reacontece entre nós agora.

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

por Sandro Chierici

(Guia de leitura das imagens seleccionadas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)

O caminho de Pedro no seguimento de Cristo – do chamamento nas margens do lago de Genesaré à vida renovada que tende para a plena identificação com Ele no ímpeto da missão, até à partilha da Sua morte na cruz – apresenta-se-nos como expressão plena de uma existência vivida na entrega total da sua pessoa ao amor de Jesus, que nada poderá fazer faltar.

1. Eugène Burnand, *Os apóstolos Pedro e João correm ao sepulcro*, Paris, Musée d'Orsay
- 2-4. Duccio da Boninsegna, *O chamamento de Pedro e André*, conjunto e pormenor, Washington, DC, National Gallery of Art
5. Giusto dei Menabuoi, *O chamamento de Pedro e André*, Pádua, Baptistério
- 6-10. Masaccio, *O tributo*, conjunto e pormenor, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
11. *A cura da sogra de Pedro*, mosaico, Monreal, Catedral
12. *Pedro salvo das águas*, mosaico, Monreal, Catedral
13. *O encontro de Cristo com a cananeia*, mosaico, Monreal, Catedral
14. Pedro Lorenzetti, *O lava-pés*, Assis, São Francisco, Basílica inferior
- 15-16. Giotto, *O lava-pés*, conjunto e pormenor, Pádua, Capela dos Scrovegni
17. André de' Bartoli, *A oração no Jardim das Oliveiras*, pormenor, Assis, São Francisco, Basílica inferior
- 18-19. Duccio da Boninsegna, *A oração no Jardim das Oliveiras*, conjunto e pormenor, verso da *Maestà*, Siena, Museu da Opera del Duomo
20. Duccio da Boninsegna, *A prisão de Cristo*, pormenor, verso da *Maestà*, Siena, Museu da Opera del Duomo
21. Duccio da Boninsegna, *A negação de Pedro*, verso da *Maestà*, Siena, Museu da Opera del Duomo
22. Duccio da Boninsegna, *A aparição de Cristo aos discípulos estando as portas fechadas*, pormenor, verso da *Maestà*, Siena, Museu da Opera del Duomo
23. Duccio da Boninsegna, *A aparição de Cristo aos discípulos no lago de Tiberiades*, verso da *Maestà*, Siena, Museu da Opera del Duomo

24. Duccio da Boninsegna, *A aparição de Cristo aos discípulos na montanha*, verso da *Maestà*, Siena, Museu da Opera del Duomo
- 25-26. Giotto, *Pentecostes*, conjunto e pormenor, Pádua, Capela dos Scrovegni
27. *Pentecostes*, miniatura do códice *Collectaneus Ottobeuren*, séc. XI, f. 28, Londres, British Library
28. *A ressurreição de Tabita*, mosaico, Monreal, Catedral
29. *Pedro cura o coxo*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
30. Masaccio, *Pedro cura o coxo*, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
31. Masaccio, *A ressurreição de Tabita*, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
32. Masaccio, *A ressurreição do filho de Teófilo*, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
33. Masaccio, *Pedro cura com a sua sombra*, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
34. Masolino da Panical, *A pregação de Pedro*, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
35. Masaccio, *A distribuição de esmolas e a morte de Ananias*, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
- 36-37. Filippino Lippi, *Paulo visita Pedro na prisão*, conjunto e pormenor, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
- 38-39. Filippino Lippi, *A libertação de Pedro da prisão*, conjunto e pormenor, Florença, Igreja do Carmine, Capela Brancacci
40. *A libertação de Pedro da prisão*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
41. *O encontro de Pedro e Paulo*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
42. *O encontro de Pedro e Paulo*, mosaico, Monreal, Catedral
43. *A disputa com Simon Mago*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
44. *A queda de Simon Mago*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
45. *Os apóstolos Pedro e Paulo*, relevo, Aquileia, Museo Arqueológico Nacional
46. *Os apóstolos Pedro e Paulo*, incisão no sepulcro do jovem Asellus, Cidade do Vaticano, Museus Vaticanos
47. Mestre de Soriguerola, *Os apóstolos Pedro e Paulo*, Vich, Museu Episcopal
48. *Crucifixão de Pedro*, fresco, Capela papal do Sancta Sanctorum, Roma, Basílica de São João de Latrão
49. Masaccio, *Crucifixão de Pedro*, predela do Políptico de Pisa, Berlim, Staatliche Museen, Gemaeldegalerie
50. Caravaggio, *Crucifixão de Pedro*, Roma, Santa Maria del Popolo

51. *São Pedro no trono*, mosaico, Monreal, Catedral
52. *Rosto de Pedro*, mosaico, Roma, Basílica de São Paulo Extramuros
53. *Rosto de Pedro*, fresco, Cidade do Vaticano, Fábrica de São Pedro
54. Escola do Vecchietta, *Pedro*, talha de madeira, Montemerano (Grosseto), São Jorge
55. *Busto de São Pedro*, mármore, Cidade do Vaticano, Basílica de São Pedro
56. *São Pedro na cátedra*, bronze, Cidade do Vaticano, Basílica de São Pedro
57. Praça de São Pedro visto da *Loggia delle Benedizioni*

Índice

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE FRANCISCO	3
<i>Sexta-feira, 19 de Abril, noite</i>	
INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO</i>	13
<i>Sábado, 20 de Abril, manhã</i>	
PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>“O anjo do Senhor anunciou a Maria”</i>	14
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S.E.R. O CARDEAL JEAN-LUIS TAURAN</i> <i>PRESIDENTE DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO</i>	40
<i>Sábado, 20 de Abril, tarde</i>	
SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>“Faça-se em mim segundo a Vossa palavra”</i>	44
<i>Domingo 21 de Abril, manhã</i>	
ASSEMBLEIA	65
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI</i>	83
MENSAGENS RECEBIDAS	85
TELEGRAMAS ENVIADOS	87
A ARTE EM NOSSA COMPANHIA	90

Suplemento da revista Passos-Litterae Communionis, n.º 6 - Junho de 2013

Edição não destinada a venda no circuito comercial

Taprobana – Associação Cultural,

Rua Mouzinho da Silveira, 27 - 7.ºB, 1250-166 Lisboa

Tel. (+351) 213590584 - redacao.passos@mail.telepac.pt

Paginação: Ultreya, Milão

Impressão: Litho Formas SA

Acabou de se imprimir em Junho de 2013

